



**MAIS MORTAIS
QUE OS HOMENS**



Título do original: *More Deadly Than The Male*.

Seleção de textos copyright © 2019 Graeme Davis.

Copyright da introdução © 2019 Graeme Davis.

1ª edição 2020

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados nesta coletânea são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Design da capa: Faceout Studio, Jeff Miller

Imagem da capa: Arcangel and Shutterstock

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Karina Gercke

Gerente de produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Davis, Graeme

Mais mortais que os homens: obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque de Motta. – 1. ed. – São Paulo: Jangada, 2021.

“Prefácio à edição brasileira de Michele Henriques, do coletivo literário Leia Mulheres”

Título original: *More Deadly Than The Male*

ISBN 978-65-5622-017-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

21-62883

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

1ª Edição digital 2021
eISBN: 978-65 5622-018-5

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP – Fone: (11) 2066-9000

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

Dedico à minha mulher, meu amor e minha melhor amiga, Jamie Paige Davis, que me prova todos os dias que as mulheres são surpreendentes. Eu te amo.

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Prefácio à edição brasileira

Introdução à edição brasileira

Capítulo I. A transformação

Capítulo II. A dama das trevas

Capítulo III. A mansão Morton

Capítulo IV. Uma história de fantasma

Capítulo V. A história de um maquinista

Capítulo VI. Perdido numa pirâmide ou a maldição da múmia

Capítulo VII. A história de fantasma de Tom Toothacre

Capítulo VIII. O fantasma de Kentucky

Capítulo IX. Na abadia de Chrington

Capítulo X. O destino de madame Cabanel

Capítulo XI. Prevenido e armado

Capítulo XII. O retrato

Capítulo XIII. O túmulo da morte

Capítulo XIV. O fantasma de Beckside

Capítulo XV. A porta oculta

Capítulo XVI. Inexplicado

Capítulo XVII. À solta

Capítulo XVIII. A caverna dos ecos

Capítulo XIX. O papel de parede amarelo

Capítulo XX. A missa de Réquiem

Capítulo XXI. O fantasma de Tyburn

Capítulo XXII. A duquesa em oração

Capítulo XXIII. O terreno baldio

Capítulo XXIV. Uma história não científica

Capítulo XXV. Uma alma insatisfeita

Capítulo XXVI. O ajuste

Agradecimentos

Sobre o organizador

Sobre a prefaciadora

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

S into arrepios cada vez que ouço alguém usar o termo “literatura feminina” para se referir a uma obra escrita por uma mulher. O adjetivo “feminino” ainda remete à docilidade, ao drama e ao delicado, características que costumam ser relacionadas apenas às mulheres. Além disso, coloca todas as escritoras numa mesma caixinha, fato que não ocorre com os homens. Parece ridículo pensarmos em “literatura masculina”, colocando Franz Kafka e Nicholas Sparks numa mesma categoria, não é mesmo? Então por que fazer isso com as mulheres? Considero impossível comparar Hilda Hilst a Chimamanda Ngozi Adichi.

Este livro que você tem em mãos é um ótimo exemplo do porquê o termo “literatura feminina” é completamente equivocado. Mary Shelley e Louisa May Alcott ficaram conhecidas por suas literaturas que em nada se assemelham, *Frankenstein* e *Mulherzinhas*, respectivamente. E aqui se encontram num mesmo gênero, o terror, que sempre foi conhecido como território dos homens, com destaque para H.P. Lovecraft, Bram Stoker e Edgar Allan Poe. Biografias à parte, são ótimos escritores, mas não são os únicos.

O gênero vive um bom momento com as mulheres, seja no cinema ou na literatura. Mas elas produziam histórias macabras, soturnas e aterrorizantes desde muito antes. A já citada Mary Shelley talvez seja o principal nome, e sua “Criatura”, que se tornou uma figura carimbada da cultura pop, é ainda maior do que sua criadora. E é justamente um texto dela que abre a presente seleção.

Seu conto “A transformação”, de 1830, tem ecos da lenda de Fausto e fala muito de virtude e religiosidade, temas sempre presentes nas histórias assustadoras.

Elizabeth Gaskell publicou aquele que talvez seja seu romance mais conhecido, *Norte e Sul*, em 1855, poucos anos depois dos clássicos *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, e *O Morros dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, ambos de 1847. O conto aqui presente, “A Mansão Morton”, de 1853, segue os passos da boa literatura vitoriana: mansões mal-assombradas, fantasmas do passado, amores não correspondidos, solidão e abandono.

Pouco se sabe sobre a escritora Ada Trevanion, mas especula-se que ela tenha sido parente de Lord Byron. Sim, aquele que foi a maior inspiração de nosso grande poeta romântico, Álvares de Azevedo. Foi na Villa Diodati, uma mansão localizada no vilarejo de Cologny, perto do Lago Genebra, na Suíça, que Lord Byron recebeu Mary Shelley e seu marido, e, com eles, John William Polidori, seu médico particular, naquela fatídica e chuvosa madrugada, em 16 de junho de 1816, na qual ela teve a ideia para escrever *Frankenstein*. O conto “Uma história de fantasma” me remeteu ao filme alemão *Senhoritas em uniforme*, de 1931, dirigido por Leontine Sagan. Claro que aqui temos o toque sobrenatural.

Ainda hoje há preconceitos contra escritoras lésbicas, e muitas pessoas gostam de rotular as respectivas literaturas dessa forma. O mesmo aconteceu com o grande James Baldwin, homem negro e homossexual, que escreveu diversos personagens, e a crítica sempre esperava que ele escrevesse como a si próprio. Em 1866 já tínhamos Amelia B. Edwards, uma das primeiras escritoras publicamente lésbicas, e que nos brindou com o conto de terror “A história de um maquinista”.

Mulherzinhas é um livro clássico e marcou a infância de muitos de nós. Graças à recente adaptação para o cinema, dirigida por Greta Gerwig, a obra deve chegar a muitas pessoas. Mas vocês sabiam que Louisa May Alcott também escreveu muita coisa de terror? Antes de Agatha Christie publicar *Morte no Nilo*, Alcott já havia escrito sobre os mistérios do Egito em 1869.

Helena Blavatsky nasceu na Ucrânia em 1831 e foi cofundadora da Sociedade Teosófica. Seu nome está sempre ligado aos estudos místicos e ocultistas, mas poucos sabem que ela também escreveu ficção voltada para o terror. O conto aqui presente, “A caverna dos ecos”, é um dos melhores exemplos do talento da autora para a ficção.

A maternidade sempre foi um assunto bastante abordado dentro do feminismo. Qual o lugar ocupado pelas mães? Felizmente o debate segue mais acalorado que nunca, com muitas pautas referentes às mães sendo discutidas. Recentemente, o cinema de terror tem usado a maternidade como plano de fundo para histórias assustadoras. Os filmes *O Babadook* e *Sob a sombra* mostram mães sozinhas lutando contra forças sobrenaturais para proteger seus filhos. Nos anos 1970 tivemos uma pequena amostra disso em *O exorcista*, em que uma mãe faz de tudo para ajudar sua filha que está possuída.

“O papel de parede amarelo”, de Charlotte Perkins Gilman, foi recentemente redescoberto aqui no Brasil e está presente nesta coletânea. A obra trata de uma mulher em uma clara depressão pós-parto. O marido acha que para melhorar é necessário que ela fique isolada. Claro que isso não é correto e sua sanidade começa a se deteriorar ao correr das páginas. Muitos questionam se a obra pode ser inserida dentro do gênero terror, ou se é um enredo do drama da maternidade. Fica à escolha do leitor, e também ao seu entendimento.

Como disse no início deste texto, precisamos sempre estar atentos à versatilidade das escritoras, que escrevem livros para crianças e contos de terror com a mesma destreza. Charlotte Perkins Gilman é um dos exemplos máximos. Além do conto citado acima, ela também é autora da utopia *Herland: A terra das mulheres*, que trata da vida em uma cidade na qual habitam apenas mulheres em perfeita harmonia. Lemos muitas distopias, mas também temos grandes utopias, como esta e “O país das mulheres”, de Gioconda Belli.

Mais mortais que os homens não apenas é uma ótima seleção de autoras clássicas que escreveram sobre terror, mas também uma porta de entrada para aqueles que desejam conhecer mais sobre o gênero, no qual há muitas

antologias clássicas sobre o assunto, mas sempre compostas de textos escritos majoritariamente por homens, com raríssimas exceções, tanto em português como em outros idiomas. Ainda há uma discussão inútil de que o gênero é menor, sem importância. Cada uma das autoras aqui presentes prova o contrário. Assim como o cinema de Jordan Peele usa o terror para discutir racismo, aqui as autoras se utilizaram dele para criar histórias fantásticas que nos levam para outros mundos.

Boa leitura.

Michelle Henriques, primavera de 2020

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

As mulheres são surpreendentes. Mesmo em situações extremas, elas se superam, como neste livro, que traz 26 escritoras, entre famosas e nomes obscuros, e suas histórias de terror. O que aparentemente seria apenas uma coletânea de autoras do século XIX que eu deveria traduzir revelou-se um aprendizado de como escrever sobre o improvável, o assombroso, o irreal, o místico, o transcendental.

Às vezes, assumindo a voz masculina dos personagens, estas escritoras, não só assumem o lado físico, como também o psicológico, sociológico e histórico do relato, trazendo outro enfoque. Nada nesta antologia é comum. Sempre descobrimos um novo comportamento, mesmo de duzentos anos atrás.

Mary Shelley (sempre ela) inaugura o livro com “A transformação”, de 1830, uma descrição da pura vaidade masculina em busca da realização. Mas, em vez de se adequar ao seu propósito maior, atrapalha-se com sua arrogância. A autora é tão implacável com seu personagem, que duvidamos que ele vá vencer no final. Ela consegue que sigamos o seu Guido em sua transformação surpreendente. Realmente, ela é a mãe do monstro de *Frankenstein*. Aqui também os corpos são trocados, e ele vive momentos do mais puro terror, até finalmente alcançar a redenção.

Além do impacto emocional, tive que vencer a tradução literal para passar os contos para o português. Algumas palavras, no original, foram usadas com outro significado, e então foi preciso traduzi-las a partir do contexto dentro da

história, e não de acordo com o que significam hoje. Deparei-me com expressões que eu não tinha a menor ideia do que fossem. Ou com referências que, se não fossem explicadas com uma nota, o leitor também não saberia de quem ou do que se estava falando.

Eu precisava não só traduzir corretamente as acepções dos termos, como pesquisar sobre quem ou a que se referiam as autoras. Foi nesse ponto que percebi que as notas de rodapé seriam mais que necessárias. Entre as referências históricas, geográficas e sociais que aparecem nos contos, somos conduzidos por uma narrativa bem urdida até o meio das histórias, envolvidos por névoas, tempestades e descrições dos lugares por onde seguem as personagens.

Margaret Oliphant, em seu conto “O retrato”, de 1885, faz uma comparação entre o sentimento do narrador e o de William Cowper, poeta da época, que também perdera a mãe em tenra idade, que desconhecemos, por não saber quem foi tal poeta.

Harriet Beecher Stowe, em “A história de fantasma de Tom Toothacre”, de 1869, cita o porto de Castine, no Maine, Nova Inglaterra, que, na década de 1820, foi um importante entreposto para as frotas de pesca norte-americanas. Quem sabe disso? Eu não sabia. E acrescentei essa informação para que o leitor entendesse por que foram até lá pintar o navio para espantar os fantasmas.

Maria Louisa Molesworth, no conto “Inexplicado”, de 1888, estende-se por cinquenta páginas, enredando-nos numa história intrigante sobre uma xícara de porcelana que atrai um fantasma até a pousada Katze, em Silberbach, no interior da Alemanha, de onde a protagonista e seus dois filhos não têm como sair. O desespero por estarem ilhados numa aldeia, sem contato com o resto do mundo, faz com que ela encontre um modo diferente para escapar dali. E isso não é nem a metade da história. É o conto mais longo, mas que não conseguimos largar até ela explicar a súbita aparição.

A sequência dos contos é cronológica de acordo com o ano de publicação, então, não há hipótese de terem sido ordenados por assunto, porém, há alguns temas que permeiam as histórias, como se fossem tecidas pelo mesmo fio. Uma citação num conto ressurgem em outro, que cita o título do mesmo livro.

Coincidências? Se formos pensar assim, as inglesas e norte-americanas (e uma russa que entra de brinde) são todas fascinadas pelos mesmos poetas românticos ingleses, Keats, Shelley e Byron (este citado cinco vezes) que viveram no início do século XIX.

As breves biografias das autoras são tão fascinantes quanto seus contos. A vida de cada uma daria um filme. Mesmo que conheçamos relatos contemporâneos sobre mulheres que lidaram com maridos abusivos, não há como não se indignar com o comportamento do sr. Bland, casado com Edith Nesbit (que escreveu um dos romances infantojuvenis favoritos na Inglaterra, *As crianças da ferrovia*), quando ela se vê obrigada a engolir a traição do marido com sua melhor amiga e ainda ter que reconhecer os dois filhos do marido como dela. Aqui confesso que fui ler mais sobre a autora e descobri que o marido morreu anos depois, quando ela pôde se casar novamente e ter uma vida mais feliz, o que não consta no original em inglês. Confesso que meu coração apertou ao saber que ela passou a vida sustentando a família e a do marido com sua amiga na mesma casa. Acrescentei esse trecho para descrever uma parte da biografia que faz toda a diferença. Em “A missa de réquiem”, de 1893, Edith Nesbit embarca num relato fantástico sobre um casamento que não deveria acontecer, substituído por um encontro de almas, mesmo da forma mais atrapalhada possível. E o destino faz com que a justiça divina seja feita, no final, de modo sutil. Porém, para quem não vivia um casamento ideal, ela fala como se o tivesse vivido, pois Hubert Bland só veio a falecer em 1914, e ela se casou com o novo marido três anos mais tarde, mas faleceu apenas sete anos depois.

Por isso eu disse, no início, que as mulheres são surpreendentes. Escrevem, produzem, criam, apesar de todos os revezes. A cada conto, eu aprendia um pouco mais sobre elas. Mesmo que os contos sobrenaturais não fossem sua produção principal, eram os escapes para suas mentes prolíficas.

Louisa May Alcott, tão famosa por *Mulherzinhas*, cujo primeiro volume saiu em 1868, e o segundo, em 1869, com 759 páginas no total, encontrou algum momento, nesse último ano, para escrever e publicar “Perdido na pirâmide, ou A maldição da múmia”, que é tão arrebatador quanto seu longo

romance. Em quase dez páginas, ela descreve, com precisão, a descoberta de uma caixa com três sementes de uma flor desconhecida, presa nas mãos de uma múmia dentro de uma pirâmide e conta o que aconteceu quando resolveram plantar as sementes para descobrir que flor brotaria. Louisa May nunca se casou, e faleceu, aos 55 anos, de infarto, dois dias após a morte de seu pai, e está enterrada no Cemitério de Sleep Hollow, em Concord, Massachusetts.

Cada um dos 26 contos, de suas 26 autoras, surpreende a seu modo. Elizabeth Gaskell, com “A Mansão Morton”, de 1853; Amelia B. Edwards, com “A história de um maquinista”, de 1866; Elizabeth Stuart Phelps, com “O fantasma de Kentucky”, de 1869; J. H. Riddel, com “Prevenido e armado”, de 1874; Charlotte Perkins Gilman, com “O papel de parede amarelo”, de 1892; e Edith Wharton, com “A duquesa em oração”, de 1900, transcendem todas as expectativas.

A cada conto, as notas de rodapé se acumulavam. E eu mergulhava num mundo cada vez mais fascinante dessas excelentes escritoras, donas de um texto culto, bem escrito, enriquecido com nomes de músicos, pintores e escultores do mais alto escalão. Descobri instrumentos medievais e a razão de seus nomes. Estão aí para o leitor conferir.

Muitas vezes me surpreendi com o próprio andamento da história e me emocionava com o que traduzia. A releitura na hora da revisão não me tocou menos. A escolha das palavras é fundamental, sem deixar que a estrutura invertida do inglês subverta a compreensão no português. Por fim, precisei fazer um copidesque da minha própria tradução. Só a terceira leitura me deixou mais tranquila. Mas cada vez eu gostava mais do que tinha traduzido.

Há também histórias engraçadas: “O terreno baldio”, de Mary Wilkins-Freeman, de 1903, tem um humor doce e picante ao mesmo tempo; “Uma alma insatisfeita”, de Annie T. Slosson, de 1904, trata, de modo divertido e bem-humorado, de um assunto que poderia ser considerado uma heresia. Nos últimos contos, por coincidência, há muitas referências bíblicas, que fiz questão de indicar, essas referências também aparecem em “O fantasma de Becksides”,

de Alice Rea, de 1886. Até Shakespeare é citado quatro vezes, pois nunca poderia faltar. As citações devem ser identificadas, para não perdermos a fonte.

A cada descoberta, eu percebia que estava trilhando por um terreno novo, como se ninguém tivesse passado por ali antes. Não sou a única, nem serei a primeira a ter essa sensação, mas a novidade tem esse condão de despertar um frescor que está contido na história há mais de 100 ou 150 anos. Descobri, por exemplo, o que é “pó maréchale”, que as mulheres usavam para colorir os cabelos e quem o inventou, e que antes dos lampiões a gás, no início do século XIX, havia meninos que carregavam um tipo de tocha, à noite, para iluminar o caminho dos pedestres. Eles eram chamados “tocheiros”, ou “*Moon cursers*”, por xingarem a lua quando seus serviços eram dispensados.

O dia a dia, os termos emprestados do francês para designar móveis (*fauteuil*) e carruagens (*post-chaise*), os livros levados em viagens (*A balada do velho marinheiro*, de Samuel Coleridge), os hábitos de como se vestir (*um roupão de veludo de Gênova*) e o que comer (*Welsh rarebits*), e a descrição de lugares que nunca vimos com esse olhar (*Turim, Pádua, Veneza, Vicenza*). História e tradição se misturam de um modo revelador.

É irresistível, ao ler qualquer um destes contos, querer tráfegar pelas mesmas ruas e ver as mesmas cenas, com toda a pompa e circunstância, ou desnudar a simplicidade em que o povo vivia e como falava no interior da Inglaterra, como em “À solta”, de Mary Cholmondely, de 1890, no qual um cético arquiteto, ao entrar em uma cripta para fazer a cópia de um retábulo, acaba, sem querer, libertando o espírito assassino de um senhor da região.

Religião, arte e cultura se misturam num cadinho que faz, de cada conto, uma joia a ser descoberta. A descrição dos ambientes se mistura a dos personagens que correm à margem, com suas peripécias, como em “A porta oculta”, de Vernon Lee, de 1887, que nos leva a um castelo com suas ameias na fronteira com a Escócia.

Tudo é belo e delicado, mesmo crivado de horror e medo, como quando se revela o nome do assassino em “A caverna dos ecos”, de 1892, em que Helena

Blavatsky deixa correr a pena num de seus contos sobrenaturais, sem resvalar na Teosofia que ela criou.

Em “O ajuste”, de 1908, Mary Austin encerra a coletânea com uma leveza inesperada. Outra vez, a Bíblia é usada para despachar o espírito de uma dona de casa que resiste a ir embora; como o pai-nosso foi necessário, em “O fantasma de Tyburn” (1896), da Condessa de Munster, para afastar a visão de uma bruxa numa pensão em Londres.

Mary Austin era uma escritora pioneira e fez o texto do primeiro livro de fotos de Ansel Adams, *Taos Pueblo* (1930), cujos exemplares da primeira edição hoje valem 75 mil dólares. Ao ler essa referência, como as outras, descobri como essas autoras estavam mais próximas de mim do que eu imaginava.

Traduzir não é só passar um texto para sua língua ou outro idioma. É aprender tudo o que ele traz, incluindo o autor. Traduzir estas autoras, para mim, foi renovador. Espero que os leitores aproveitem tanto quanto eu ao traduzir estes contos e descubram, por si mesmos, tudo o que elas nos trazem de novo.

Thereza Christina Rocque da Motta, inverno de 2020

INTRODUÇÃO

Graeme Davis

Nos séculos XVII e XVIII, os chamados “livros de comportamento” aconselhavam os responsáveis pela educação – especialmente os pais – como deveriam educar os filhos – especialmente as filhas – conforme a cordialidade social. Nesses livros e, em outras publicações, gastou-se muita tinta contra a influência corruptora dos romances populares. Os romances – de fato, todas as maneira de ficção popular – supostamente tocavam as emoções de forma pouco saudável, instilando falsas expectativas de vida e falsos valores nos leitores, e o excesso de indulgência em leituras sensacionalistas era um caminho certo para a ruína. Mas, mesmo assim, as mulheres não apenas liam as ficções góticas e outros livros exagerados: elas também escreviam ficção sensacionalista. Clara Reeve – cujo pai era pároco – publicou um romance gótico chamado *O campeão da virtude*^[01] (renomeado mais tarde como *O velho barão inglês*),^[02] em 1777, uma imitação do seminal *O castelo de Otranto*,^[03] de Hugh Walpole. O romance em dois volumes de Ann Radcliffe, *Um romance siciliano*,^[04] introduziu o instigante “herói byrônico”, a partir do modelo do poeta escandaloso: seu arquétipo é o ancestral direto de Edward Cullen e Christian Grey. Radcliffe criou o clássico em quatro volumes, *Os mistérios de Udolfo*,^[05]

e alega-se que seu trabalho mais tarde inspirou vários autores, de Fiódor Dostoiévski a Edgar Allan Poe, além do Marquês de Sade. Seu pai era um respeitável camiseiro londrino que se mudou para a estilosa Bath a fim de abrir uma loja de faianças. Para os leitores de hoje, no entanto, um nome está acima de todos: Mary Wollstonecraft Shelley, a autora de *Frankenstein*. Embora ela tenha seguido os passos de Reeve, Radcliffe e outras autoras pioneiras, sua obra foi a primeira a conquistar a verdadeira imortalidade. Não a afetou o fato de a história ter sido concebida durante uma tempestade, por causa de uma aposta para escrever um conto, entre seu marido, o poeta romântico Percy Bysshe Shelley, Lord Byron e o médico particular de Byron, John Polidori, cujo texto se tornou o primeiro romance sobre um vampiro. Se a ideia de mulheres lerem romances incomodava os homens, então mulheres escreverem romances era uma ideia ainda mais insuportável. Muitas autoras, como as irmãs Brontë, decidiram publicá-los usando pseudônimos masculinos – Currier, Ellis e Acton Bell –, enquanto outras usaram as iniciais, como J. K. Rowling o fez dois séculos depois. Outras ainda se recusaram a se curvar à pressão social e publicaram corajosamente usando os próprios nomes.

Porém, de acordo com a escritora e jornalista britânica Hephzibah Anderson, apenas na década de 1970 estudiosos e críticos começaram a observar como o gênero afetava a ficção de horror que os autores escreviam. Em “O papel de parede amarelo”, de Charlotte Perkins Gilman, por exemplo, Anderson observa que a depressão puerperal da autora foi elevada a níveis quase psicóticos em razão do confinamento paternalista a que foi submetida. Em outros momentos, surgem sinais de ressentimentos maritais transformados em contos de assassinatos sangrentos, ou fantasmas vingativos assombrando os perpetradores de todo tipo de crimes que faziam parte da vida das mulheres dessa época – e muitos deles continuam a ser perturbadoramente comuns até hoje.

Nem todas as histórias de horror escritas por mulheres contêm esses subtextos, evidentemente, e nem todos os fantasmas femininos são vingadores libertados pela morte das constrações da sociedade. É extremamente restritivo

definir essas autoras apenas pelo seu gênero, o que equivaleria a defini-las por raça, classe social, ou qualquer outro fator. No entanto, notamos que muitas autoras se superaram ao escrever histórias de horror de uma forma mais pensada e psicológica, com pouco ou nenhum sadismo do que encontramos nas obras de alguns homens.

Violet Paget (que se assinava Vernon Lee) usou o sobrenatural com um toque tão sutil, que nem sempre é fácil distinguir seus contos de horror dos seus comentários sociais.

Outras autoras incorporaram o sobrenatural. Mary Shelley sabia lidar com o horror sobrenatural de maneira tão hábil quanto com a ficção científica de *Frankenstein*. Em “O fantasma de Beckside”, Alice Rea narra uma história comum do folclore inglês a ponto de arrepiar os cabelos, enquanto Helena Blavatsky, mais conhecida como fundadora da Sociedade Teosófica, narra uma história de fantasma muito útil em “A caverna dos ecos”.

Talvez sejam mais interessantes os contos inesperados de autoras que se tornaram tão famosas por seus trabalhos em outros gêneros, que suas incursões pelo horror acabam sendo esquecidas. Louisa May Alcott e Harriet Beecher Stowe certamente não são lembradas por seus contos de horror, enquanto apenas os especialistas em histórias de terror se lembram de Edith Nesbit por outras histórias além de *As crianças da ferrovia*.^[06] O grande romance de Edith Wharton, *A idade da inocência*,^[07] conferiu-lhe o Prêmio Pulitzer e ela foi indicada três vezes ao Prêmio Nobel de Literatura, embora suas histórias de horror sejam conhecidas por muito poucas pessoas.

Wharton não está sozinha. Muitas das autoras nesta coleção escreveram em diversos gêneros e, aqui, talvez, esteja o maior contraste com seus contemporâneos masculinos. Escritores como Poe, Lovecraft e M. R. James mantiveram-se em seu gênero, alimentando assiduamente as plateias que lhes trouxeram fama e fortuna; por outro lado, muitas damas, cujas obras enfeitam estas páginas, escreviam tudo o que quisessem, cruzando fronteiras e misturando gêneros conforme o conto exigisse. Se elas se recusaram a serem confinadas por ideias sociais de cordialidade feminina, também relutaram em

aceitar as restrições literárias de gênero e mercado. Apenas escreviam grandes histórias.

CAPÍTULO I

A TRANSFORMAÇÃO

Mary Wollstonecraft Shelley

1830

Filha da filósofa feminista Mary Wollstonecraft e do filósofo político, romancista e protoanarquista William Godwin, Mary é mais conhecida como autora de *Frankenstein* e mulher do poeta romântico Percy Bysshe Shelley, amigo de Lord Byron. É difícil imaginar uma história pessoal e uma carreira mais distantes dos ideais de gentileza feminina.

Mary não conheceu a mãe, que veio a falecer menos de um mês depois de seu nascimento. Ela tinha um relacionamento conflituoso com a segunda esposa de seu pai, a vizinha Mary Jane Clairmont, com quem ele se casou quatro anos mais tarde, porém ela recebeu uma educação ampla e pouco convencional, com base nas teorias políticas do pai.

As publicações de Godwin promovendo a justiça e atacando as instituições políticas fez com que ele conquistasse vários admiradores e um deles era o poeta Percy Shelley, que era casado conheceu Mary, conheceu em 1814, mas os dois logo iniciaram um relacionamento que resultou em uma gravidez, então o casal decidiu se exilar e enfrentar a pobreza.

Em 1816, Mary e Shelley fizeram a histórica viagem até a Itália, com Byron e seu médico particular, John Polidori. Durante essa viagem, surgiu a ideia de escrever *Frankenstein*. Eles se casaram no fim do ano, depois que a esposa de Shelley se suicidou.

Mary era uma escritora prolífica. Além de *Frankenstein*, escreveu o conto pós-apocalíptico “O último homem” [08] (1826), o romance histórico *As vidas de Perkin Warbeck* (1830) e vários outros romances, bem como contos, diários de viagem e resenhas. Temas estranhos e góticos caracterizam muitos de seus contos: em “A transformação”, [09] Mary Shelley antecipa *A história do ladrão de corpos*, [10] de Anne Rice, com o enredo de um jovem degenerado que troca de corpo com uma criatura disforme e demoníaca. O conto é recheado de elementos literários góticos: decadência, pobreza, revolta e virtude ameaçada.




Agora minha mente foi tomada
Por uma lamentável agonia,
Que me forçou a contar minha história,
E assim ela me libertou.
Desde então, a toda hora,
Retorna esta agonia;
E até terminar meu conto medonho,

Meu coração arde dentro de mim.

– SAMUEL TAYLOR COLERIDGE,

A balada do velho marinheiro [11]

uvi dizer, que, quando qualquer fato estranho, sobrenatural e necromântico acontece a um ser humano, este ser, embora deseje escondê-lo, sente-se, em determinados períodos, torturado por uma tormenta intelectual, e é forçado a abrir as profundezas de seu espírito a outra pessoa. Sou testemunha de que isso é verdade. Jurei várias vezes a mim mesmo jamais revelar a ouvidos humanos os horrores aos quais, certa vez, em excesso de orgulho diabólico, eu me entreguei. O santo padre que ouviu minha confissão e reconciliou-me com a Igreja já morreu. Ninguém mais sabe disso.

Por que não deveria ser assim? Por que contar uma história que, de forma ímpia, atente contra a Providência, humilhe e subjugue a alma? Por que, respondi-me, vós que sois sábios diante dos segredos da natureza humana? Só sei que assim é; e apesar de uma forte determinação – de um orgulho que me domina –, da vergonha, e até do medo, de modo a me tornar odioso à minha espécie, eu devo falar.

Gênova! Minha cidade natal – cidade orgulhosa, diante do azul do Mediterrâneo! – lembra-te de mim na minha infância, quando teus penhascos e promontórios, teu céu brilhante e as alegres vinhas eram meu mundo? Que tempo feliz! Quando, para o jovem coração, o universo de limites estreitos, que deixa, por sua própria limitação, liberdade para a imaginação, prende nossas energias físicas e, como período único de nossas vidas, une a inocência e o prazer. No entanto, quem olha para a infância, e não se lembra de suas tristezas, angústias e medos? Nasci com um espírito imperioso, ativo e indomável. Hesitei apenas diante de meu pai; e ele, generoso e nobre, porém caprichoso e tirânico, imediatamente conduziu e reprimiu meu caráter selvagem e impetuoso, fazendo-me obedecer-lhe, mas sem inspirar respeito pelos motivos

que guiavam suas ordens. Ser um homem, livre, independente, ou, em outras palavras, insolente e dominador, era a esperança e o desejo do meu coração rebelde.

Um amigo de meu pai, um rico e nobre genovês, após um tumulto político, foi repentinamente banido e teve sua propriedade confiscada. O Marquês Torella seguiu para o exílio sozinho. Como meu pai, ele também era viúvo: tinha uma filha, a jovem Julieta, que ficou sob a tutela de meu pai. Certamente, eu poderia ter sido desagradável para a adorável menina, mas fui forçado, pela minha posição, a me tornar seu protetor. Uma sucessão de incidentes infantis tendia todos a um ponto – fazer Julieta me ver como uma fortaleza de pedra; eu era para ela aquele que deve perecer pela suave sensibilidade de sua natureza rudemente visitada, senão pelo cuidado de guardião. Crescemos juntos. O botão de rosa de maio não era mais doce do que esta adorável menina. A beleza irradiava de seu rosto. Suas formas, seus passos, sua voz – meu coração chora até hoje em pensar em toda a confiança, gentileza, amor e pureza que ela guardava. Quando eu estava com onze anos, e Julieta, oito, um primo bem mais velho – para nós, ele parecia um adulto – começou a prestar muita atenção em minha companheira de folgedos; ele a chamou de noiva e a pediu em casamento. Ela recusou, mas ele insistiu, abraçando-a contra sua vontade. Com a expressão e a emoção de um maníaco, atirei-me sobre ele – tentei sacar sua espada –, agarrei-me ao seu pescoço com a feroz determinação de estrangulá-lo: ele precisou pedir ajuda para se livrar de mim. Naquela noite, levei Julieta até a capela em nossa casa: eu a fiz tocar as relíquias sagradas – atormentei seu coração infantil e profanei seus lábios de criança, fazendo-a jurar que ela seria minha e somente minha.

Bem, esses dias passaram. Torella retornou alguns anos depois, e se tornou mais rico e mais próspero do que nunca. Meu pai morreu quando eu contava dezessete anos; ele foi um magnífico pródigo; Torella se alegrou que minha menoridade seria a chance de reparar minha riqueza. Julieta e eu tornamo-nos noivos junto ao leito de morte de meu pai – Torella seria um segundo pai para mim.

Eu desejava ver o mundo e fui indulgente. Fui para Florença, Roma, Nápoles; dali, passei a Toulon e, finalmente, cheguei ao destino [12] dos meus desejos, Paris. Acontecia de tudo em Paris nessa época. O pobre rei, Charles VI, ora são, ora louco, ora reinava, ora se tornava um escravo abjeto, era a própria zombaria do mundo. A rainha, o delfim, o duque de Borgonha, ora amigos, ora inimigos – encontravam-se agora em festas pródigas, ora derramavam o sangue em disputas – cegos para a miséria de seu país e aos perigos que o ameaçavam, e se entregavam totalmente ao prazer dissoluto e aos combates selvagens. Eu ainda seguia com meu personagem. Eu era arrogante e voluntarioso; adorava me exhibir e, acima de tudo, perdi todo o controle. Meus jovens amigos ansiavam promover paixões que lhes dessem prazer. Consideravam-me belo – eu era o mestre de todos feitos cavalheirescos. Eu não estava ligado a nenhum partido político. Tornei-me o favorito de todos: minha presunção e arrogância eram perdoadas por eu ser tão jovem: tornei-me um menino mimado. Quem iria me controlar? Não as cartas nem os conselhos de Torella – apenas a grande necessidade que me tocava na horrenda forma de uma bolsa vazia. Mas havia meios de preencher esse vazio. Vendi cada acre, cada propriedade. Minhas roupas, minhas joias, meus cavalos e suas capas eram incomparáveis na esplêndida Paris, enquanto as terras que herdei passavam a pertencer a terceiros.

O duque de Orleans foi sobrepujado e assassinado pelo duque de Borgonha. Medo e terror tomaram toda a Paris. O delfim e a rainha se calaram; todo prazer foi suspenso. Eu me cansei dessa situação, e meu coração ansiava pelas assombrações da infância. Eu era quase um mendigo, mesmo assim, ainda voltaria, retomaria minha noiva e reconstruiria minha fortuna. Certos negócios bem-sucedidos como comerciante me fariam novamente rico. Porém, eu não retornaria em andrajos. Meu derradeiro ato foi dispor da minha última propriedade, próxima a Albaro, pela metade de seu valor, por um pagamento à vista. Então, despachei todos os artífices, arras, móveis de esplendor real, para montar uma relíquia com o restante da minha herança, meu palácio em Gênova. Demorei-me um pouco mais, envergonhado com a volta do filho pródigo que eu temia representar. Enviei meus cavalos. Despachei um *jennet* [

13] espanhol incomparável à minha prometida: seus trajes flamejavam com joias e tecidos dourados. Por toda parte, uni as iniciais de Julieta e seu Guido. Meu presente caiu nas graças de seus olhos e de seu pai.

Porém retornar como perdulário, marcado como impertinente, talvez com desprezo, e encontrar apenas as censuras ou os insultos dos meus concidadãos não era uma perspectiva atraente; para me proteger da censura, pedi a alguns companheiros mais imprudentes que me acompanhassem: assim, fui armado contra o mundo, ocultando um sentimento irritante, metade medo e metade penitência, pela bravata.

Cheguei a Gênova. Pisei na calçada do meu antigo palácio. Meu andar orgulhoso não expressava o que meu coração sentia, pois no fundo eu sabia que, embora estivesse cercado de luxo, na verdade, eu era um mendigo. O primeiro passo que dei para retomar Julieta deve ter-me declarado assim. Vi desprezo ou pena no olhar de todos. Percebi que ricos e pobres, jovens e velhos, todos me encaravam com escárnio. Torella não se aproximou. Não é surpresa que meu segundo pai esperasse, da minha parte, a deferência de um filho ao visitá-lo primeiro. Mas, levado pela irritação e tocado pela minha loucura e demérito, preferi jogar a culpa nos outros. Fizemos orgias noturnas no Palácio Carega. Depois de noites insones e tumultuosas, seguiam-se manhãs apáticas e supinas. Na hora da ave-maria, passeávamos singelamente pelas ruas, zombando dos cidadãos sóbrios, lançando olhares insolentes a mulheres que se envergonhavam. Julieta não estava entre elas – não, não; se estivesse ali, a vergonha teria me afastado, se o amor não tivesse me feito ajoelhar a seus pés.

Eu me cansei disso. De uma hora para outra, decidi visitar o marquês. Ele estava em casa, uma das muitas no subúrbio de San Pietro d’Arena. Estávamos em maio, as flores das árvores frutíferas desbotavam entre a folhagem densa e verde; as videiras amadureciam; o chão estava coberto de flores das oliveiras; os vaga-lumes povoavam as sebes de murta; o céu e a terra estavam sob um manto de beleza incomparável. Torella me recebeu com gentileza, embora sério; e até sua sombra de descontentamento logo se desvaneceu. Alguma semelhança com meu pai – alguma aparência e o tom de ingenuidade juvenil suavizaram o

coração do bondoso velho. Ele chamou a filha – e apresentou-me a ela como seu prometido. A sala iluminou-se com uma luz sagrada quando ela entrou. Tinha o olhar de querubim, aqueles grandes olhos meigos, bochechas cheias de covinhas e boca de doçura infantil, que expressa a rara união de felicidade e amor. Fui tomado, primeiro, pela admiração; ela é minha! – foi a segunda emoção de orgulho, e meus lábios se curvaram com um triunfo altivo. Eu não tinha sido o *enfant gaté*^[14] das beldades de França para não ter aprendido a arte de seduzir o doce coração de uma mulher. Se, em relação aos homens, eu era arrogante, a deferência que lhes prestava era mais contrastante. Iniciei minha corte fazendo mil elogios a Julieta, que me prometera na infância jamais admitir a devoção de outro, e que, embora habituada a expressões de admiração, não fora iniciada na linguagem amorosa.

Por alguns dias, tudo correu bem. Torella não fez alusão à minha extravagância; tratou-me como filho favorito. Mas chegou o momento, enquanto discutíamos as preliminares da minha união com sua filha, que a aparência amena de tudo começou a se nublar. Um contrato fora lavrado em vida pelo meu pai. Na verdade, eu julgara esse contrato nulo por eu ter desperdiçado toda a riqueza que deveria ser repartida entre Julieta e eu. Torella, em consequência, preferiu considerar esse acordo cancelado e propôs outro, no qual, embora a fortuna oferecida por ele fosse imensuravelmente maior, havia tantas restrições quanto ao modo de gastá-la, que eu, que só via independência se pudesse usá-la de forma livre, de acordo com a supremacia da minha própria vontade, provoquei-o a tirar proveito da minha situação, e recusei-me a assinar sob suas condições. O velho esforçou-se gentilmente em apelar para meu bom senso. O orgulho exacerbado tomou conta do meu pensamento: ouvi com indignação – repeli-o com desdém.

– Julieta, és minha! Não trocamos juras de amor quando ainda éramos inocentes na infância? Não estamos unidos sob o olhar de Deus? E teu pai de coração e sangue frios irá nos separar? Sê generosa, meu amor, sê justa! Não tires o presente, o último tesouro do teu Guido! Não retires teus votos! Vamos

desafiar o mundo, e começando do zero, vamos encontrar, em nossa afeição mútua, um refúgio de todo o mal.

Eu devo ter parecido o demônio com tanto sofisma para envenenar aquele santuário de pensamento sagrado e terno amor. Julieta se encolheu de medo de mim. Seu pai era o melhor e o mais gentil dos homens, e ela se esforçou para me mostrar como, ao obedecer a ele, todo bem haveria de se seguir. Ele receberia minha aceitação tardia com caloroso afeto, e ele me perdoaria de forma generosa depois do meu arrependimento – palavras inúteis para uma jovem e gentil filha usar com um homem habituado a fazer da sua vontade a sua lei, e a sentir em seu próprio coração um déspota tão terrível e severo, que ele não obedecia a ninguém, senão a seus próprios imperiosos desejos! Meu ressentimento crescia com a resistência; meus selvagens companheiros estavam prontos para lançar lenha na fogueira. Armamos um plano para raptar Julieta. A princípio, pareceu-me que teríamos sucesso. No meio do caminho, em nosso retorno, fomos surpreendidos pelo pai agonizado e seu séquito. Um combate se seguiu. Antes que a guarda da cidade decidisse a vitória a favor dos nossos antagonistas, dois dos lacaios de Torella foram seriamente feridos.

Esta parte da minha história é a que mais pesa para mim. Como homem mudado que sou, abomino a mim mesmo só de lembrar. Que ninguém que ouça esta história tenha se sentido como eu. Um cavalo enfurecido pelas esporas pontiagudas de um cavaleiro não seria mais subjugado do que eu à violenta tirania do meu temperamento. Um demônio possuía minha alma, levando-a à loucura. Eu sentia a voz da consciência falar dentro de mim, mas se eu cedesse a ela por um breve momento, seria apenas depois de ser dilacerado por um turbilhão – carregado por uma corrente enraivecida – o joguete das tempestades geradas pelo orgulho. Eu fui preso, e depois, a pedido de Torella, libertado. Novamente, retornei para tentar levar sua filha para a França, país infeliz, então perseguido por mercenários e gangues de foras da lei, que ofereciam um grato refúgio a um criminoso como eu. Nossos planos foram desvendados. Fui condenado ao banimento e, como minhas dívidas já eram vultosas, minha última propriedade foi colocada nas mãos dos agentes para proceder ao

pagamento. Torella novamente me ofereceu sua mediação, exigindo apenas a promessa de não tentar nada novamente contra ele e sua filha. Desprezei sua oferta e imaginei haver triunfado ao ser expulso de Gênova, para um exílio solitário e sem tostão. Meus companheiros sumiram: foram expulsos da cidade semanas antes, e já estavam na França. Eu estava sozinho – sem amigos, sem espada, nem ducados em minha bolsa.

Vaguei à beira-mar, possuído por um turbilhão de paixões que rasgava minha alma. Era como se houvesse um carvão aceso ardendo em meu peito. No início, ponderei o que eu deveria fazer. Eu me juntaria a um bando de mercenários. Vingança! – a palavra me pareceu suave; eu a abracei, acariciei-a, até que, como uma serpente, ela me feriu. Por outro lado, abjuraria e desprezaria Gênova, aquele recanto do mundo. Voltaria a Paris, onde havia muitos amigos, onde meus serviços seriam avidamente aceitos, onde eu arrancaria a riqueza com a espada, e faria com que minha desprezível cidade natal e o falso Torella se arrependessem do dia em que me expulsaram, eu, um novo Coriolano, de suas muralhas. Eu retornaria a Paris – portanto, a pé –, um mendigo, e me apresentaria em andrajos diante daquele que antes eu recebi com suntuosidade? O fel jorrava diante de tal pensamento.

A realidade começava a tomar conta da minha mente, fazendo-me desesperar. Por vários meses, fiquei preso: os males do meu calabouço açoitaram minha alma, até me enlouquecer, mas alquebraram meu corpo. Eu estava fraco e vencido. Torella usou de inúmeros artifícios para trazer-me conforto; eu os percebi e rejeitei todos, e colhi os frutos da minha obstinação. O que eu deveria fazer? Deveria me ajoelhar diante do inimigo e pedir-lhe perdão? Prefiro morrer dez mil vezes! Eles nunca terão essa vitória! Ódio – eu jurei eterno ódio! Ódio de quem? Contra quem? De um exilado errante – contra um poderoso nobre! Eu e meus sentimentos não significavam nada para eles: já haviam se esquecido de um desqualificado como eu. E Julieta! – seu rosto angelical e forma de sílfide brilhavam entre as nuvens do meu desespero com sua vã beleza, porque eu a perdi – a glória e a flor do mundo! Outro poderá chamá-la de sua! – aquele sorriso do paraíso abençoará outro!

Mesmo agora meu coração estanca quando me lembro dessas sombrias e odiosas ideias. Agora reduzido apenas a lágrimas, agora revolvendo em minha agonia, eu ainda vagava pela praia rochosa, que a cada passo tornava-se mais selvagem e desolada. Penhascos e precipícios altíssimos olhavam o oceano tranquilo; grutas escuras se abriam; e entre os recessos batidos pelo mar, murmuravam e escorriam as águas salobras. Agora meu caminho fora interrompido por um abrupto promontório, tornava-se quase impraticável pelas rochas que rolavam pelo penhasco. A noite se aproximava, quando, na direção do mar, surgiu, como num passe de mágica, um amontoado de nuvens escuras, cobrindo o céu azul da tarde, escurecendo e perturbando o plácido oceano. As nuvens tinham formas estranhas e fantásticas, mudavam e diminuía, e pareciam estar sob um poderoso encantamento. As ondas elevavam as cristas embranquecidas; o trovão primeiro reboou, depois trovejou sobre o mar, que se tingiu com um tom arroxeadado escuro, coalhado de espumas. O lugar onde eu estava abria-se, de um lado, para alto-mar; do outro, um imenso promontório. Em torno desse cabo, de repente, surgiu um navio, trazido pelo vento. Em vão, os marinheiros tentavam abrir caminho até mar aberto – os ventos o empurravam contra os rochedos. Eles iriam perecer! – todos a bordo iriam morrer! Ah, se eu estivesse entre eles! E, para meu jovem coração, a ideia de morte me veio, pela primeira vez, misturada à alegria! Era terrível ver aquele navio lutando contra seu destino. Eu mal podia ver os marinheiros, mas podia ouvi-los. Logo tudo acabou! Uma rocha, banhada pelas ondas agitadas, imóvel, aguardava sua presa! Um trovão estourou acima da minha cabeça no momento em que, com um choque terrível, o navio se lançou sobre o inimigo oculto. Em pouco tempo, o navio foi partido em pedaços. Ali eu estava a salvo; e ali estavam meus irmãos lutando, inutilmente, contra a aniquilação. Penso tê-los visto lutando – realmente podia ouvir seus gritos, espalhando-se sobre as ondas reboantes em pura agonia. O mar agitado lançava de um lado a outro os fragmentos do naufrágio, que logo desapareceram. Fiquei fascinado, olhando até o fim: então, caí de joelhos – cobri o rosto com as mãos. Olhei novamente para cima; algo vinha flutuando das nuvens em direção à margem. Aproximava-

se cada vez mais. Tinha forma humana? Ficava cada vez mais nítido; e por fim uma onda forte, elevando aquilo tudo, deixou-o sobre o rochedo. Um ser humano conduzindo um baú de marinheiro! – um ser humano! Mas, era mesmo? Com certeza, nunca vi tal ser – um anão muito feio, de olhos miúdos, feições distorcidas e corpo deformado, uma visão terrível. Meu sangue, que até aquele momento tinha esperanças de ver um ser se salvar da sepultura das águas, congelou no meu coração. O anão desceu do baú; puxou para trás o cabelo liso e molhado do rosto odioso.

– Por Belzebu! – ele exclamou. – Já fui mais bem tratado.

Ele olhou em volta e me viu.

– Ó, pelo demônio! Aqui está outro aliado do Todo-Poderoso. Para que santo rezaste, amigo, se não foi para o meu? No entanto, não me lembro de ter-te visto a bordo.

Eu me encolhi diante do monstro e de sua blasfêmia. De novo, ele me questionou, e respondi algo inaudível. Ele continuou:

– Não consigo ouvir tua voz com esse rugido dissonante. Como esse mar é barulhento! Alunos saindo de salas de aula não fazem mais barulho do que essas ondas brincando soltas. Elas me perturbam. Não suporto mais ouvi-las. Silêncio, Mar barulhento! Ventos, avante! De volta para suas casas! Nuvens, voem para os antípodas e limpem o céu!

Enquanto falava, ele abriu os braços compridos e retorcidos, que mais pareciam patas de aranha, e estendeu-os no espaço à sua frente. Aconteceu um milagre? As nuvens se partiram e desapareceram; o céu retomou sua cor azul, e depois se espalhou num vasto campo celestial e calmo acima de onde estávamos; os ventos de borrasca transformaram-se em brisas suaves soprando do Oeste; o mar abrandou; as ondas escoavam em filetes.

– Gosto de obediência mesmo desses estúpidos elementos – disse o anão. – Quanto mais da indomável mente humana! Foi uma tempestade e tanto, não foi? E fui eu mesmo que a fiz.

Era uma sorte tentadora conversar com esse mágico. Mas o homem respeita o Poder em todas as suas formas. O assombro, a curiosidade, o fascínio

ofuscante atraíam-me para ele.

– Vamos, não fiques com medo, meu amigo – disse o aleijão. – Fico bem-humorado quando algo me agrada; e agradam-me tuas formas bem proporcionadas e belo rosto, embora estejas com ar abatido. Sofreste um cataclismo; eu, um naufrágio. Talvez eu possa consertar a tempestade que se abateu sobre tua sorte, como fiz com a minha. Podemos ser amigos?

Ele me estendeu a mão, mas eu não consegui tocá-la.

– Bem, então, pelo menos companheiros, dá no mesmo. E agora, enquanto descanso da borrasca pela qual acabei de passar, dize-me por que um jovem galante como tu está vagando por aqui, sozinho e deprimido, nesta praia selvagem?

A voz do aleijão era rascante e horrenda, e o modo como ele se contorcia enquanto falava era uma visão dantesca. Mesmo assim, começou a me conduzir, o que eu não consegui evitar, e contei-lhe minha história. Quando terminei, ele riu bem alto por um bom tempo: as rochas ecoavam sua gargalhada. Parecia que o inferno se ria de mim à minha volta.

– Ó, primo de Lúcifer! – ele disse. – Então também caíste por causa do teu orgulho; e embora esteja claro como o sol da manhã, estás pronto para abrir mão de tuas belas feições, tua noiva e teu bem-estar, em vez de te submeteres à tirania do bem. Eu respeito tua escolha, pela minha alma! Então fugiste e abandonaste tudo; e vieste passar fome nestes rochedos, e deixar que os abutres comam teus olhos depois de morrer, enquanto teu inimigo e tua prometida regozijam sobre tua ruína. Teu orgulho aproxima-se estranhamente da humildade, penso eu.

Enquanto ele falava, mil pensamentos nefastos atravessavam meu coração.

– O que achas que eu deveria fazer? – gritei.

– Eu! Ah, nada, a não ser deitar-se e rezar antes de morrer. Mas, se eu fosse tu, sei de algo que poderia ser feito.

Aproximei-me dele. Seus poderes sobrenaturais transformavam-no em um verdadeiro oráculo diante de mim; mesmo assim, um arrepio estranho e misterioso me fez estremecer quando eu disse:

– Fala! Ensina-me! O que me aconselhas fazer?

– Vinga-te, homem! Humilha teus inimigos! Subjuga o velho e toma posse da filha!

– Viro-me para todos os lados – gritei –, e não vejo como! Se eu tivesse ouro, eu teria como fazê-lo, mas pobre e sozinho, não tenho nenhum poder.

O anão estava sentado em seu baú, enquanto ouvia minha história. Ele se levantou, tocou uma mola e ela se abriu! Que mina de riquezas, joias, de ouro e prata estava contida ali. Senti nascer dentro de mim o louco desejo de me apossar daquele tesouro.

– Sem dúvida – eu disse –, alguém tão poderoso quanto tu poderia fazer tudo isso.

– Não! – respondeu o monstro, humilde. – Sou menos onipotente do que pareço. Podes invejar algumas de minhas posses, mas eu poderia dá-las todas por uma pequena parte, ou até mesmo por um empréstimo do que é teu.

– Minhas posses estão à tua disposição – repliquei em tom amargo –, minha pobreza, meu exílio, minha desgraça, dou-te todas de graça.

– Muito bom! Eu te agradeço. Acrescenta mais uma coisa ao teu presente e meu tesouro será teu.

– Como não tenho mais nada a oferecer, o que além de nada tu desejarias?

– Teu belo rosto e tuas torneadas pernas.

Estremeci. Esse monstro todo-poderoso iria me matar? Eu não tinha um punhal. Esqueci de rezar – mas empalideci.

– Peço-te um empréstimo, não um presente – disse a aberração. – Empréstimo-me teu corpo por três dias. Terás o meu para guardar tua alma enquanto isso e, em pagamento, terás meu baú. O que dizes de minha proposta? Apenas três curtos dias.

Dizem-nos ser perigoso manter conversas ilegais, e eu provo o mesmo. Escrito dessa forma, parece incrível que eu devesse dar ouvidos a essa proposta, mas, apesar de sua feiura demoníaca, havia algo fascinante em um ser cuja voz conseguia governar a terra, o ar e o mar. Eu me senti compelido a aceitar, porque, com aquele baú, poderia comandar o mundo. Minha única hesitação

vinha do medo de que ele não cumprisse o acordo. Então, pensei, eu logo morreria nessas areias solitárias, e as pernas que ele invejava não seriam mais minhas: valeria a pena. E, além disso, eu sabia que, por todas as regras da arte da magia, havia fórmulas e juramentos que nenhum dos seus praticantes ousavam quebrar. Hesitei para responder e ele continuou exibindo sua riqueza, depois falando do pequeno preço que pedira em troca, até parecer loucura recusar. Assim é – colocar o barco na corrente do rio e deixá-lo correr contra quedas e cachoeiras, abdicar da compostura diante de uma torrente louca de paixão e partimos, sem saber para onde.

Ele fez vários juramentos, e eu o abjurei com muitos nomes sagrados; até que vi essa maravilha de poder, esse mestre dos elementos, tremer como uma folha de outono diante das minhas palavras; e como se o espírito falasse por si mesmo, saindo de dentro dele, finalmente, como uma voz entrecortada, revelou o feitiço que o obrigaria, se ele não cumprisse o prometido, de me entregar seu espólio ilegal. Nossos sangues quentes deveriam se misturar para selar e desfazer o encantamento.

Foi o quanto bastou. Eu me convenci – o encanto estava feito. Amanheceu o dia sobre mim, deitado sobre o cascalho, e eu não reconhecia minha própria sombra ao vê-la projetada no chão. Senti-me transmutado numa forma horrorosa, e amaldiçoei minha pouca fé e credulidade cega. O baú estava ali – ali estava o ouro e as pedras preciosas pelas quais eu havia vendido o corpo que a natureza me deu. A visão congelou minhas emoções: três dias passariam logo.

E passaram. O anão me supriu com bastante comida. No início, eu mal podia andar, de tão estranhas e desconjuntadas que minhas pernas eram; e minha voz parecia a de um demônio. Mas fiquei em silêncio e virei o rosto para o sol, para não ver minha sombra, e contei as horas, e ruminei sobre o que eu faria no futuro. Fazer Torella ajoelhar-se a meus pés, possuir minha Julieta mesmo contra a vontade dele – tudo isso minha riqueza facilmente conquistaria. Durante a noite escura, dormi e sonhei com a realização dos meus desejos. Dois sóis se puseram – veio a manhã do terceiro dia. Eu estava agitado,

temeroso. Ó, a expectativa, que coisa terrível que és, tocada mais pelo medo do que pela esperança!

Como nos contorcemos em torno do coração, torturando suas pulsações! Como sentimos pontadas desconhecidas por todo o nosso débil mecanismo, arrepiando-nos como cacos de vidro diante do nada – dando-nos novas forças, que nada podem fazer e nos atormentam com a sensação, como um homem forte deve se sentir sem conseguir quebrar os grilhões, embora eles se dobrem em suas mãos. Lentamente caminhou a orbe brilhante pelo céu a Leste; por muito tempo permaneceu no zênite, e ainda mais lentamente desceu até o Oeste: tocou a borda do horizonte – e se foi! Sua réstia de luz tocava o cume do penhasco – que se tornava escuro e cinzento. Vésper brilhou. Logo ele estará aqui.

Ele não veio! Pelos céus, ele não veio! – e a noite se arrastara longamente e, ao terminar, ao chegar ao fim, “o dia começou a branquear seus negros cabelos”, e o sol se elevou novamente sobre o ser mais miserável que amaldiçoou sua luz. Três dias assim se passaram. As joias e o ouro – ó, como eu os abominava!

Ora, ora – não vou manchar estas páginas com imprecações demoníacas. Terríveis eram os pensamentos, o tumulto de ideias enraivecidas que enchiam minha alma.

Por fim, acabei adormecendo; eu não havia dormido desde o terceiro amanhecer; e sonhei que estava aos pés de Julieta, e ela sorria, e depois gritava – por ter visto minha transformação – e novamente sorria, pois seu belo amante estava ajoelhado diante dela. Mas não era eu – era ele, o demônio, ajoelhado com minhas pernas, falando com minha voz, conquistando-a com minha aparência amorosa. Eu lutava para avisá-la, mas minha língua se recusava a falar; eu lutava para afastá-la, mas eu estava colado no chão – acordei em agonia. Ali estavam os solitários e brancos precipícios – o mar salpicado de lama, a praia deserta, e o céu azul acima de tudo. O que significava isso? Meu sonho refletia a verdade? Ele estava seduzindo e conquistando minha prometida? Eu iria naquele mesmo instante voltar a Gênova – mas eu fui

banido. Eu ri – o riso do anão saiu da minha boca – eu, banido! Ah, não! Eles não exilaram aquele corpo que eu tinha; eu podia, com aquelas pernas estranhas, sem medo de incorrer na ameaça de pena de morte, entrar em minha cidade natal.

Comecei a caminhar na direção de Gênova. Eu me habituei a minhas pernas tortas; mal conseguiam andar em linha reta; foi com imensa dificuldade que segui em frente. Também quis evitar todas as aldeias ao longo do litoral, para não expor minha feiura. Não tinha certeza, se me vissem, se os rapazes não me apedrejariam até a morte quando eu passasse, por me julgarem um monstro; recebi imprecações dos poucos aldeões e pescadores que encontrei no caminho. Mas já era noite cerrada quando me aproximei de Gênova. O tempo estava tão agradável e ameno, que me ocorreu que o Marquês e a filha provavelmente teriam saído da cidade e ido para a casa de campo. Em Villa Torella, eu tentei raptar Julieta; gastei muitas horas fazendo o reconhecimento de campo, e conhecia cada centímetro do terreno em volta. Ficava numa belíssima localidade, toda arborizada, à beira de um rio. Ao me aproximar, ficou claro que minha hipótese estava correta; além disso, estavam celebrando e comemorando. A casa estava toda acesa; a brisa me trazia os alegres sons da música que tocava lá dentro. Meu coração se entristeceu. Tão generosa era a gentileza do coração de Torella que tive certeza de que ele não teria feito essas manifestações públicas de regozijo logo após meu infeliz banimento, mas por uma razão que eu não tinha coragem de pensar.

Os camponeses estavam todos em torno da casa; precisei me esconder, mas, ao mesmo tempo, queria falar com alguém, ou ouvir as conversas dos outros, ou de algum modo saber sobre o que acontecia. Com o tempo, indo pelos caminhos em torno da mansão, encontrei um canto escuro para esconder minha aparência assustadora, embora outros também passassem por aquele caminho obscuro. Logo descobri tudo o que eu precisava saber – tudo o que a princípio fez meu coração estancar de horror, e depois arder de indignação. No dia seguinte, Julieta seria entregue ao penitente, arrependido e amado Guido – no dia seguinte, minha noiva faria seus juramentos a um demônio dos infernos!

E fora eu que provocara isso! – meu amaldiçoado orgulho – minha violência demoníaca e torpe auto idolatria causaram esse fato. Pois, se eu tivesse agido como o miserável que roubou meu corpo – se, com uma expressão, ao mesmo tempo, submissa e digna, tivesse me apresentado a Torella dizendo: “Eu errei, me perdoa; sou indigno do anjo que tens como filha, mas permita-me pedir sua mão a partir do momento em que minha conduta alterada provar que abandonei meus vícios, e me esforçar para me tornar de alguma forma digno dela. Servirei contra os infiéis; e quando meu zelo pela religião e meu verdadeiro arrependimento pelo passado parecerem a ti terem eliminado meus crimes, permite-me novamente ser chamado seu filho”. Assim ele falou; e o penitente foi recebido como o filho pródigo das Escrituras: um bezerro gordo foi morto para ele; e ele, seguindo o mesmo caminho, demonstrou tanto arrependimento por suas loucuras, tão humilde concessão de todos os seus direitos, e tão ardente determinação de recuperá-los por meio de uma vida de contrição e virtude, que rapidamente conquistou o gentil senhor; e o perdão total e a mão de sua adorável filha foram-lhe rapidamente concedidos.

Ah, se um anjo do Paraíso tivesse me sussurrado no ouvido para agir assim! Mas, agora, qual seria o destino da inocente Julieta? Deus permitiria a união espúria – ou algum prodígio iria destruí-la, ligando o nome desonrado de Carega com o pior dos crimes? Amanhã de manhã, eles iriam se casar: só havia um modo de impedir que isso acontecesse – encontrar meu inimigo, e cobrar a conclusão do nosso acordo. Senti que isso somente poderia ser feito por meio de um embate mortal. Eu não tinha espada – se necessário, meus braços distorcidos poderiam empunhar a arma de um soldado –, mas eu tinha um punhal, e nele coloquei minha esperança. Não havia tempo para pensar ou refletir calmamente sobre a questão: eu poderia morrer tentando, mas além do ciúme ardente e do desespero no meu coração, a honra e a mera humanidade, exigiam que eu deveria sucumbir em vez de desistir de destruir as maquinações daquele demônio.

Os convidados partiram – as luzes começaram a se apagar; era evidente que os moradores da casa se recolhiam para o repouso. Eu me ocultei entre as

árvores, o jardim ficou deserto, os portões foram fechados, me aproximei e postei-me sob a janela. Ah! Eu a conhecia bem! – uma luz suave brilhava dentro do quarto, as cortinas estavam semicerradas. Aquele era o templo da inocência e da beleza. Sua magnificência foi quebrada, por assim dizer, pelos ligeiros desarranjos causados pelo uso, e todos os objetos espalhados em volta mostravam o gosto daquela que o santificava com sua presença. Eu a vi entrar a passos rápidos e se aproximar da janela, ela abriu ainda mais a cortina e olhou para o céu escuro. A brisa noturna brincava com os cachos de seus cabelos, e os erguia da transparência marmórea de sua testa. Ela apertou as mãos e elevou os olhos para o céu. Eu ouvi sua voz. “Guido!”, ela murmurou baixinho. “Meu Guido!”, e então, como se vencida pela plenitude de seu próprio coração, ela caiu de joelhos. Seus olhos erguidos, sua postura graciosa, a gratidão radiante que iluminava seu rosto – ó, essas são palavras mansas! Meu coração, sempre imaginas, embora não possas retratar, a beleza celestial daquela filha da luz e do amor.

Ouvi passos – passos firmes e céleres que vinham pelo caminho escuro. Logo vi um cavaleiro, ricamente vestido, jovem e, acreditei, gracioso chegando. Eu me escondi no mesmo lugar. O rapaz se aproximou; parou sob a janela. Julieta se levantou e, olhando novamente para fora, ela o viu e disse – mas eu não sei, não neste momento distante no tempo, eu não sei reproduzir suas palavras de imensa ternura; eram ditas para mim, mas foram respondidas por ele.

– Eu não irei – ele gritou. – Aqui onde estás, onde tua memória desliza como um espírito celeste, passarei as longas horas, até nos encontrarmos, jamais, minha Julieta, dia ou noite, partirei novamente. Mas, tu, meu amor, debes descansar; a manhã fria e as brisas constantes empalidecerão tua face e encherão de langor teus olhos amorosos. Ah, querida! Se eu pudesse beijá-los, conseguiria, enfim, dormir.

Então, ele se aproximou ainda mais, e pensei que fosse entrar no quarto. Hesitei, para não a aterrorizar; agora eu não era mais mestre de mim mesmo. Corri à frente, lancei-me em cima dele, rasguei suas roupas e gritei:

– Seu desprezível, desgraçado miserável!

Não preciso repetir epítetos, todos tendendo, ao que parece, a criticar uma pessoa por quem sinta certa parcialidade no momento. Julieta gritou. Eu não ouvi, nem vi – senti apenas meu inimigo, cuja garganta eu agarrei e o cabo da minha adaga; ele lutou, mas não conseguiu escapar. Por fim, rouco, emitii as seguintes palavras:

– Faze isso! Destrói este corpo! Tu continuarás vivo: que tua vida seja longa e alegre!

Meu punhal parou no ar ao ouvir isso e, ele, ao perceber que eu o soltara, desvencilhhou-se e sacou a espada, enquanto o alarido na casa e as tochas passavam de uma sala a outra, mostrando que logo seríamos apartados. Em meio ao meu frenesi, eu calculava: posso cair e, conquanto ele não sobreviva, não me importava com o golpe mortal que eu infligisse em mim mesmo. Enquanto, porém, ele pensasse que eu havia parado, e enquanto eu via que o vilão resolvera tirar vantagem da minha hesitação no golpe repentino que desferiu contra mim, joguei-me contra sua espada e, ao mesmo tempo, afundei meu punhal, com um gesto certo e desesperado, no lado do seu corpo. Caímos juntos, rolando um sobre o outro, e o sangue que escorria das feridas misturou-se à grama. Não vi mais nada – desmaiei.

Volto novamente à vida: sentindo-me fraco, quase moribundo, me vi estirado em cima da cama – com Julieta ajoelhada ao meu lado. Estranho! Meu primeiro pedido, quase inaudível, foi me darem um espelho. Eu me sentia tão deprimido e apavorado, que minha pobre amada hesitou, como ela mesmo me disse depois, mas, também, pudera! Reconheci-me no jovem bem-apegoado ao ver o reflexo do meu próprio rosto. Confesso ser uma fraqueza, porém reconheço, tenho um carinho considerável pelo meu rosto e membros toda vez que me olho no espelho, e tenho mais espelhos em minha casa, e consulto-os com mais frequência do que qualquer beldade de Gênova. Antes que me condenem, permitam-me dizer que ninguém sabe melhor do que eu o valor do próprio corpo; ninguém, provavelmente, exceto eu mesmo, jamais o roubou de si.

De forma incoerente, no início, falei sobre o anão e seus crimes, e reprovei Julieta por ter cedido tão facilmente ao amor dele. Ela achou que eu delirava, e com razão; e ainda assim, demorei algum tempo até poder me acalmar, admitindo que o Guido cujo arrependimento a reconquistou para mim era eu mesmo; e enquanto eu amaldiçoava amargamente o monstruoso anão, e abençoava o golpe certo que o privou de vida, subitamente confirmei, quando a ouvi dizer: “Amém!”, sabendo que aquele que ela desprezou era eu. Um pouco de ponderação me ensinou a silenciar – um pouco de prática permitiu-me falar sobre aquela noite assustadora sem cometer erros por falar em excesso.

A ferida que me infligi não era nenhuma zombaria, demorou muito até que eu me recuperasse, e quando o benevolente e generoso Torella sentou-se ao meu lado, falando com uma sabedoria que conduziria qualquer amigo ao arrependimento, e minha própria querida Julieta perto de mim, atendendo a todos os meus desejos, e me animando com seus sorrisos, minha cura física e transformação mental seguiram juntas. Na verdade, nunca recuperei totalmente as forças – estou mais pálido desde então, meu corpo um pouco curvado. Julieta, por vezes, se atreve a aludir, de modo amargo, ao mal que causou essa mudança, mas eu a beijo na mesma hora, e digo-lhe que tudo opera para o bem. Sou um marido mais afeiçoado e mais fiel, e isso é verdade – mas, por causa daquela ferida, nunca a chamei de minha.

Não tornei a visitar a praia, nem procurei o tesouro do demônio; no entanto, enquanto medito sobre o passado, muitas vezes penso, e meu confessor não estava errado em acreditar, que talvez se tratasse de um espírito bom em vez de mau, enviado pelo meu anjo da guarda para me mostrar a loucura e a miséria do orgulho. Tão bem ao menos aprendi essa lição, ensinada grosso modo como fui, que hoje sou conhecido por todos os amigos e concidadãos como Guido, o Cortês.

CAPÍTULO II

A DAMA DAS TREVAS

Sra. S. C. Hall

1850

Anna Maria Fielding nasceu em Dublin, em 1800, e veio para a Inglaterra com a mãe aos quinze anos. Ali conheceu a poeta Frances Arabella Rowden, que se interessou pela sua educação. Muitas alunas de Rowden se tornaram escritoras famosas em sua época, incluindo Caroline Ponsonby, que iria, como Lady Caroline Lamb, escandalizar a sociedade com seu caso rumoroso com Lord Byron, bem como ao publicar poemas que imitavam o estilo do poeta inglês e criando, como personagens, um casal que se assemelhava a eles em seu romance gótico *Glenarvon*.

A vida de Anna, por outro lado, não teve escândalos. Casou-se com o jornalista irlandês Samuel Carter Hall, em 1824, e a mãe de Anna

viveu com eles até morrer. Mais tarde, Anna se tornou bastante ativa no trabalho de caridade, ajudando a fundar o Hospital de Tuberculose em Brompton (hoje o Royal Brompton Hospital), o Fundo Nightingale (usado para abrir a primeira escola de enfermagem do mundo), e fazendo caridades para ajudar governantas e aias aposentadas ou sem sustento. Também foi bastante ativa no campo dos direitos femininos e, aos sessenta e oito anos, passou a receber uma pensão da Lista Civil do governo britânico em reconhecimento por suas contribuições à sociedade. Os primeiros escritos de Anna consistiam em “esboços do caráter irlandês”, um estilo bastante popular nas revistas da época. Também escreveu peças de teatro e romances, em geral, com temas ou ambientes irlandeses. No entanto, sua obra nunca se tornou popular na Irlanda, por ela não ter defendido nenhum dos lados, nem o católico, nem o protestante, porque encontrou tanto qualidades quanto defeitos em ambos.

“A dama das trevas” ^[15] distingue-se de grande parte de sua obra, não por seu conteúdo sobrenatural – seu romance *Véspera do verão: Um conto de fadas de amor*, ^[16] foi escrito a partir de lendas de fadas irlandesas –, mas porque se passa no continente europeu. Como se verá em outros contos desta coleção, a Europa continental – a Suíça e a Itália em especial – era um cenário popular na época, servindo de inspiração para os leitores, cujos meios não lhes permitiam viajar, a paixão pelos romances ao longo do *Grand Tour*. ^[17] Aqui, um conde mal-humorado é transformado após o encontro com uma fantasma da família.



s pessoas acham engraçado rir de “histórias de espíritos” em plena luz do dia, quando os raios de sol dançam sobre a grama, e as profundas clareiras das florestas estão marcadas apenas pelas suaves sombras de árvores frondosas; quando o castelo em ruínas, que parecia tão misterioso e sério no crepúsculo, parece adequado para fazer um caramanchão; quando a cachoeira brilha com as águas cristalinas, e o zumbido das abelhas e o canto dos pássaros embalam os pensamentos de esperança de vida e felicidade; as pessoas podem rir dos fantasmas então se quiserem, mas, quanto a mim, nunca pude sequer sorrir ao ouvir as histórias desses visitantes sombrios. Tenho muita fé em coisas sobrenaturais, e não posso descrever apenas com base no fato de não possuir as provas fornecidas pelos sentidos, porque eles, na verdade, sustentam com provas palpáveis tão poucas das muitas maravilhas que nos cercam, que prefiro rejeitá-las como testemunhas, do que aceitar a questão inteiramente como a sugerem.

Minha bisavó nasceu no cantão de Berna e, em idade avançada, aos noventa anos, mantinha sua memória “longeva”, como se ainda tivesse quinze anos: ela parecia ter saído do bordado de um tapete antigo, mas estava bastante familiarizada com o presente. Sua forma de falar inglês, quando se emocionava, era muito curiosa – misturava francês, definitivamente não o parisiense, com toques aqui e ali de alemão, literalmente amalgamados com o inglês, de forma que suas observações eram, por vezes, espantosas pela sua força. “As montanhas”, ela dizia, “no meu país, subiam até o céu, de modo a poder olhá-lo, e ouvir Deus falar dentro da tempestade.” Ela nunca compreendeu a verdadeira beleza da Inglaterra, mas amaldiçoava as planícies da nossa ilha – chamando nossas montanhas de “sem qualidade”, nada além disso, considerando nossa agricultura “pobre”, dizendo que a terra se lavrava sozinha, sem nos deixar nada para fazer. Ela cantava as canções folclóricas mais divertidas, e contava histórias de manhã à noite, especialmente lendas de fantasmas, mas não contaria novamente uma história desse tipo a um incrédulo: essas coisas, ela dizia, “não são risíveis”. Uma, em especial, eu me lembro, sempre atraía muita atenção de seus jovens ouvintes, por misturar realidade e

romantismo, mas nunca era contada como ela o fazia; era uma senhora idosa tão pitoresca – havia tanto a ser admirado na curiosa escultura de sua bengala de ébano, na beleza de seus babados pontudos, o tamanho e o peso de seus brincos horríveis, o estilo de seu grosso vestido de seda, a singularidade das fivelas dos seus sapatos, seu rosto escuro e vincado, uma expressão em cada dobra, sua testa alta e pensativa e, logo abaixo, os olhos azuis brilhantes – que brilhavam, mesmo sob os cílios embranquecidos com os anos. Todas essas peculiaridades davam um forte efeito às suas palavras.

“No meu tempo”, ela nos contava, “passei muitas horas felizes com Amelie de Rohean, no castelo de seu tio. Ele era um homem excelente, grande, sério, sombrio e barulhento, um homem forte, destemido. Tinha um grande coração e uma cabeça grande.

“O castelo estava situado no meio do mais estupendo cenário alpino e, no entanto, não era um lugar solitário. Havia moradias em volta; algumas bem próximas, mas separadas por uma ravina, através das quais, em todas as estações, um rio corria célere. Desconhecem como são as torrentes desse país; suas correntezas são pequenas: as nossas são gigantes. À que me refiro dividia o vale; havia rochas aqui e ali, que as águas contornavam, ou cobriam, dependendo da estação. Em duas delas, essas rochas eram de grande valor, servindo como cais para apoiar as pontes, o único meio de comunicação com os nossos vizinhos do outro lado.

“*Monsieur*, como sempre chamávamos o conde, era, como lhes disse, um homem sombrio, sério e violento. Todos os homens são cheios de vontades, minhas queridas mocinhas”, ela dizia, “mas *Monsieur* era o mais voluntarioso de todos: todos os homens são egoístas, mas ele era o mais egoísta: todos os homens são tiranos.” Aqui a velha senhora era invariavelmente interrompida pelos parentes, que diziam: “Deus do céu, vovó!”, ou “Não diga isso, vovó querida!”, e ela se continha e se abanava; depois continuava: “Sim, meus queridos, cada criatura age conforme sua natureza, todos os homens são tiranos; e confesso que acredito que um suíço, cuja herança nasceu com aquelas montanhas, tem o direito de ser tirânico; eu não tinha intenção de culpá-lo por

isso: eu não tinha, porque cresci habituada a isso. Amelie e eu sempre ficávamos de pé quando ele entrava na sala, e nunca nos sentávamos, até que nos ordenassem. Ele nunca dirigiu uma palavra amorosa, ou um olhar gentil a nenhuma de nós duas. Nunca falávamos, exceto quando nos dirigiam a palavra”.

“Mas e quando ficavas a sós com Amelie, vovó?”

“Ah, então, conversávamos, eu acho; embora fosse com moderação, pois a influência de *Monsieur* nos congelava, mesmo quando ele não estava presente; e ela sempre dizia:

– É tão difícil gostar dele, porque isso ele não quer!

“Não há no mundo ninguém mais bela que Amelie. Posso vê-la diante do espelho ricamente entalhado de seu camarim, revestido de lambris de carvalho; seu cabelo luxuriante que descia de sua testa redonda; a discreta touca de linho cobrindo a nuca; sua seda de brocado (que herdou da avó), cobria o peito com um modesto plissado; sua gorja de veludo preto e as pulseiras, mostrando com perfeição a transparência perolada de sua pele. Ela era a mais adorável de todas as criaturas, e tão boa quanto adorável; parece que foi ontem que estávamos juntas – só ontem! E, no entanto, vivi para vê-la envelhecer; assim eles a chamavam, mas ela nunca pareceu velha para mim! Minha querida Amelie!”

Noventa anos não conseguiram secar a fonte das lágrimas da pobre vovó, nem esfriaram seu coração; e nunca falou sobre Amelie sem se emocionar.

“*Monsieur* tinha muito orgulho da sobrinha, por terem o mesmo sangue: ela acrescentava seus gestos, ajudava em seus prazeres, tornara-se necessária; era o raio de sol da casa.”

“Não o único raio de sol, vovó!”, um de nós dizia. “Também eras um raio de sol.”

“Eu não existia diante de Amelie – eu não passava de sua sombra! As mais corajosas e as melhores do país teriam se sentido felizes de serem para ela o que eu era – a amiga que ela escolhera –, e algumas teriam colocado a vida em risco por um dos seus doces sorrisos, brincando à volta de seu tio, mas que nunca tocaram seu coração. *Monsieur* não admitia que ninguém se sentisse feliz, senão

ao modo dele. Ele nunca se casou; e dizia que Amelie jamais se casaria. Ela tinha, segundo ele, tanta alegria quanto ele: um castelo com uma ponte levadiça; uma floresta para poder caçar; cães e cavalos; servos e criadas, joias, ouro e lindos vestidos; um violão e um cravo; um papagaio – e uma amiga! E aquele tio! Ele acreditava que não havia outro tio como ele em toda a Europa! Por muito tempo Amelie riu dessa série de vantagens – ou seja, ria quando o tio saía da sala; nunca riu na frente dele. Com o tempo, deixou de rir, mas, em vez disso, suspirava e chorava. *Monsieur* tinha uma grande responsabilidade quanto a isso. Amelie não era impedida de ver os nobres quando vinham lhe fazer visitas formais, e ela conheceu muitos deles durante as caçadas a falcões e outros animais, mas nunca teve permissão para convidar ninguém para vir ao castelo, nem para aceitar um convite. *Monsieur* imaginava que, se ele fechasse seus lábios, fecharia seu coração; e vangloriava-se da vantagem do seu bom treino, que a mente de Amelie se fortaleceu contra todas as fraquezas, pois ela não demonstrava o menor medo de vagar pelas ruínas da capela do castelo, aonde ele mesmo não ousava ir depois de anoitecer. Esse lugar era dedicado a um espírito da família – o fantasma que, por muitos anos, tinha-o à sua inteira disposição. Reservava-se aos seus aposentos, raramente saindo deles, exceto para interferir quando algo muito errado acontecesse no castelo. *La Femme Noir* [18] foi vista deslizando pelo parapeito desprotegido da ponte e imóvel num pináculo, antes da morte do falecido senhor; e muitas lendas foram contadas sobre ela, que nesta época de incredulidade não seriam críveis.”

– Vovó, sabias por que tua amiga se aventurava de forma tão destemida pelos recantos do fantasma? – perguntou minha prima.

“Ainda não cheguei a essa parte”, ela respondeu, “e és uma menininha muito atrevida por perguntar o que não quero contar. Amelie decerto não tinha medo do espírito; *La Femme Noir* não devia sentir raiva dela, pois minha amiga passeava pelas ruínas sem se importar se era dia ou noite, com luar ou em completa escuridão. Os camponeses diziam que a moça devia ter andado sobre ossos cruzados, ou bebido água do crânio de um corvo, ou passado nove vezes em torno do espelho do espectro na véspera do verão. Ela deve ter feito tudo

isso, se não mais: havia pouca dúvida de que a *Femme Noir* a iniciara em certos mistérios, pois, às vezes, ouviam sussurros, e viam duas sombras atravessando a antiga capela destelhada, quando *Mamselle* cruzou a passarela sozinha. *Monsieur* jactava-se do destemor de sua gentil sobrinha; e, mais de uma vez, quando teve convidados em festas no castelo, ele a enviava, à meia-noite, para lhe trazer um galho de uma árvore que só crescia ao lado do altar da velha capela; e ela atendia às suas ordens sempre de boa vontade, embora não tão rapidamente quanto ele desejasse.

“Mas certamente a coragem de Amelie não lhe trouxe tranquilidade. Ela ficou pálida; seu travesseiro amanhecia banhado em lágrimas; deixou de tocar música; não tinha mais prazer em caçar; e seus cabritos, ao deixarem de receber a habitual atenção, debandaram para as montanhas. Ela passou a me evitar – a mim, sua amiga, que morreria por ela; ela me abandonou; não respondia a meus pedidos, e não dava ouvidos ao que eu dizia. Certa manhã, quando seus olhos estavam fixos num livro que fingia ler, e eu me sentei com meu bordado um pouco longe, vendo suas lágrimas descendo pelo seu rosto, até eu me cegar com as minhas, ouvi os passos pesados de *Monsieur* vindo pelo longo corredor; algumas botas rangem, mas as botas de *Monsieur* rosnavam!

– Salve-me, ó, salve-me! – ela exclamou enlouquecida.

“Antes que eu pudesse responder, o tio abriu a porta de forma violenta, e ficou diante de nós como a encarnação de um raio. Ele segurava uma carta aberta na mão – seus olhos faiscavam, suas narinas estavam dilatadas –, ele tremia tanto de raiva que os armários e as antigas porcelanas sacudiram.

– Conheces Charles Le Maître? – ele perguntou.

“Amelie disse que sim.

– Como conhecestes o filho do meu inimigo mais mortal?

“Ela não respondeu. Ele repetiu a pergunta. Amelie respondeu que o conhecia e, por fim, confessou tê-lo encontrado nas ruínas do castelo! Ela se atirou aos pés do tio – agarrou-se aos seus joelhos: o amor a ensinara a ser eloquente. Ela lhe disse quanto Charles lamentava a antiga rixa; quanto ele era gentil, verdadeiro e bom. Prostrada no chão, confessou, de forma modesta,

porém firme, que amava o rapaz; que preferia sacrificar toda a riqueza do mundo a esquecê-lo.

“*Monsieur* parecia sufocar; abriu a gravata bordada, jogou-a no chão – e ela continuava agarrada a ele. Por fim, ele a repeliu com força; ele se arrependia de tê-la alimentado, e alimentado o ódio à memória de sua mãe! Porém, apesar da natureza de Amelie ser terna e afeita, o velho espírito da antiga raça cresceu dentro dela; a frágil moça se levantou, e ela se postou empertigada diante daquele homem tempestuoso.

– Acreditaste – ela disse –, porque me ajoelhei diante de ti, que sou fraca? Porque te suportei, que eu não tenha meus próprios pensamentos? Alimentaste este corpo, mas não meu coração; não me deste nem amor, nem carinho, nem compreensão; me exibiste a teus amigos como exibes teu cavalo. Se tivesses, por caridade, semeado as sementes do amor em meu peito; se tivesses sido um pai para mim em carinho, eu teria sido tua filha. Não lembro de nenhuma vez não ter tremido ao ouvir teus passos, mas não farei mais isso. Eu teria te amado, confiado, me afeiçoado a ti, mas eu temia que soubesses que eu tinha um coração, para que não o insultasses, nem o ferisses. Ó, senhor, aqueles que esperam amor e não o recebem, e semeiam confiança onde não há nenhuma, explodem durante a juventude, e constroem para si uma velhice desonrosa.

“A cena terminou quando *Monsieur* caiu no chão com um ataque, e Amelie foi levada desacordada para o quarto.

“Naquela noite, o castelo foi cercado por tempestades; vinham de todas as direções da bússola – raios, trovões, chuva e granizo! O senhor deitou-se em sua cama imponente, perturbado; ele mal podia acreditar que Amelie havia dito as palavras que ele ouviu; frio e egoísta como era, ele também tinha uma visão clara, e foi a verdade contida nas palavras que ela disse que o surpreendeu. Porém, seu coração ainda era duro; ordenou que Amelie permanecesse trancada em seu quarto, e que seu amado fosse trazido e aprisionado quando viesse encontrá-la à noite. *Monsieur*, como eu disse, estava deitado em sua cama imponente, os raios, intermitentes, iluminavam a escuridão do quarto. Sentei-me no chão do lado de fora, mas não conseguia ouvi-la chorar, embora soubesse

que ela estava sendo consumida pela tristeza. Enquanto eu esperava sentada, com a cabeça apoiada no batente da porta, um vulto passou através da porta de carvalho maciço do seu quarto, sem arrancar as ferragens. Eu o vi do mesmo modo como os vejo agora, sob a influência de tantas emoções; a porta não se abriu, mas o vulto a atravessou – uma forma sombreada, escura e vaporosa, porém de contornos distintos. Eu sabia que era *La Femme Noir*, e eu tremi, pois ela nunca aparecia à toa; sempre havia uma razão. Não temi por Amelie, porque *La Femme Noir* nunca lutou contra intelectuais ou virtuosos. Ela passou devagar, mais devagar do que estas minhas palavras, pelo corredor, crescendo à medida que avançava, até entrar no quarto de *Monsieur* pela porta em frente onde eu estava. Ela parou ao pé da cama, e os raios, já não tão fortes, com seus amplos clarões, continuavam a iluminar o cômodo. Ela ficou totalmente imóvel por algum tempo, e o senhor lhe perguntou, em voz alta, de onde ela viera e o que ela queria. Por fim, quando a tempestade cessou, ela lhe disse que todo o poder que ele possuía não conseguiria impedir a união entre Amelie e Charles. Eu a ouvi falar; parecia o sussurro do vento entre os ramos de abeto – frio e penetrante, gelando os ouvidos e o coração. Desviei os olhos enquanto ela falava, e quando olhei de novo, ela havia desaparecido! A tempestade tornou-se mais violenta, e a raiva do senhor acompanhava a ira dos elementos. Os criados tremiam de pavor; temiam algo que desconheciam: os cães aumentavam seu temor uivando sem parar, e depois latindo ainda mais alto; o senhor andava de um lado para outro do quarto, chamando em vão pelos criados, batendo o pé e imprecando como um louco. No fim, entre clarões de relâmpagos, ele chegou no alto da grande escadaria, e o badalar do sino de alerta misturou-se aos trovões e ao rugido das torrentes que desciam as montanhas: isso chamou os criados à sua presença, embora não entendessem o que ele dizia – ele insistia que Charles deveria ser trazido diante dele. Todos nós trememos, pois ele estava louco e lívido de raiva. O guarda, a quem a custódia do rapaz foi entregue, não tinha coragem de entrar no salão onde ecoavam sua voz alta e as passadas pesadas, porque, quando ele foi buscar o prisioneiro, descobriu que a trava e a barra tinham sido tiradas, e o portão de ferro estava escancarado: ele sumira.

Monsieur sentiu alívio ao ser obrigado a entrar em ação: ordenou sua imediata perseguição, e montou um grupo de busca, apesar da tempestade, apesar da fúria dos elementos. Mesmo com os portões sacudindo, e o castelo tremendo como uma folha de faia, ele seguiu em frente, com o caminho iluminado pelos relâmpagos: mesmo sendo corajoso e ousado, foi quase impossível fazer seu cavalo avançar; ele cravava fundo as esporas nos flancos do nobre animal, até o sangue escorrer tingindo a chuva de vermelho. Por fim, correu que nem um louco pelo caminho até a ponte por onde o rapaz deveria passar; e ao chegar ali, o senhor divisou a capa ondulante do perseguido a alguns metros à frente. De novo, o cavalo se rebelou contra a vontade do senhor, os relâmpagos brilhando em seus olhos, e as torrentes como uma massa de fogo ardente; não se ouvia mais nada, além do rugido das águas; seus comandados se agarravam à medida que avançavam até a guarda da ponte. O rapaz, inconsciente da *perseguição*, seguia rapidamente; e mais uma vez atizado, o cavalo avançou. No mesmo instante, o vulto da *Femme Noir* surgiu com o estrondo que percorreu a ravina; a torrente seguiu na mesma direção que ela, e mais da metade da ponte cedeu e foi varrida para sempre. Quando o senhor deteve o cavalo que ele insistia que avançasse, viu o rapaz ajoelhado de braços abertos na outra margem – ajoelhou-se em agradecimento por se livrar do duplo perigo. Todos ficaram tocados com o gesto do rapaz, e se regozijaram por sua sorte, embora não tivessem a intenção de dizer isso, ou mostrar que pensassem assim. Nunca vi uma pessoa mudar tanto quanto o senhor ao entrar pelos portões do castelo; estava pálido – seus olhos calmos, a pluma ereta do seu chapéu pendia partida sobre o ombro –, andava de forma desigual e, com a voz débil de uma menina, disse:

– Tragam-me uma taça de vinho.

“Eu era a criada que lhe servia o vinho e, pela primeira vez na vida, ele me agradeceu de forma gentil e, de modo caloroso, tocou meu ombro em agradecimento; esse gesto quase me atirou do outro lado da sala. O que aconteceu em seu quarto, eu não sei. Alguns dizem que a *Femme Noir* o visitou novamente: não posso afirmar, porque não a vi; conto o que vi, não o que ouvi dizer. A tempestade passou com um estrondo de trovão, que fez os outros sons

parecerem como pedregulhos numa onda na praia. Na manhã seguinte, *Monsieur* mandou chamar o padre. O bom homem parecia aterrorizado ao entrar no salão, mas *Monsieur* encheu-lhe as mãos com moedas de ouro que tirou de uma bolsinha de couro, para restaurar rapidamente a igreja; e segurando sua mão quando ele saiu, olhou firme para ele. Ao fazer isso, sua frente empapou-se de suor; suas feições sérias e sisudas tornaram-se estranhamente comovidas, enquanto olhava a face calma e pálida do ministro de paz.

– Tu – ele disse –, pedes a Deus para abençoar o camponês mais pobre que passa por ti na montanha; não tens uma bênção para o senhor de Rohean?

– Meu filho – respondeu o bom homem –, dou-te a bênção que posso te dar: que Deus te abençoe, e que teu coração se abra para dar e receber.

– Eu sei que posso dar – disse o homem orgulhoso –, mas o que posso receber?

– Amor – ele respondeu. – Toda a tua riqueza não te trouxe felicidade porque não sabes amar, nem ser amado!

“O demônio voltou ao seu rosto, mas não ficou somente ali.

– Tu me ensinarás sobre isso – ele disse.

“E então o bom homem se foi.

“Amelie continuou prisioneira, mas houve uma mudança em *Monsieur*. A princípio, ele se trancou em seu quarto, e ninguém podia se apresentar na frente dele; ele comia sozinho com o alimento levado pelo único criado que se aventurava se aproximar de sua porta. Ouviam-no andar de um lado para outro do quarto, dia e noite. Antes de dormir, ouvíamos seus passos pesados; de manhã, lá estavam novamente: e os criados da casa, ao acordar de vez em quando no meio da noite, diziam que os passos não paravam.

“*Monsieur* sabia ler. Ah, podem achar graça, mas naquela época, e naquelas montanhas, os ‘senhores’ não se preocupavam em ter conhecimentos, mas o senhor de Rohean sabia ler em grego e latim, e mandou que O Livro que ele nunca mais abriu desde a infância fosse trazido até ele. Foi tirado de sua caixa de veludo, e carregado até ele, e víamos sua sombra, pelo lado de fora, como a

sombra de um gigante, curvando-se sobre O Livro; e ele o leu por alguns dias; e esperávamos ardentemente que ele o abrandasse e mudasse sua natureza – e embora eu não possa falar muito sobre brandura, de fato, houve uma grande mudança; ele deixou de andar com uma expressão mal-humorada pelos corredores, de bater as portas e imprecar contra os criados. Parecia possuído por um demônio feliz, cantarolando uma velha canção:

Aux bastions de Genève, nos canons

Sont branques;

S'il y a quelque attaque nous les feront ronfler,

Viva! les cannoniers!^[19]

e então ele parava, e batia palmas como címbalos e ria. Uma vez, quando eu estava passando, ele me puxou pelo braço e me girou no ar numa valsa, gargalhando ao me colocar de volta no chão, deixando-me terminar a tela do meu bordado. Ele formou uma banda de trompetes e trombetas, e insistiu que os pastores de bodes e cabras tocassem revéis nas montanhas, e as crianças do vilarejo tocavam tambores: sua única ideia de alegria e felicidade era fazer barulho. Pôs todo o cantão para trabalhar a fim de consertar a ponte, pagando aos operários salários dobrados; e ele, que nunca havia entrado numa igreja antes, ia quase todos os dias ver como os operários estavam trabalhando. Ele falava e ria muito sozinho; e em sua alegria de coração, promovia brigas entre os mastins e fazia excursões – e não sabíamos aonde ele ia. Por fim, Amelie foi chamada à sua presença, e ele a sacudiu, e gritou, depois a beijou; e, esperando que ela se comportasse, disse-lhe que arranjava um marido para ela. Amelie chorava e rezava; e o senhor brincava e cantava. Afinal, ela desmaiou; e aproveitando o desmaio, ele a levou até a capela; e ali, ao lado do altar, estava o noivo – que não era outro, senão Charles Le Maître.

“Eles viveram muitos anos felizes juntos, e quando *Monsieur* se tornou um homem melhor em todos os sentidos, embora continuasse a ser muito estranho,

a *Femme Noir* apareceu novamente para ele – uma única vez. Ela veio com um ar plácido, numa noite de verão, com os braços erguidos para o céu.

“No dia seguinte, o sino abafado anunciou ao vale que o orgulhoso e tempestuoso senhor de Rohean havia falecido.”

CAPÍTULO III

A MANSÃO MORTON

Elizabeth Gaskell

1853

Como Mary Shelley, Elizabeth Cleghorn Stevenson não conheceu a mãe, que morreu logo depois de ela completar um ano de idade. Diferentemente de Mary, no entanto, sua educação foi bastante convencional. Como uma heroína de Jane Austen, foi enviada para a casa de uma tia, e cresceu sem qualquer recurso próprio e nenhuma garantia de um lar permanente. Recebeu a educação típica de uma jovem de sua época, com foco em artes, livros clássicos e etiqueta. Em seu tempo livre, vagava pelas florestas e nos campos em volta da casa da tia, colhendo flores silvestres e olhando os pássaros. Aos vinte e um anos, casou-se com um ministro da Igreja Unitária local, chamado

William Gaskell: tiveram um filho natimorto e o segundo morreu na primeira infância, mas três meninas sobreviveram.

A carreira literária de Elizabeth parece ter começado em 1835, ao escrever um diário para documentar o crescimento de sua filha Marianne; passou a escrever sobre a parentalidade e suas outras filhas. No ano seguinte, ela e William escreveram juntos uma série de poemas chamados “Esboços sobre a pobreza”, publicados na *Blackwood Magazine*, em janeiro de 1837. Seu primeiro trabalho solo, “Clopton Hall”, foi publicado em 1840 numa coleção intitulada *Visitas a lugares notáveis*, [20] e atribuído apenas a “Uma Dama”. [21] Nos oito anos seguintes, publicou vários contos com o pseudônimo masculino de “Cotton Mather Mills”, um nome sem dúvida inspirado em sua fé da Igreja Unitária.

“A Mansão Morton” [22] é um dos seus contos menos publicados em antologias. Menos gótica do que a obra de Mary Shelley, mesmo assim incorpora uma quantidade de tropos bastante populares nas ficções góticas e sensacionalistas de sua época: a mansão em ruínas, o casamento inadequado e a maldição ou a profecia cumprida ao final. Muitos desses elementos também são encontrados, de forma mais conhecida, em *O cão dos Baskerville*, [23] que Arthur Conan Doyle iniciou como uma história de terror antes de decidir introduzir Sherlock Holmes, ressuscitado por exigência de seus leitores, após sua aparente morte, oito anos antes, no conto “O problema final”. [24]

“A Mansão Morton” foi publicado pela *Household Words*, uma revista semanal editada por Charles Dickens entre 1850 e 1859.





ossa antiga mansão será demolida para a construção de ruas naquele local. Eu disse à minha irmã:

– Etelinda! Se eles realmente demolirem a Mansão Morton, será pior do que a Abolição das Leis dos Cereais. [25]

E, depois de refletir um pouco, ela respondeu que, se dissesse o que estava pensando, acharia que os papistas tinham algo a ver com isso; que nunca haviam perdoado um membro da família Morton que estava com lorde Monteagle quando este descobriu a Conspiração da Pólvora, [26] pois nós sabíamos, que, em algum lugar em Roma, havia um livro guardado, há muitas gerações, relatando fatos secretos de cada família inglesa importante, registrando os nomes daqueles por quem os papistas mantinham aversão ou gratidão.

Ficamos em silêncio por algum tempo, mas tenho certeza de que estávamos pensando a mesma coisa; nosso antepassado, um Sidebotham, fora seguidor de Morton naquela época; sempre se disse na família que ele estava com seu senhor quando este acompanhou lorde Monteagle e encontrou Guy Fawkes [27] com sua lanterna no porão do Parlamento; e a pergunta passou por nossa mente: os Sidebotham receberam uma marca preta naquele misterioso livro guardado a sete chaves pelo papa e os cardeais de Roma? Era terrível, porém, de alguma forma, também era prazeroso pensar assim. Muitos dos infortúnios que nos atingiram ao longo da vida, e que chamávamos de “misteriosas desconsiderações”, mas que alguns de nossos vizinhos atribuíam ao nosso desejo de prudência e previsão, foram contabilizados ao mesmo tempo, como se fôssemos o objeto do ódio mortal de uma poderosa ordem como a dos jesuítas, a quem temíamos desde que lemos *A mulher jesuíta*. [28] Não sei se essa última ideia sugeriu o que minha irmã comentou em seguida; nós conhecíamos um primo de segundo grau da mulher jesuíta, então, podia-se dizer que tinham ligações literárias e, a partir daí, um pensamento assustador pode ter surgido na mente da minha irmã, porque ela exclamou:

– Biddy! – (meu nome é Bridget, mas apenas minha irmã me chama assim) –, suponha que me escrevas sobre a Mansão Morton; sabemos muita coisa que aconteceu na família Morton na nossa época, e seria uma vergonha se tudo isso fosse totalmente esquecido, enquanto pudermos falar e escrever.

Fiquei satisfeita com a ideia, devo confessar, mas me senti envergonhada por ter que concordar imediatamente, embora, ao objetar por modéstia, eu tenha me lembrado de tudo que ouvi sobre a antiga mansão no passado, e como fosse, talvez, tudo o que eu pudesse fazer agora pela família Morton, de quem nossos antepassados foram locadores por mais de trezentos anos. Então, por fim, concordei e, por medo de errar, mostrei ao sr. Swinton, nosso jovem pároco auxiliar, que me explicou para que eu pudesse compreender.

A Mansão Morton fica a cerca de oito quilômetros do centro de Drumble. Está localizada nos arredores de uma aldeia, que, quando a mansão foi construída, talvez fosse tão grande quanto Drumble naquele tempo; e eu me lembro que havia um longo trecho de estrada erma, com cercas vivas altas dos dois lados, entre as aldeias de Morton e Drumble. Hoje, é uma rua, e Morton parece um subúrbio da cidade grande. Nossa fazenda ficava onde a rua Liverpool passa hoje; e as pessoas costumavam vir caçar onde a igreja batista está construída. Nossa fazenda deve ser mais antiga do que a mansão, pois tínhamos a data de 1460 numa de nossas vigas de sustentação. Meu pai se orgulhava de ter essa vantagem, pois, na mansão, a data mais antiga era 1554; e me lembro de ele discutir com a sra. Dawson, a governanta, batendo-se nesse fato certa noite quando ela veio tomar chá com minha mãe, e Etelinda e eu éramos bem pequenas. Mas, minha mãe, ao ver que a sra. Dawson não admitiria que nenhuma casa na paróquia fosse mais antiga que a mansão, e que estava começando a ficar irritada, quase insinuando que os Sidebotham falsificaram a data para depreciar os Morton, querendo ser considerada a família mais antiga da região, pediu à sra. Dawson que nos contasse a história do velho sir John Morton, antes de irmos dormir. Eu, espertamente, lembrei a meu pai de que Jack, nosso empregado, não era tão cuidadoso quanto deveria ser para guardar as vacas no horário certo à noite, durante o outono. Então, ele saiu

atrás de Jack, e nós nos aproximamos da lareira para ouvir a sra. Dawson contar a história de sir John.

Sir John Morton viveu na época da Restauração. [29] Os Morton ficaram do lado do rei; então, quando Oliver Cromwell subiu ao poder, ele cedeu as suas terras a um dos seguidores puritanos – um homem que fora um mascate escocês até o início da guerra; e sir John foi viver com seu real senhor em Bruges.

O novo rico chamava-se Carr e ocupou a mansão Morton, tenho orgulho de dizer que nós – quero dizer, nossos ancestrais – lhes demos bastante trabalho. Ele tinha muita dificuldade para receber os aluguéis dos inquilinos que se negavam a pagar a um Cabeça Redonda. [30] Se ele os acionasse judicialmente, os oficiais de justiça eram tão mal remunerados, que evitavam fazer qualquer diligência até Morton – vindo sozinhos pela estrada da qual lhe falei antes. Ouviam-se estranhos ruídos na mansão, que ganhou fama de assombrada, mas, como os barulhos nunca foram ouvidos antes ou depois de Richard Carr ter vivido ali, deixo que decidam por si mesmos se os maus espíritos sabiam quem eles deveriam assombrar – rebeldes cismáticos e ninguém mais. Eles não ousavam perturbar os Morton, que eram os verdadeiros, leais e fiéis seguidores do rei Charles I, em palavras e atos. Por fim, o Velho Oliver morreu, e o povo disse, que, naquela noite selvagem e tempestuosa, ouviram gritar bem alto, onde ecoam os gansos selvagens, chamando seu leal seguidor, Richard Carr, para se juntar a ele, fugindo dos demônios que o perseguiram, antes de arrastá-lo ao inferno. De qualquer forma, Richard Carr morreu após uma semana – chamado pelos mortos ou não, acompanhando seu mestre e o senhor do seu mestre.

Então, sua filha Alice entrou na posse da propriedade. Sua mãe era parente do General Monck, [31] que começou a ter poder nessa época. Então, quando Charles II ascendeu ao trono, e muitos dos puritanos aproveitadores precisaram renunciar às terras que haviam tomado ilegalmente para devolvê-las a seus donos, Alice Carr continuou reinando na Mansão Morton. Ela era mais alta do que as outras mulheres e muito bonita, segundo me disseram. Mas, apesar de

toda a beleza, ela era bastante rigorosa. Seus inquilinos sabiam que ela era severa quando o pai ainda estava vivo, mas agora que era a senhora e detinha o poder, tornou-se pior ainda. Ela odiava os Stuart mais do que seu pai os odiou; jantava sopa de cabeça de vitela no dia 30 de janeiro de todos os anos e, quando ia chegando o dia 29 de maio, e cada filho da aldeia colhia as folhas de carvalho ³² para enfeitar o chapéu, ela trancava as janelas da mansão e passava o dia de luto, escondida na penumbra. Ninguém gostava de contrariá-la, por ela ser jovem e bonita. Disseram que o rei pediu a seu primo, o duque de Albemarle, para convidá-la para ir à corte, tão gentilmente como se ela fosse a rainha de Sabá e o rei Charles fosse Salomão pedindo-lhe para visitá-lo em Jerusalém. Mas ela não foi; não ela! Ela vivia de modo bastante recluso, e agora o rei teria que se conformar; nenhum criado exceto sua governanta poderia ficar com ela dentro da mansão; e os inquilinos não teriam que lhe pagar mais nada, pois seu pai havia pagado pelas terras ao Parlamento em dinheiro vivo.

Durante esse tempo, sir John estava em algum lugar nas plantações na Virgínia; e somente saíam navios de lá duas vezes por ano, mas seu real senhor mandou-o de volta para casa; e ele regressou no segundo verão após a Restauração. Ninguém sabe se a senhora Alice tomou conhecimento de sua chegada à Inglaterra ou não; todo o povo da aldeia e todos os inquilinos sabiam e, um dia, trajaram suas melhores roupas, carregando grandes ramos de carvalho para dar as boas-vindas a ele quando adentrou a aldeia numa manhã de julho, ladeado por belos cavaleiros, que riam e conversavam, divertindo-se e falando alegremente com o povo da aldeia. Vieram pelo outro lado da estrada de Drumble. De fato, Drumble mal era uma aldeia nessa época, como lhes disse antes. Entre o último chalé da aldeia e os portões da velha mansão, havia um trecho sombreado da estrada, onde os galhos quase se tocavam no alto de cada lado, criando uma penumbra verdejante. Se reparar, quando se conversa alegremente ao ar livre, ao sol, todos param de falar por um instante quando passam por uma sombra fresca sob as árvores, e ficam em silêncio por algum tempo, ou falam num tom mais grave, mais baixo e mais devagar. Assim afirmam os mais velhos o que fizeram esses alegres cavaleiros, pois muitos deles

os seguiram para ver Alice Carr ser despida de seu orgulho. Eles contavam como os cavaleiros tiveram que abaixar os chapéus emplumados para passar sob os galhos. Creio que sir John esperava que a senhora tivesse chamado os amigos e se preparado para algum tipo de batalha, para defender a entrada da mansão, mas ela não tinha amigos. Não havia nenhum outro parente senão o duque de Albemarle, e este estava zangado por ela ter se recusado a ir à corte, e a salvar assim sua propriedade, de acordo com seus conselhos.

Bem, sir John cavalgou em silêncio; o som dos cascos dos cavalos e dos tamancos dos aldeões era tudo o que se ouvia. O pesado portão foi aberto de par em par, e eles prosseguiram até a escadaria da entrada da mansão, onde a senhora estava esperando de pé, com sua roupa puritana simples e reservada, o rosto corado, os grandes olhos faiscando, sem ninguém atrás dela, com ela, ou perto dela, nem ninguém à vista, senão a velha governanta, trêmula, agarrada à própria saia, em estado de terror. Sir John se surpreendeu; ele não poderia atacar uma mulher com espadas e lanças de guerra; seus preparativos para fazer uma entrada forçada lhe pareceram ridículos, e ele também sabia, diante de seus alegres e brincalhões companheiros; então, ele mudou de ideia e disse-lhes para esperar ali, enquanto seguiu sozinho até a escadaria, para falar com a jovem senhora; então, eles o viram, de chapéu na mão, conversando com a senhora, e ela, de pé, imponente e impassível, como uma rainha à frente de seu exército. O que os dois disseram, ninguém ouviu, mas ele cavalgou de volta, muito sério, com o semblante diferente, embora seus olhos acinzentados parecessem mais argutos do que antes, entrevendo uma saída, mesmo que fosse um pouco adiante. Ele não suportaria ser caçado na frente de seus homens, então, quando comunicou haver mudado de ideia e que não queria perturbar uma dama tão bela em sua casa, ele e os cavaleiros retornaram à taberna na aldeia, e passaram o dia todo festejando, cortando os incômodos galhos da cavalgada matutina para fazer uma fogueira no centro da aldeia, onde queimaram um boneco, que alguns chamaram de Velho Noll, ^[33] e outros de Richard Carr: tanto fazia, eles disseram, pois, se não o batizassem com um nome, a maioria pensaria não passar de uma tora de madeira. Mas a governanta da senhora disse

aos aldeões que, depois que Alice Carr saiu da ensolarada escadaria da mansão, e voltou para o interior sombrio e frio de sua casa, que a colocou numa poltrona, ela chorou como nunca a viu chorar antes, sem imaginar que a orgulhosa dama pudesse chorar. Durante todo aquele dia de verão, ela chorou, e se cessava por um momento por excesso de fadiga, suspirava como se o seu coração estivesse partido; eles ouviam pelas janelas no segundo andar – abertas por causa do calor – os sinos da aldeia repicando alegremente pela floresta, e os coros entoando as canções dos animados cavaleiros, todos aclamando os Stuart. Tudo o que a jovem senhora disse, uma ou duas vezes, foi: “Ó, Deus! Como eu não tenho amigos!” – a velha governanta sabia que era verdade, e não poderia desdizê-la; e pensou, como disse bem depois, que aquele choro tão sentido indicava a iminência de uma grande tristeza.

Suponho que a tristeza fosse o que a orgulhosa senhora mais temesse, mas esta veio como a celebração de um casamento. Como, a aldeia nunca soube. Os alegres cavalheiros partiram de Morton a cavalo no dia seguinte tão descansados e despreocupados como se sua missão tivesse sido cumprida e sir John houvesse, de fato, retomado a casa; e, aos poucos, sua governanta vinha de modo tímido fazer compras no mercado da aldeia, e a senhora Alice podia ser vista caminhando pela floresta, tão imponente e orgulhosa como sempre, apenas um pouco mais pálida e mais triste. Na verdade, conforme me contaram, a senhora Alice e sir John se afeiçoaram um ao outro naquela conversa na escadaria da mansão; ela, do modo profundo e selvagem como se deixava impressionar, gravado a fogo. Sir John era um homem galante e bem-apegoado, e tinha uma forma graciosa e curiosamente gentil de se comportar. O modo como ele gostava dela era muito diverso – um modo viril, segundo me disseram. Ela era uma bela mulher a ser domada e feita para ceder ao chamado dele; e talvez ele tenha lido em seus ternos olhos que ela poderia ser conquistada e, então, todos os problemas legais sobre a posse da propriedade terminaram de um modo simples e prazeroso. Ele se hospedou com os amigos na vizinhança; encontrava-a nos seus lugares favoritos, com o chapéu emplumado na mão, suplicante

diante dela, e ela parecia mais afável e adorável do que nunca e, por fim, os inquilinos foram informados de que o casamento seria celebrado em breve.

Após a celebração, sir John ficou por algum tempo com a senhora na mansão, e depois retornou à corte. Dizem que sua recusa obstinada em acompanhar o marido a Londres foi a causa da primeira discussão do casal, mas pessoas com personalidade tão forte como eles iriam discutir desde o dia do casamento. Ela disse que a corte não era o lugar para uma mulher honesta, mas certamente sir John sabia o que fazer, e ela poderia ter confiado nele e ficado sob seus cuidados. No entanto, ele a deixou sozinha e, no início, ela chorou amargamente, depois retomou o antigo orgulho, e mostrou-se mais arrogante e sombria do que nunca. Aos poucos, encontrou alguns subterfúgios e, como sir John nunca lhe restringia o dinheiro, reuniu os remanescentes do antigo partido puritano em torno dela, e tentou se acalmar fazendo longas orações, resmungando por causa da ausência do marido, mas de nada adiantou. Mesmo sentindo-se maltratada, ela ainda o amava desesperadamente. Certa vez, dizem, vestiu as roupas da criada, e seguiu, disfarçada, até Londres para saber o que o prendia por lá; e ela viu, ou ouviu algo que a afetou por completo, pois voltou com o coração partido. Disse que a única pessoa que ela amou com toda a força selvagem do seu coração provou ser falso com ela; e se fosse verdade, pudera! Na melhor das hipóteses, ela não passava de um ser sombrio, e era uma grande honra para a filha de seu pai ter se casado com um Morton. Ela não poderia ter esperado muito.

Depois da prostração, veio a religião. Todos os antigos pastores puritanos do país eram bem-vindos à Mansão Morton. Certamente, isso era o suficiente para desgostar sir John. Os Morton não se importavam em ser muito religiosos, mas a religião que tinham era suficiente para eles. Então, quando sir John chegou esperando receber uma calorosa recepção ou uma terna demonstração de amor, sua senhora o repeliu, e começou a rezar diante dele, recitando-lhe o último texto puritano que tinha ouvido; e ele xingou a ela e a todos os pastores; e fez um juramento de morte de que nenhum deles seria bem-vindo em nenhuma de suas casas. Ela o olhou com desprezo, e disse que queria saber em

que condado da Inglaterra estava essa casa a que ele se referia, pois na que seu pai comprou e que ela herdara, todos os pastores do Evangelho seriam bem-vindos, não importava que leis o rei decretasse, nem que juramentos seus seguidores fizessem. Ao ouvir isso, ele não respondeu nada – o pior sinal para ela –, mas ele forçou um sorriso e, depois de uma hora, partiu a cavalo para reencontrar a bruxa francesa que o seduzira.

Porém, antes de sair de Morton, ele enviou espiões. Queria esmagar a mulher com as próprias mãos e puni-la por tê-lo desafiado. Ela conseguiu que ele a odiasse por seus modos puritanos. Contou os dias até o mensageiro chegar, calçando botas de couro bem altas, para dizer que a senhora convidara os pastores puritanos da vizinhança para um encontro de oração, oferecendo-lhes um almoço e pouso à noite em sua casa. Sir John sorriu ao dar ao mensageiro cinco moedas de ouro por seus serviços, e partiu direto, cavalgando por longos dias, até chegar a Morton a tempo, pois este seria o dia do encontro de oração. Nessa época, os almoços no campo eram servidos à uma hora. Os nobres de Londres podiam almoçar mais tarde e se sentar à mesa às três ou depois dessa hora, mas os Morton seguiam as antigas tradições e, quando os sinos da igreja deram doze horas no momento em que sir John chegou a cavalo na aldeia, ele sabia que poderia soltar o freio; e vendo a fumaça de um fogo recém-aceso, logo depois da floresta, onde ele sabia estar a chaminé da cozinha da mansão, sir John parou no ferreiro e pediu que este examinasse, mesmo sem precisar, as ferraduras de seu cavalo, mas não ouviu o que ele lhe disse por estar mais ocupado falando com um antigo criado da mansão que passou grande parte da manhã na ferraria, como o povo imaginou depois, para encontrar sir John. Quando acabaram de conversar, sir John montou de novo o cavalo, pigarreou e disse bem alto:

– Sinto saber que sua senhora esteja tão doente.

Ao ouvir isso, o ferreiro se deteve, pois toda a aldeia sabia da festa que aconteceria na mansão; os frangos foram comprados e os cordeiros abatidos, pois os pastores, nessa época, se iam jejuar, jejuavam; se iam lutar, lutavam; se

iam rezar, rezavam, às vezes, por três horas sem parar; e se iam festejar, festejavam, e sabiam comer bem, podem crer.

– Minha senhora está doente? – perguntou o ferreiro, duvidando da palavra do antigo criado.

E este poderia ter respondido de um modo duro (ele esteve em Worcester e lutou ao lado do rei), mas sir John o interrompeu bruscamente.

– Minha senhora está muito doente, meu bom mestre Fox. Está mal das ideias – ele continuou, apontando a cabeça. – Eu vim para levá-la para Londres, onde o próprio médico do rei vai examiná-la.

E seguiu a cavalo, em direção à mansão.

A senhora estava bem, como sempre esteve, e mais feliz do que nunca em sua vida, porque, em poucos minutos, ela estaria entre aqueles que ela mais estimava; aqueles que conheceram e valorizavam seu pai – seu falecido pai, por quem seu entristecido coração doía, como o único amigo e amor que teve na terra. Muitos dos pastores vinham de longe – estava tudo em ordem nos quartos e à mesa na grande sala de jantar? Ela começou a se apressar. Desceu e subiu a grande escadaria de carvalho para ver se o quarto na torre estava em ordem para o velho mestre Hilton, o mais antigo dos pastores. Enquanto isso, as cozinheiras carregavam peças de carne temperada, quartos de cordeiro, tortas de frango e todas essas comidas, quando, de repente, sem saber como, foram agarradas por braços fortes, que arrancaram seus aventais para amordaçá-las, e levadas ao galinheiro nos fundos, onde, sofrendo as piores ameaças, foram enviadas, depois de muitos xingamentos (sir John não podia controlar seus homens, muitos serviram como soldados nas guerras contra a França), de volta à aldeia. Elas correram como coelhos assustados. Minha senhora estava espalhando flores de lavanda recém-colhidas no quarto do velho pastor e arrumando os potes na penteadeira quando ouviu passos na escada. Não era o andar contido de um puritano; era um soldado que se aproximava, a passos fortes, rapidamente. Ela conhecia aquele andar; seu coração parou, não de medo, mas por ainda amar sir John; e avançou para ir ao encontro dele, porém, estancou e tremeu, pois imaginou, de modo falso e lisonjeiro, que ele viera

movido por um novo impulso de amor, e seus passos apressados deviam-se à apaixonada ternura de um marido. Mas, quando sir John chegou à porta, Alice parecia calma e indiferente como sempre.

– Minha senhora – ele disse –, reuniste teus amigos para uma festa. Posso saber quem são os convidados que virão à minha casa? Alguns camaradas bem sem graça, pelo que pude ver, pelo estoque de carne e bebida lá embaixo, bêbados tomadores de vinho, eu suponho.

Mas, pela expressão de seus olhos, Alice percebeu que ele sabia de tudo; então respondeu friamente:

– Mestre Ephraim Dixon, mestre Zerubbabel Hopkins, mestre Perkins e outros ministros de Deus, que passarão a tarde em minha casa.

Sir John se aproximou dela e a agrediu com fúria. Ela não ergueu os braços para se proteger e, com o rosto vermelho de dor, puxando o lenço do pescoço para o lado, viu a marca carmim no colo branco.

– Isso serve para eu aprender – ela respondeu. – Casei-me com um dos inimigos do meu pai, que o caçariam até a morte. Dei a um inimigo do meu pai casa e propriedade quando chegou como um pedinte à minha porta; segui meu perverso e caprichoso coração, em vez de ouvir as palavras do meu pai em seu leito de morte. Bate-me de novo e vingá-te dele mais uma vez!

Mas ele não quis, pois ela lhe deu uma ordem. Soltou-lhe a faixa da cintura e atou seus braços com força; ela não resistiu, nem respondeu. Então, ele a empurrou para que se sentasse na beirada da cama, e disse:

– Senta-te aqui e ouve como receberei os velhos mentirosos que ousaste convidar para vir à minha casa, minha e dos meus ancestrais, muito antes do teu pai, um mascate hipócrita, que vendia seus produtos por aí e trapaceava pessoas honestas.

E, abrindo a janela do quarto acima da escadaria da entrada da mansão, onde ela esperara por ele com toda a sua beleza havia quase três anos, saudou o grupo de pastores que se aproximava com um linguajar tão chulo (minha senhora o provocara além dos limites), que eles deram meia-volta, horrorizados e voltaram rapidamente para suas casas.

Enquanto isso, os homens de sir John, embaixo, haviam obedecido às ordens de seu senhor. Percorreram a casa, fechando todas as janelas, trancando todas as portas, e deixando tudo o mais como estava – as carnes frias sobre a mesa, as carnes quentes no braseiro, os jarros de prata no aparador, tudo pronto para uma festa; e então o chefe do grupo de sir John, a quem me referi antes, aproximou-se e disse ao seu senhor que tudo estava preparado.

– O cavalo e a sela estão prontos? Então, tu e eu seremos os acompanhantes de nossa senhora – ele disse em tom de pilhéria, mas, na verdade, por uma razão, pois as indefesas mulheres haviam sido vestidas com roupas de montaria arrevesadas.

Sir John a conduziu até o andar térreo. Ele e o criado a amarraram à sela; e sir John montou primeiro. O homem trancou a porta da casa com um barulho que ecoou pela mansão vazia de um modo sinistro.

– Atire bem longe a chave – disse sir John. – Minha senhora irá procurá-la, se quiser, quando eu soltar seus braços. Até lá, sei de quem será a Mansão Morton.

– Sir John! Será a Mansão do Diabo, e tu serás o mordomo.

Porém seria melhor que a ela não tivesse dito isso, pois sir John apenas riu e disse-lhe para continuar sonhando. Ao passar pela aldeia, com seus criados a cavalo atrás dele, os inquilinos saíram e ficaram à porta, e sentiram pena dele, pois a esposa enlouquecera, e o elogiavam por se preocupar com ela, e que sorte a dela ser tratada pelo médico do rei. Mas, de algum modo, a mansão guardou a má fama; o assado e as carnes cozidas, os patos, os frangos se consumiram antes que alguém tivesse coragem de entrar ali, ou, de fato, tivesse direito de entrar ali, pois sir John nunca mais voltou a Morton e, quanto à minha senhora, alguns diziam que ela havia morrido, e outros que havia enlouquecido, que continuava presa em Londres, e ainda que sir John a colocara num convento em outro país.

– E o que aconteceu a ela? – perguntamos, aproximando-nos da sra. Dawson.

– Ora, como vou saber?

– Mas, o que acha que aconteceu? – perguntamos, curiosas.

– Eu não sei. Ouvi dizer que, depois que sir John morreu na Batalha de Boyne, ela se libertou, e vagou de volta até Morton, para a casa de sua antiga governanta, mas, de fato, a essa altura, ela havia enlouquecido de vez, e não tenho dúvida de que sir John sabia disso. Ela costumava ter visões e muitos sonhos: alguns a viam como profetisa, e outros apenas como louca. O que ela dizia sobre os Morton era terrível. Ela os amaldiçoou ao desterro, que a casa seria arrasada, enquanto mascates e camelôs, pessoas como ela e seu pai, viveriam onde a nobre família dos Morton viveu. Numa noite de inverno, ela saiu andando e, na manhã seguinte, a encontraram, a pobre louca, enregelada no jardim da igreja em Drumble; e o sr. Morton que sucedeu sir John pagou por um enterro decente no lugar onde ela foi encontrada, ao lado do túmulo do pai.

Ficamos em silêncio por alguns minutos.

– E quando a velha mansão foi reaberta, sra. Dawson? Diga-nos, por favor.

– Ah, quando o sr. Morton, o avô do nosso senhor Morton, entrou na posse da mansão. Ele era um primo distante de sir John, um homem muito mais tranquilo. Ele mandou abrir todos os quartos para ventilar e desinfetar o ambiente; e os restos da comida estragada foram juntados e queimados no quintal, mas de algum modo aquela antiga sala de jantar sempre teve um cheiro de cemitério, e ninguém gostava de fazer festas ali – lembrando os velhos pastores, cujos fantasmas ainda podiam sentir o cheiro da comida de longe e vinham sem ser convidados para a festa, à qual não foram impedidos de entrar. Fiquei satisfeita quando o pai do senhor Morton construiu outra sala de jantar; e nenhum criado da casa entrava, por qualquer motivo, na antiga sala de jantar depois que escurecia, posso lhe assegurar.

– Fico pensando se o modo como o último senhor Morton teve que vender a propriedade para o povo de Drumble tinha qualquer coisa a ver com a maldição da antiga senhora Morton – disse minha mãe, em tom divertido.

– Não, de jeito nenhum – respondeu a sra. Dawson, secamente. – Minha senhora era louca, e o que ela disse não deve ser levado em consideração.

Gostaria de ver os tecelões de algodão de Drumble fazerem uma oferta para comprar a terra do senhor. Além do mais, hoje há um gravame sobre a herança. Não podem comprar as terras nem se quisessem. Um bando de mascates, de fato!

Lembro-me de que Etelinda e eu nos entreolhamos ao ouvir a palavra “mascates”, a mesma usada por sir John ao provocar a esposa por sua origem humilde e a profissão de seu pai. Nós pensamos: “Veremos”.

E, com certeza, nós vimos.

Logo depois daquela noite, nossa boa e velha amiga, a sra. Dawson, faleceu. Eu me lembro bem, porque Etelinda e eu ficamos de luto pela primeira vez na vida. Perdemos um querido irmãozinho apenas um ano antes, e nossos pais acharam que éramos muito novas, e não precisariam gastar para comprar roupas pretas para nós.

Ficamos de luto pelo nosso irmãozinho que carregávamos no coração; e até hoje penso como seria ter tido um irmão. Mas, quando a sra. Dawson morreu, tornou-se uma espécie de obrigação que devíamos à família do senhor Morton vestir o luto, e Etelinda e eu ficamos muito orgulhosas e satisfeitas com as novas roupas pretas. Lembro-me de que sonhei que a sra. Dawson havia revivido, e que eu chorava pensando que tirariam meu vestido novo de mim. Mas isso não tem nada a ver com a Mansão Morton.

Quando, pela primeira vez, percebi a grandeza da vida do senhor Morton, a família era composta dele, da esposa (uma dama frágil e delicada) e de um único filho, o “pequeno senhor”, como a sra. Dawson o chamava, “o jovem senhor”, e como nós, na aldeia, nos referíamos a ele. Era John Marmaduke, ou simplesmente John. E, depois do que a sra. Dawson contou sobre o velho sir John, preferiria que ele não tivesse esse nome maldito. Ele costumava andar a cavalo pela aldeia com um casaco vermelho brilhante, os longos cabelos loiros cacheados sobre o colarinho de renda e o chapéu preto emplumado de aba larga, escondendo os belos olhos azuis. Etelinda e eu pensávamos na época, e eu sempre pensarei, que não havia ninguém como ele. Também tinha um espírito bom e elevado e, certa vez, domou um potro duas vezes maior do que ele.

Ao vê-lo e à srta. Phillis atravessar a aldeia em belos cavalos árabes, rindo em direção ao oeste, com os longos cachos dourados ao vento, podíamos pensar que fossem irmãos, em vez de tia e sobrinho, pois a srta. Phillis era a irmã bem mais nova do senhor Morton; de fato, na época à que me refiro, não creio que ela tivesse mais do que dezessete anos, e o jovem sobrinho, cerca de dez. Lembro-me de a sra. Dawson chamar minha mãe e a mim à mansão para que víssemos a srta. Phillis pronta para sair com o irmão para um baile na casa de um grande senhor, oferecido ao príncipe William de Gloucester, sobrinho do bom e velho rei George III.

Quando a sra. Elizabeth, governanta da sra. Morton, nos viu tomando chá na sala da sra. Dawson, perguntou se Etelinda e eu não gostaríamos de ir até o camarim da srta. Phillis para vê-la se vestir; então, ela nos disse que, se prometêssemos não mexer em nada, ela nos deixaria entrar. Faríamos qualquer coisa, até ficar de cabeça para baixo, a fim de ter esse privilégio. Então, entramos e ficamos juntas, de mãos dadas, num canto fora do caminho, roxas de vergonha, até a srta. Phillis nos deixar mais à vontade, fazendo todo tipo de graça, só para nos fazer rir e, por fim, acabamos rindo, apesar de todo o nosso esforço para ficarmos sérias, para a sra. Elizabeth não reclamar de nós à minha mãe. Lembro-me do perfume do pó *maréchale*^[34] polvilhado sobre o cabelo da srta. Phillis, e como ela balançou a cabeça, como um potro selvagem, para soltar os cachos que a sra. Elizabeth desembaraçara em cima da almofada. Então, a sra. Elizabeth tentou passar um pouco do ruge da sra. Morton, e a srta. Phillis o removeu com uma toalha molhada, dizendo que preferia a própria palidez do que ostentar uma cor de artistas; e quando a sra. Elizabeth quis apenas tocar suas bochechas outra vez, ela se escondeu atrás de uma grande poltrona, olhando para a frente, com uma expressão doce e alegre, ora de um lado, ora de outro, até ouvirmos a voz do senhor Morton à porta, pedindo, se ela já estivesse vestida, para vir se mostrar à senhora, sua cunhada, porque, como eu disse antes, a sra. Morton era inválida e incapaz de ir a quaisquer dessas grandes festas. Ficamos todas em silêncio por um momento, e mesmo a sra. Elizabeth não pensou mais no ruge, mas em como fazer a srta. Phillis

colocar o lindo vestido azul rapidamente. Ela tinha laços cor de cereja no cabelo e os lacinhos do seu corpete eram da mesma cor. Seu vestido abria na frente, mostrando uma saia de seda branca acolchoada. Ficamos boquiabertas diante dela quando finalmente ficou pronta – parecia mais grandiosa do que qualquer pessoa que tivéssemos visto; e foi um alívio quando a sra. Elizabeth nos disse para descermos para o salão da sra. Dawson, onde minha mãe ficou o tempo todo.

Enquanto contávamos quão alegre e cômica a srta. Phillis fora conosco, entrou um laçao.

– Sra. Dawson – ele disse –, o senhor me ordenou que lhe pedisse para ir com a sra. Sidebotham até o Salão Oeste para verem a srta. Morton antes de ela sair.

Nós também fomos, agarradas à minha mãe. A srta. Phillis pareceu tímida quando entramos, junto à porta. Acho que mostramos nunca termos visto nada tão bonito quanto ela antes, pois ficou ruborizada diante do nosso olhar fixo de admiração e, para aliviar a tensão, começou a fazer todo tipo de brincadeira – girando e segurando a rica saia de seda, abrindo o leque (um presente da sra. Morton para completar o traje) e espiando de um lado e de outro, como tinha feito lá em cima, e depois agarrando o sobrinho e insistindo com ele para que dançasse um minueto com ela, até chegar a carruagem. A proposta o deixou muito zangado, pois era um insulto à sua masculinidade (aos nove anos de idade) supor que ele soubesse dançar. “Está bem para as moças se fazerem de tolas”, disse ele, “mas isso não fica bem para os homens.” Etelinda e eu nunca tínhamos ouvido alguém falar tão bem assim. Mas a carruagem chegou antes que pudéssemos nos fartar com aquela visão, e o senhor saiu do quarto da esposa para mandar que o pequeno senhor fosse para a cama e enfim conduziu a irmã até a carruagem.

Lembro-me de que houve muita conversa sobre duques e casamentos desiguais naquela noite. Acredito que a srta. Phillis tenha dançado com o príncipe William, e ouvi dizerem várias vezes que ela roubara a cena no baile, e ninguém se igualou a ela em beleza, graça e alegria. Uns dois dias depois, eu a vi

galopando pela aldeia, com a mesma aparência de antes de dançar com o duque. Todos pensávamos que ela um dia se casaria com alguém importante, e que procurava o lorde que fosse levá-la embora. Mas a senhora morreu, e não havia ninguém senão a srta. Phillis para consolar o irmão, pois o filho tinha ido para uma grande escola no Sul; e a srta. Phillis tornou-se séria, e cavalgava seu pônei acompanhando o senhor Morton, quando ele seguia em sua velha potranca a passos lentos e despreocupados.

Não acompanhávamos mais o que acontecia na mansão agora que a sra. Dawson havia morrido, então não posso dizer como isso aconteceu, mas, aos poucos, começaram a dizer que as contas que deveriam ser pagas semanalmente, agora seriam pagas trimestralmente, [35] e depois, em vez de serem saldadas a cada trimestre, seriam postergadas até o Natal, e muitos diziam que mal havia trabalho para ganhar algum dinheiro. Um boato correu a aldeia dizendo que o jovem senhor se divertira muito no colégio, e gastara mais do que seu pai poderia pagar. Mas quando voltou a Morton, estava tão belo quanto antes, e eu, para começar, jamais pensei mal dele, embora acreditasse que outros possam tê-lo enganado, sem que ele suspeitasse. Sua tia continuava sua fã como sempre, e ele, dela. Eu os vi muitas vezes passeando juntos, por vezes tristes, por vezes alegres. Aos poucos, meu pai ouvia falar sobre vendas de lotes de terreno não incluídos no gravame; e, por fim, as coisas pioraram tanto, que até as safras eram vendidas antes da colheita, pois os trabalhadores aceitavam qualquer preço, desde que fosse à vista. O senhor Morton acabou por sucumbir afinal, e nunca mais saiu de casa; e o jovem senhor seguiu para Londres, e a pobre srta. Phillis tentava atender aos lavradores e salvar o que podia. Nessa época, ela devia estar com mais de trinta anos; Etelinda e eu tínhamos dezenove e vinte e um anos quando minha mãe morreu, e isso aconteceu poucos anos antes. Bem, por fim, o senhor Morton morreu; disseram que foi por decepção pelas extravagâncias do filho; e embora os advogados tenham tentado ocultar, surgiram rumores de que a fortuna da srta. Phillis também se esvaíra. De qualquer modo, os credores atacaram a propriedade como lobos. Os bens estavam gravados, e não podiam ser vendidos, porém colocaram tudo nas mãos

de um advogado, que deveria conseguir o que pudesse, sem pena do jovem senhor, que não tinha mais um teto sobre a cabeça.

A srta. Phillis foi viver sozinha numa casinha na aldeia, no extremo da propriedade, onde o advogado permitiu que ela ficasse, pois não conseguiu que ninguém se interessasse por aquela cabana, de tão velha e carcomida que era. Nunca soubemos do que ela vivia, pobre senhora, mas dizia estar bem de saúde, que era tudo o que ousávamos perguntar. Ela veio visitar meu pai um pouco antes de ele falecer, e ele, tocado pela coragem daqueles que estão à beira da morte, perguntou-lhe o que eu desejava saber havia muitos anos: onde estava o jovem senhor? Nunca mais ele foi visto em Morton após o enterro do pai. A srta. Phillis disse que ele viajara para o exterior, mas não sabia onde ele estava; apenas acreditava que, mais cedo ou mais tarde, ele voltaria à antiga casa, onde ela se esforçava para manter um lar quando ele se cansasse de vagar a esmo, tentando ganhar sua fortuna.

– Ainda está tentando ganhar sua fortuna? – perguntou meu pai, com os olhos chispando.

A srta. Phillis balançou a cabeça com tristeza, e compreendemos tudo. Ele estava em alguma mesa de jogo na França, ou até na própria Inglaterra. Ela estava certa. Um ano depois da morte de meu pai, ele retornou parecendo envelhecido e esgotado. Veio até nossa casa pouco depois de termos trancado a porta numa noite de inverno. Etelinda e eu ainda morávamos na fazenda, tentando mantê-la e fazê-la render, mas era um trabalho árduo. Ouvimos passos que se aproximaram pela estreita entrada de cascalho e então pararam bem em frente à porta, na varanda, então ouvimos a respiração ofegante de um homem.

– Devo abrir a porta? – perguntei.

– Não, espere – respondeu Etelinda, pois vivíamos sozinhas e não havia casas perto da nossa.

Prendemos a respiração. Ouvimos uma batida na porta.

– Quem é? – exclamei.

– Onde mora a srta. Morton... a srta. Phillis?

Não tínhamos certeza se devíamos responder, porque ela, como nós, também morava sozinha.

– Quem é? – perguntei novamente.

– Seu senhor – ele respondeu, num tom orgulhoso e zangado. – Sou John Morton. Onde mora a srta. Phillis?

Abrimos a porta no mesmo instante, pedimos para ele entrar e nos perdoar a nossa grosseria. Teríamos lhe oferecido o melhor de que dispúnhamos, como era esperado de nós, mas ele só ouviu as direções que lhe demos até a casa da tia e não deu atenção às nossas desculpas.

II

Até aquele momento achamos impertinente conversar sobre nossa silenciosa e pessoal admiração em relação a como a srta. Phillis se sustentava, mas eu sei que intimamente cada uma de nós pensava sobre isso, com um tipo de respeitosa piedade por sua condição decadente. A srta. Phillis – que lembrávamos como um anjo de beleza e uma pequena princesa pela imperiosa influência que ela exercia, e a doce autoridade que fazia com que todos se sentissem orgulhosos de serem seus escravos –, agora era uma mulher comum e decrépita, usando trajés humildes, envelhecida, e nem parecia – (naquela época não ousei dizer de forma tão insolente, nem para mim mesma) – se alimentar direito.

Lembro-me de a sra. Jones, a esposa do açougueiro (ela era de Drumble), dizer, certo dia, com seu modo atrevido, que não se espantava de ver a srta. Morton tão pálida e exangue, pois ela só comia carne aos domingos, e vivia de sopa de restos de legumes e de pão com manteiga o restante da semana. Etelinda fechou a cara – uma visão da qual tenho medo até hoje – e disse:

– Sra. Jones, achas que a srta. Morton consegue comer tua carne esquálida? Não sabes quão delicada ela é, como são aqueles que nascem e são criados como ela. O que tivemos que trazer para ela, no último sábado, do novo e grande açougue de Drumble, Biddy? (Levávamos nossos ovos ao mercado em Drumble

aos sábados, pois os tecelões de algodão nos pagavam mais do que em Morton: como eram tolos!)

Achei muita covardia de Etelinda me jogar a história, mas ela queria salvar sua alma mais do que eu, creio, pois respondi, ousada como uma leoa:

– Dois pães doces, um xelim cada um; e um quarto de cordeiro, a 18 centavos a libra.

Então a sra. Jones se irritou e disse:

– A carne deles era boa o suficiente para a sra. Donkin, viúva do dono do grande moinho, e poderá servir qualquer dia a um Morton morto de fome.

Quando ficamos sozinhas, eu disse a Etelinda:

– Receio que teremos que pagar por nossas mentiras no Dia do Juízo Final. E Etelinda respondeu bruscamente (no mais, ela é uma boa irmã):

– Falas por ti mesma, Biddy. Eu não disse nenhuma palavra. Só fiz perguntas. Como eu poderia evitar, se tu mentiste? Fiquei pensando como falaste mal o que não era verdade.

Porém, no íntimo, eu sabia que ela ficara contente por eu ter contado a mentira.

Depois que o pobre senhor veio residir com a tia, a srta. Phillis, nós nos aventuramos a conversar sobre o assunto. Sabíamos que estavam apertados. Pareciam estar. Por vezes, ele tossia muito, embora, em razão de sua dignidade e orgulho, nunca tossisse na frente de outros. Eu o vi de pé antes do amanhecer, varrendo o lixo da estrada, a fim de juntar esterco suficiente para o pequeno quintal nos fundos da cabana, que a sra. Phillis havia abandonado, mas que o sobrinho costumava cavar e semear, porque, como ele disse um dia, com seu modo pomposo e arrastado, ele “sempre gostava de fazer experiências agrícolas”. Etelinda e eu acreditamos que as duas ou três fileiras de repolhos que ele cultivara era tudo o que tinham para passar o inverno, além do pouco de comida e do chá que compravam no mercado da aldeia.

Numa sexta-feira à noite, eu disse a Etelinda:

– É uma vergonha levar estes ovos para vender em Drumble e nunca oferecer nenhum ao senhor, em cujas terras nós nascemos.

Ela respondeu:

– Já pensei nisso tantas vezes, mas como devemos fazer? Eu, por exemplo, não ousou oferecê-los ao senhor e, quanto à srta. Phillis, pareceria impertinência.

Eu disse:

– Tentarei mesmo assim.

Então, naquela noite, levei alguns ovos – ovos amarelos de faisão, que não existiam num raio de trinta quilômetros – e coloquei-os delicadamente, depois de escurecer, num dos pequenos bancos de pedra na entrada da cabana da srta. Phillis. Mas, infelizmente, quando fomos ao mercado em Drumble, no dia seguinte bem cedinho, vi meus ovos quebrados, formando uma poça amarela horrível na estrada, bem em frente à cabana. Eu poderia depois ter deixado uma galinha ou um frango, mas havia percebido agora de que não adiantaria. A srta. Phillis vinha nos visitar de vez em quando. Ela se comportava de um modo um pouco mais ativo e distante do que na época em que ela era jovem, e sentimos que deveríamos nos manter em nosso lugar. Creio que afrontamos o jovem senhor, porque ele nunca se aproximou de nossa casa.

Então, houve um inverno rigoroso, e tivemos que nos abastecer; e Etelinda e eu fizemos bastante coisa para ter o suficiente. Se não fosse a boa administração de minha irmã, estaríamos endividadas, eu sei, mas ela propôs que deixássemos de jantar, e apenas tomássemos o café da manhã e um chá à tarde, com o que concordamos prontamente.

Um dia, preparei bolos para o chá – bolos de batata, como os chamávamos. Tinham um cheiro saboroso e quente e, para provocar Etelinda, que não estava muito bem, cozinhei uma fina tira de bacon. Assim que nos sentamos para comer, a srta. Phillis bateu à nossa porta. Ela entrou. Só Deus sabe como parecia pálida e exaurida. O calor da nossa cozinha a fez estremecer e, por alguns instantes, ela não conseguiu falar. Mas ficou olhando para a comida em cima da mesa, temendo que, se fechasse os olhos, ela desaparecesse. Tinha o olhar ansioso de um animal, pobre alma!

– Se quiser... – disse Etelinda, querendo convidá-la para se sentar conosco, mas sem coragem de dizê-lo.

Eu não falei nada, mas passei-lhe um bolo quentinho, amanteigado, que ela pegou e, ao aproximá-lo dos lábios, como se fosse comer, caiu para trás, no encosto da cadeira, chorando.

Nunca tínhamos visto um Morton chorar antes, e foi uma visão terrível. Ficamos em silêncio, horrorizadas. Ela se recompôs, mas não comeu o bolo; ao contrário, cobriu-o com as mãos, como se tivesse medo de perdê-lo.

– Se me permitem – ela disse, de um modo elegante, para nos compensar por tê-la visto chorando –, vou levar para meu sobrinho.

E levantou-se para ir embora, porém mal podia se manter de pé por causa da fraqueza, e teve que se sentar novamente; sorriu para nós, e disse-nos que se sentia um pouco tonta, mas que logo iria passar, mas, ao sorrir, os lábios descoloridos deixaram a gengiva à mostra, fazendo o rosto parecer uma caveira.

– Srta. Morton – eu disse –, dai-nos a honra de tomar chá conosco apenas desta feita. O senhor, seu pai, certa vez, almoçou com nosso pai e temos orgulho desse dia até hoje.

Eu lhe servi uma xícara de chá, que ela bebeu em seguida, mas afastou-se da comida, como se sua simples visão a fizesse se sentir enjoada de novo. Mas, quando ela se levantou para sair, encarou a comida com um olhar triste e comprido de lobo, como se não conseguisse se afastar e, por fim, gritou baixinho, dizendo:

– Ó, Bridget, estamos passando fome! Estamos morrendo de inanição! Eu consigo suportar, mas ele sofre, ó, como ele sofre! Deixa-me levar comida para ele, somente desta vez.

Mal podíamos falar; estávamos com o coração na garganta, e as lágrimas desciam pelo nosso rosto. Enchemos uma cesta e a levamos até a porta de casa, sem ousar dizer nenhuma palavra, pois sabíamos quanto havia lhe custado nos pedir aquilo. Ao deixá-la na cabana, fizemos uma grande reverência, como de costume, mas ela se aproximou e nos beijou. Várias noites depois disso, ela passava pela nossa casa ao anoitecer, mas nunca mais entrou, nem nos viu à luz de velas ou da lareira, muito menos nos encontrou durante o dia. Levávamos nossa comida para ela regularmente, e a entregávamos em silêncio, fazendo as

maiores reverências possíveis, pois nos sentíamos muito honradas. Fizemos muitos planos, agora que ela nos permitira conhecer seu infortúnio. Esperávamos que ela consentisse que continuássemos a servi-la de algum modo, como nos cabia como parte da família Sidebotham. Mas, uma noite, ela não veio. Ficamos do lado de fora, no vento frio, esperando entrever sua figura magra e fatigada no escuro, em vão. No fim da tarde seguinte, o jovem senhor abriu a porta e ficou parado no meio da nossa sala. O teto era rebaixado e ficava mais baixo por causa das vigas que sustentavam o andar de cima; ele se abaixou para olhar para nós, e tentou dizer alguma coisa, mas não falou nada. Nunca vi uma tristeza tão perturbadora, nunca! Por fim, tocou meu ombro e me levou para fora de casa.

– Venha comigo! – ele disse, ao sair ao ar livre, como se isso lhe desse forças para falar de modo audível.

Não precisei que ele insistisse. Entramos na cabana da srta. Phillis, uma liberdade que eu nunca tivera antes. A pouca mobília que se via ali era claramente o que havia restado do antigo esplendor da Mansão Morton. Não havia fogo, apenas cinzas de lenha queimada na lareira. Num antigo canapé, que um dia fora branco e dourado, já rasgado e disforme, estava a srta. Phillis, muito pálida e imóvel, de olhos fechados.

– Dizei-me – ele falou, num suspiro. – Ela está morta? Acho que está dormindo, mas me parece tão rija, como se estivesse...

Ele não podia pronunciar essa terrível palavra de novo. Abaixei-me, e não senti calor; seu corpo parecia envolto numa aura fria.

– Ela está morta! – respondi, por fim. – Ó, srta. Phillis! srta. Phillis!

E, como uma tola, comecei a chorar. Mas ele se sentou sem derramar uma lágrima, e fitou a lareira vazia com os olhos vazios. Não ousei continuar chorando ao vê-lo tão triste e petrificado. Eu não sabia o que fazer. Não podia deixá-lo, mas, mesmo assim, não tinha desculpas para continuar ali. Aproximei-me da srta. Phillis, e gentilmente afastei os cachos grisalhos de seu rosto.

– Ai! – ele exclamou. – Ela precisa ser velada. Quem mais adequado para fazer isso do que tu e tua irmã, filhas do bom e velho Robert Sidebotham?

– Ó, meu senhor – respondi –, este não é um bom lugar para o senhor. Deixa-me buscar minha irmã para passarmos a noite aqui em vigília, e honra-nos vindo dormir em nossa pequena casa.

Eu não esperava que ele aceitasse, mas, após alguns minutos de silêncio, ele aceitou minha proposta. Corri em casa e contei a Etelinda, e ambas, chorando, abastecemos a lareira, enchemos a mesa de comida e montamos uma cama num dos cantos da sala. Quando me levantei para sair, vi Etelinda abrindo o grande baú onde estavam guardados nossos tesouros e dali ela tirou uma fina anágua holandesa que minha mãe usara sob o vestido de casamento e, entendendo o que ela queria fazer, subi para buscar uma peça de renda antiga, um pouco rasgada, mas ainda com um belo ponto de Bruxelas, que minha madrinha, a sra. Dawson, me dera havia muito tempo. Colocamos tudo isso embaixo dos nossos capotes, trancamos a porta, e saímos para fazer tudo o que pudéssemos pela pobre srta. Phillis.

Encontramos o senhor sentado na mesma posição em que ele ficou; eu não sabia se ele havia compreendido quando eu lhe disse como destravar a porta, e entreguei-lhe a chave, embora tenha explicado o mais claramente possível, apesar de minha voz embargada. Por fim, ele se levantou e saiu; e Etelinda e eu deitamos o corpo da srta. Phillis para seu descanso final, e a envolvemos com a fina anágua holandesa; depois teci um gorro apertado com minha renda para prender seu rosto cansado. Quando terminamos, olhamos de longe para ela estendida no chão.

– Uma Morton morrer de fome! – disse Etelinda em tom solene.

– Não deveríamos nem ousar pensar que uma coisa dessas pode acontecer na vida. Lembra-se daquela tarde, quando tu e eu éramos pequenas, e ela, uma mocinha feliz, brincando de esconde-esconde por trás do leque?

Não choramos mais; ficamos sem nos mexer e sentindo-nos devastadas. Depois de algum tempo, eu disse:

– Não sei se, afinal, o jovem senhor foi até nossa casa. Ele estava com um aspecto estranho. Acho que deveríamos ir até lá ver.

Eu abri a porta; a noite estava escura como um breu, e o ar, parado.

– Vou até lá – eu disse.

E parti, sem encontrar ninguém pelo caminho, pois já passava muito das onze. Cheguei em casa; a janela era longa e baixa, e as persianas estavam velhas e carcomidas. Eu podia olhar entre elas, e ver o que estava acontecendo lá dentro. Ele estava ali, junto à lareira, sem chorar, mas parecia estar olhando para o seu passado nas brasas de carvão. A comida que preparamos estava intocada. Vez ou outra, durante minha longa vigília (eu demorei mais de uma hora), ele olhou para a comida, fazia menção de comê-la, mas depois desistia, porém, por fim, pegou-a e rasgou-a com os dentes; ria e rejubilava-se como um animal faminto. Eu não pude deixar de chorar nesse momento. Ele engolia grandes nacos de comida e, ao se sentir saciado, voltavam-lhe as forças para continuar a sofrer. Lançou-se sobre a cama com um desespero do qual eu nunca ouvira falar e muito menos tinha visto. Eu não suportava testemunhar aquilo. Para a falecida srta. Phillis, plácida e imóvel, as provações haviam terminado. Decidi voltar e velar seu corpo na companhia de Etelinda.

Quando amanheceu um dia pálido e cinzento, que nos fez estremecer depois de nossa vigília, o senhor retornou. Sentimos um medo mortal dele, sem saber por quê. Ele parecia tranquilo – antes sua expressão parecia pesada –, mas agora não mais. Ficou impassível olhando para a tia por um ou dois minutos. Então, subiu até o quarto em cima da sala onde estávamos, trouxe um pequeno embrulho e pediu-nos que continuássemos a vigília por mais algum tempo. Revezamos para ir em casa e retornar depois de comer alguma coisa. O frio estava glacial. Não havia ninguém na rua para poder entrar, e aqueles que estavam na rua não se importavam em parar para vir conversar. À tarde, o céu escureceu, e aproximou-se uma grande tempestade de neve. Não queríamos ficar ali sozinhas; e a cabana onde a srta. Phillis vivia não tinha fogo, nem toras de madeira. Então ficamos sentadas, tiritando de frio, até amanhecer. O senhor não retornou naquela noite, nem no dia seguinte.

– O que devemos fazer? – perguntou Etelinda, totalmente exausta. – Vou morrer, se eu passar outra noite aqui. Devemos contar aos vizinhos e pedir ajudar para fazer a vigília.

– Devemos – respondi, num tom baixo e grave.

Saí e dei a notícia na casa mais próxima, tomando o cuidado para não falar da fome e do frio que a srta. Phillis suportou em silêncio. Já foi ruim o suficiente vê-los entrar e comentar sobre os restos de mobília, pois ninguém sabia o que eles estavam passando, nem mesmo Etelinda e eu, e ficamos chocadas ao ver que não havia móveis. Ouvi um ou outro maledicente comentar que não fora à toa que mantivemos a morte da srta. Phillis em segredo por duas noites, pois, a julgar pela renda de seu gorro, deveriam existir outras mais bonitas para se escolher.

Etelinda teria contestado isso, mas eu lhe pedi para deixar para lá; pouparia a memória dos orgulhosos Morton da vergonha da pobreza; e quanto a nós, poderíamos suportar o insulto. Mas, em geral, as pessoas compareceram de modo gentil; não havia dinheiro para enterrá-la de forma digna, com grandiosidade, como convinha a alguém com seu berço; e muitos dos que foram convidados para o enterro poderiam ter cuidado um pouco mais dela em vida. Entre outras pessoas, estava o senhor Hargreaves, de Bothwick Hall, que vivia além do charco. Era um primo distante dos Morton; por isso, ao chegar, foi convidado a falar no culto, em razão da estranha ausência do senhor Morton, o que eu deveria ter adivinhado, se não o julgasse como louco, ao observá-lo através da persiana naquela noite. O senhor Hargreaves começou a fazer perguntas quando lhe concederam a honra, pedindo-lhe que fosse o primeiro à frente a carregar o caixão.

– Onde está o sobrinho? – ele perguntou.

– Ninguém mais o viu desde as oito horas da manhã da última quinta-feira.

– Mas eu o vi na quinta-feira ao meio-dia – respondeu o senhor Hargreaves, fazendo um sinal de juramento. – Ele atravessou o charco para me dar a notícia da morte da tia e me pediu um pouco de dinheiro para enterrá-la em troca dos botões de ouro de sua camisa. Disse-me que era meu primo e que eu deveria lamentar sua extrema necessidade; que os botões foram o primeiro presente que sua mãe lhe dera; e que eu deveria guardá-los, pois um dia ele

ficaria rico e retornaria para comprá-los de volta. Que não sabia que a tia estava tão doente, senão teria vendido os botões antes, embora os considerasse mais preciosos do que ele poderia avaliar. Dei-lhe o dinheiro, mas entendi, em meu coração, que não deveria ficar com os botões. Pedi-me para não contar nada disso, mas, quando um homem desaparece, é meu dever fornecer todas as pistas disponíveis.

E, então, a pobreza deles foi anunciada aos quatro cantos! Mas o povo se esqueceu disso ao procurar pelo senhor pelo charco. Buscaram por dois dias, em vão; no terceiro, vieram mais de cem homens, que reviraram todo o terreno, sem deixar de procurar em nenhum lugar. Eles o encontraram enrijecido, com o dinheiro do senhor Hargreaves e os botões de ouro de sua mãe, a salvo, no bolso do colete.

E nós o enterramos ao lado de sua pobre tia Phillis.

Depois que o senhor John Marmaduke Morton foi encontrado morto de modo tão triste, no meio do pântano, os credores pareceram ter perdido todo o direito sobre a propriedade, que, de fato, durante os sete anos em que a detiveram, sugaram até o osso. Mas, por um longo período, ninguém soube a quem cabia a propriedade da Mansão Morton e suas terras. A velha mansão estava começando a ruir; as chaminés encheram-se de ninhos de estorninhos; as marquises do terraço de entrada ficaram cobertas de grama; os vidros das janelas se quebraram, sem ninguém saber como, nem por quê, pois as crianças da aldeia começaram a dizer que a casa era assombrada. Etelinda e eu, às vezes, íamos até lá, nas manhãs de verão, e tirávamos algumas rosas esmagadas entre as trepadeiras que se espalhavam por toda parte, e tentávamos arrancar um pouco das ervas daninhas que cresciam em meio ao antigo jardim de flores, mas não éramos mais jovens, e logo nossas costas doíam de tanto ter que abaixar. Ainda assim, sentíamo-nos felizes de limpar nem que fosse um pouco aquele lugar. Porém, não íamos à tarde, e saíamos do jardim bem antes dos primeiros sinais do crepúsculo.

Decidimos não perguntar às pessoas comuns – muitos eram tecelões nas fábricas de Drumble, e não mais trabalhadores decentes – quem seria agora o

senhor, ou onde ele morava. Mas, um dia, um famoso advogado de Londres veio até a Morton Arms e causou um grande rebuliço. Veio em nome de certo general Morton, que agora era o senhor, embora estivesse muito longe, na Índia. Escreveram para ele e comprovaram que era o herdeiro, embora fosse um primo muito distante, anterior a sir John, eu imagino. E agora ele escrevera dizendo que iria usar o dinheiro que tinha na Inglaterra para reformar inteiramente a mansão, e suas três irmãs solteironas, que viviam em alguma cidade no norte, viriam morar na Mansão Morton até que ele voltasse. Então, o advogado contratou um construtor de Drumble e deu-lhe as instruções. Achávamos que teria sido melhor se ele tivesse contratado John Cobb, construtor e marceneiro de Morton, que fez o caixão do senhor e do pai do senhor antes dele. Em vez disso, veio uma tropa de operários de Drumble, que entrou derrubando tudo dentro da mansão, e reformaram todos aqueles cômodos suntuosos. Etelinda e eu não voltamos àquele lugar até eles terem ido embora, de mala e cuia. E, então, que mudança! As antigas janelas de batentes, com seus pesados painéis de chumbo, semicobertos com trepadeiras e roseiras foram retiradas e, no lugar delas, foram colocadas grandes janelas com caixilhos. Havia novas grades internas, todas modernas, novas e esfumadas, em vez das barras de latão que seguravam as fortes toras de madeira na época do antigo senhor. O pequeno tapete turco quadrado debaixo da mesa de jantar, que servira à srta. Phillis, não era bom o suficiente para esses novos Morton; a sala de jantar estava toda atapetada. Olhamos a antiga sala de jantar – aquela onde o jantar para os pastores puritanos foi servido; o pavilhão, como era chamado nos últimos anos. Mas ainda rescendia um odor úmido e terroso, e fora usado como depósito de madeira. Fechamos a porta mais rapidamente do que a abrimos. Fomos embora decepcionadas. A mansão não era mais como a nossa respeitável Mansão Morton.

– Afinal, essas três damas são da família Morton – disse-me Etelinda. – Não podemos nos esquecer disso: devemos ir cumprimentá-las assim que forem à igreja.

Como dissemos, nós fomos. Mas as vimos e ouvimos falar delas muito pouco antes de ir prestar nossos respeitos na mansão. A criada passou pela aldeia; a criada, como era chamada, mas era uma “criada para todo serviço” até agora, conforme ela nos disse, quando perguntamos. No entanto, não nos orgulhamos, pois ela era filha de um bom e honesto fazendeiro próximo de Northumberland. E como falava mal o inglês da Rainha! [36] O povo de Lancashire é conhecido por falar com um sotaque forte, mas eu conseguia entender dentro da nossa linguagem, porém, quando a sra. Turner me disse seu nome, tanto Etelinda quanto eu poderíamos jurar que ela pronunciou “Donagh”, e achamos que ela fosse irlandesa. Suas senhoras já tinham ultrapassado a flor da juventude; a srta. Sofrônia – a srta. Morton, propriamente dita – completara sessenta anos; a srta. Annabella era três anos mais nova; e a srta. Dorothy (ou Baby, como a chamavam entre elas) era dois anos ainda mais jovem. A sra. Turner tornou-se nossa confidente, em parte porque, não duvido, ouviu falar de nossa antiga ligação com a família e, por outro lado, porque falava muito e gostava quando alguém prestava atenção. Então, soubemos, na primeira semana, como cada uma das senhoras quis ficar com o quarto da ala leste – virado para o nordeste – onde ninguém dormia na época do antigo senhor, mas ficava dois degraus acima, e a srta. Sofrônia disse que nunca deixaria uma irmã mais nova ficar com um quarto acima do dela. Ela era a mais velha e tinha o direito de ficar em cima.

Então, trancou-se no quarto por dois dias, enquanto desempacotava suas roupas, e depois saiu, com um ar de galinha que acabou de colocar um ovo, e desafiou quem quisesse tirar dela essa primazia.

Mas, as irmãs, em geral, a respeitavam bastante, e esse era um fato. Nunca usavam mais do que duas plumas pretas no chapéu, enquanto a mais velha sempre usava três. A sra. Turner nos disse que, certa vez, quando pensaram que a srta. Annabella iria receber um pedido de casamento, a srta. Sofrônia não se opôs que ela usasse três plumas naquele inverno, mas, quando tudo terminou em fumaça, a srta. Annabella teve que arrancá-la, como convinha a uma irmã mais nova. Pobre srta. Annabella! Ela foi muito bonita (de acordo com a sra.

Turner), e esperavam que grandes coisas acontecessem com ela. Tanto o irmão general quanto a mãe a mimaram, em vez de censurá-la sem necessidade, e acabaram por estragar sua beleza, que a velha sra. Morton esperava que fizesse a fortuna da família. As irmãs ficaram zangadas por ela não ter se casado com um cavalheiro muito rico no entanto, como costumava dizer à sra. Turner, o que ela poderia fazer? Estava disposta, porém nenhum rico cavalheiro veio pedir sua mão. Concordamos que, de fato, ela não tinha culpa, mas as irmãs acreditavam que sim, e agora que sua beleza se fora, ficavam imaginando o que poderiam ter feito se tivessem os dotes físicos da irmã. Ouviram falar de certas srtas. Burrell, que se casaram cada uma com um lorde, e essas srtas. Burrell nem eram tão bonitas assim.

Então, a srta. Sofrônia costumava analisar essa questão usando a regra três, explicando-a desta maneira: se a srta. Burrell, que tinha um par de olhos passáveis, um nariz arrebitado e uma bocarra, se casou com um barão, com quem nossa linda Annabella deveria ter se casado? E o pior é que a srta. Annabella – que nunca teve qualquer ambição – queria se casar com um pobre pároco na juventude, mas foi dissuadida pela mãe e as irmãs, que a lembravam do seu dever para com a família. A srta. Dorothy fazia o que podia – a srta. Morton sempre a elogiava por isso. Sem a metade da beleza da srta. Annabella, dançara com um dignitário em Harrogate por três vezes seguidas, e mesmo hoje continuava tentando, o que era mais do que se poderia dizer da srta. Annabella, que era bastante desanimada.

Creio que a sra. Turner tenha nos contado tudo isso antes mesmo de termos encontrado as senhoras. Informamos, por meio da sra. Turner, que queríamos prestar-lhes nossos respeitos, então aventuramo-nos a chegar na porta da frente e simplesmente bater. Já tínhamos discutido sobre isso, e concordamos que, se fôssemos até lá usando nossas roupas comuns do dia a dia para lhes dar alguns ovos de presente, ou chamar a sra. Turner (como ela nos pedira), a porta dos fundos seria a entrada adequada para nós. Mas indo, no entanto, de forma humilde, prestar nossos respeitos, e oferecer nossas cerimoniais boas-vindas às srtas. Morton, seríamos consideradas como visitas,

e poderíamos, então, bater à porta da frente. Fomos conduzidas pela larga escadaria, pelo longo corredor, ao segundo andar, até o quarto da srta. Sofrônia. Assim que entramos, ela guardou rapidamente alguns papéis. Ouvimos depois dizer que estava escrevendo um livro, chamado *A mulher de Chesterfield*, ou *Cartas de uma nobre senhora à sua sobrinha*. E a jovem sobrinha estava sentada numa cadeira alta, com uma prancheta amarrada nas costas e os sapatos enfiados nos pés da cadeira, então, não lhe restava mais nada senão ouvir as cartas da tia, lidas em voz alta para ela, à medida que iam sendo escritas, para moldar seu comportamento. Eu não tinha certeza se a srta. Sofrônia gostou de nossa interrupção, mas sei que a pequena srta. Cordélia Mannisty, sim.

– A jovem senhorita não tem bons modos? – perguntou Etelinda, durante uma pausa em nossa conversa.

Notei que minha irmã mantinha os olhos na criança, embora, com algum esforço, conseguisse olhar, às vezes, em outra direção.

– Não! Claro que sim, senhora – respondeu a srta. Morton. – Mas ela nasceu na Índia e nunca teve uma educação adequada. Além disso, eu e minhas duas irmãs cuidamos dela, cada uma por uma semana; e seus sistemas de educação, eu diria “de não educação”, diferem tão inteiramente das minhas ideias, que, quando a srta. Mannisty vem para mim, considero-me afortunada se eu conseguir desfazer [pigarro] o que foi feito nas duas semanas da minha ausência. Cordélia, minha querida, repita para estas boas senhoras a aula de geografia que teve hoje de manhã.

A pobre srta. Mannisty começou a nos falar sobre um rio em Yorkshire do qual nunca ouvimos falar, embora devêssemos saber e, depois, outro tanto sobre as cidades banhadas pelo rio, e pelo que eram famosas, e tudo o que consigo lembrar – de fato, eu entendi quando ouvi – foi que Pomfret tornou-se célebre pelos bolos de Pomfret, que eu já conhecia. Mas Etelinda ficou sem ar antes que ela tivesse terminado, e, sentindo-se atônita, disse:

– Minha querida, que maravilha!

A srta. Morton pareceu um pouco insatisfeita e replicou:

– De jeito nenhum. Boas meninas aprendem o que quiserem, até verbos em francês. Sim, Cordélia, elas aprendem. E ser boa é melhor do que ser bonita. Não valorizamos a beleza por aqui. Podes descer, meu bem, e ir até o jardim, e coloque teu chapéu, senão ficarás cheia de sardas.

Levantamo-nos para sair ao mesmo tempo que a menina, e a seguimos depois que ela deixou o quarto. Etelinda meteu a mão no bolso.

– Toma esta moeda de seis pence, [37] querida. Podes aceitá-la de uma senhora como eu, para quem falaste mais sobre geografia do que imaginei existir além da Bíblia.

Etelinda achava que os longos capítulos da Bíblia designados por nomes próprios eram geografia, e embora eu soubesse que não eram, havia esquecido como se chamavam, então deixei para lá, porque uma palavra difícil era igual a qualquer outra. A menina não tinha certeza se deveria aceitar, mas suponho que parecêsemos senhoras muito gentis, porque, por fim, seus olhos sorriram – não os lábios; ela viveu muito tempo com pessoas sérias e taciturnas para isso – e, olhando-nos com ar melancólico, disse:

– Obrigada. Mas não vereis tia Annabella?

Respondemos que gostaríamos de cumprimentar as outras duas tias, se pudéssemos ter essa liberdade, e talvez ela nos levaria até as tias. Mas, diante da porta, ela se deteve, e disse com ar triste:

– Não posso entrar, não é minha semana de estar com tia Annabella –, e continuou andando lentamente em direção à porta que dava no jardim.

– Esta criança está sendo intimidada por alguém – eu disse a Etelinda.

– Mas ela sabe bastante geografia.

A fala de Etelinda foi interrompida quando abriram a porta em resposta à nossa batida. A então bela srta. Annabella Morton surgiu à nossa frente, e mandou-nos entrar. Estava vestida de branco, com um chapéu de veludo convexo, com duas ou três plumas pretas caídas. Eu não gostaria de dizer que ela corou, mas suas bochechas tinham uma cor muito bonita; dizer isso não fará mal nem bem. A princípio, me pareceu bem diferente de qualquer pessoa que eu tivesse visto, e me perguntei o que a menina gostava nela, pois era bem claro

que gostava. Mas, quando a srta. Annabella falou, fiquei encantada. Sua voz era bem doce e lamuriosa, e combinava com o tipo de coisas que ela dizia; tudo sobre os encantos da natureza, e lágrimas e tristeza, e esse tipo de conversa, que me fazia lembrar de poesia – muito bonita de se ouvir, embora não conseguisse compreender tão bem quanto uma prosa simples e direta. Mesmo assim, ainda não sei por que gostei da srta. Annabella. Acho que senti pena, embora não saiba se eu teria me sentido assim se ela não tivesse colocado isso na minha cabeça. O quarto parecia bastante confortável; havia uma espineta [38] num canto para entretê-la e um sofá grande para ela se deitar. Aos poucos, fizemos com que ela falasse sobre a sobrinha, e ela também tinha seu método educativo. Disse que esperava desenvolver a sensibilidade e cultivar os gostos. Quando estava com ela, sua querida sobrinha lia obras de ficção, e adquiria tudo o que a srta. Annabella poderia transmitir sobre belas-artes. Nenhuma de nós sabia a que ela se referia na época, mas, depois, perguntando à menina, e usando nossos olhos e ouvidos, descobrimos que ela lia em voz alta para a tia, enquanto esta ficava deitada no sofá. São Sebastião, ou o Jovem Protetor, era o que estavam estudando a fundo naquele momento; e, como tinha cinco volumes e a heroína falava mal o inglês – que precisava ser lido duas vezes para se tornar inteligível –, tomava muito tempo. Ela também aprendera a tocar a espineta; não muito, pois nunca ouvi além de duas músicas, uma delas era “Deus salve o Rei”, e uma outra qualquer. Mas imagino que a pobre criança fosse ensinada por uma tia e amedrontada pelos modos críticos e as fantasias da outra. Ela talvez gostasse muito de sua tia gentil e pensativa (a srta. Annabella me disse ser pensativa, então estou certa em chamá-la assim), com sua voz suave, seus romances intermináveis, e os doces perfumes que rescendiam por aquele quarto convidativo ao sono.

Ninguém nos sugeriu que fôssemos ao quarto da srta. Dorothy quando deixamos a srta. Annabella, então não vimos a srta. Morton mais nova nesse primeiro dia. Cada uma guardou diversos pequenos mistérios a serem explicados depois pelo nosso dicionário, a sra. Turner.

– Quem é a pequena srta. Mannisty? – perguntamos ao mesmo tempo, quando vimos nossa amiga da mansão.

E, então, descobrimos que houve uma quarta – uma srta. Morton mais nova, que não era bela, nem inteligente, nem nada; então, a srta. Sofrônia, a irmã mais velha, permitiu que ela se casasse com um tal sr. Mannisty, e sempre se referia a ela como “minha pobre irmã Jane”. Ela e o marido foram para a Índia, e ambos morreram por lá; e o general impôs a condição de que as irmãs deveriam cuidar da menina, pois nenhuma delas gostava de crianças, com exceção da srta. Annabella.

– A srta. Annabella gosta de crianças – eu disse. – Eis por que as crianças gostam dela.

– Não digo que ela goste de crianças, porque não temos outra na casa, exceto a srta. Cordélia, mas a srta. Annabella gosta muito dela.

– Pobrezinha da menina! – disse Etelinda. – Ela nunca tem chance de brincar com outras meninas?

Tenho certeza de que, a partir de então, Etelinda a considerou doente por causa disso, e que seu conhecimento de geografia era um dos sintomas dessa desordem, porque sempre dizia:

– Gostaria que ela não soubesse tanta geografia! Tenho certeza de que isso não está certo.

Se a geografia estava certa ou não, eu não sei, mas a menina ansiava por encontrar outras crianças. Poucos dias após nossa visita – e, no entanto, tempo suficiente para passar uma semana com a srta. Annabella –, vi a srta. Cordélia no canto da igreja, brincando, com uma humildade estranha, com algumas meninas simples da aldeia, que eram tão espertas nos jogos quanto ela era inapta e lenta. Hesitei um pouco, mas, por fim, resolvi falar com ela.

– Como estás, querida? – perguntei. – Por que estás aqui, tão longe de casa?

Ela corou, e depois virou para mim com seus olhos grandes e sérios.

– Tia Annabella mandou-me meditar na floresta... e... e... estava muito chato... e ouvi essas meninas brincando e rindo... e eu tinha meus seis pence

comigo, e... não foi errado, foi, senhora? Eu me aproximei, e disse a uma delas que lhe daria a moeda se ela pedisse às outras meninas para me deixarem brincar com elas.

– Mas, querida, elas são, algumas delas, crianças muito simples, e não são companhias adequadas para uma Morton.

– Mas eu sou uma Mannisty, senhora! – ela exclamou com tanta certeza, que se eu não conhecesse o mau caráter de algumas daquelas meninas, não resistiria à sua ânsia de ter companhias da sua idade.

De qualquer forma, eu estava brava com elas por terem tomado a moeda, mas quando me apontou a menina, e viu que eu iria pedi-la de volta, agarrou-se a mim e disse:

– Ó, não, senhora, a senhora não deve fazer isso. Dei a moeda a ela porque eu quis.

Então, eu me afastei, pois havia verdade no que a menina dizia. Mas até hoje nunca contei a Etelinda o que aconteceu com a moeda de seis pence que deu a ela. Levei a srta. Cordélia até em casa para trocar de roupa e estar alinhada a fim de levá-la de volta à mansão. E, no caminho, para compensar sua decepção, comecei a contar sobre minha querida srta. Phillis e sua bela e brilhante juventude. Não tinha pronunciado seu nome a ninguém desde que ela morrera, a não ser para Etelinda – e isso apenas aos domingos e em momentos de quietude. E eu não poderia falar dela a uma pessoa adulta, mas, de alguma forma, para a srta. Cordélia falei de modo bastante natural.

Não me referi aos seus últimos dias, é claro, mas ao seu pônei e aos cães pretos iguais ao do rei Charles, e todas as criaturas que se regozijavam em sua presença quando eu a conheci. E nada satisfazia a menina, então, eu tinha que ir ao jardim da mansão e mostrar-lhe onde ficava o jardim da srta. Phillis. Estávamos entretidas em nossa conversa, enquanto ela se abaixava para tirar as ervas daninhas do terreno, quando ouvi uma voz aguda gritar:

– Cordélia! Cordélia! Sujaste o vestido ao ajoelhar na grama molhada! Não é minha semana, mas contarei para sua tia Annabella.

E fechou a janela com um puxão. Era a srta. Dorothy. E eu me senti quase tão culpada quanto a pobre srta. Cordélia, pois a sra. Turner nos disse que a srta. Dorothy se ofendera por não termos ido visitá-la em seu quarto no dia em que fomos cumprimentar as irmãs, e achei que ver a srta. Cordélia comigo seria um erro tão grande quanto ajoelhar-se na grama molhada. Então, decidi pegar o touro pelos chifres.

– Você pode me levar até sua tia Dorothy, querida? – perguntei.

A menina não queria entrar no quarto da tia Dorothy, como fez diante da porta da srta. Annabella. Ao contrário, apontou-a a uma distância segura e depois foi embora, andando lentamente como a ensinaram a andar naquela casa, onde correr, subir os degraus de dois em dois, ou saltar três degraus de uma vez era considerado indigno e vulgar. O quarto da srta. Dorothy era o menos suntuoso. De alguma forma, parecia ser a face nordeste, embora fosse face sul; e quanto à própria srta. Dorothy, parecia mais uma “prima Betty” do que qualquer outra pessoa, se sabe a que me refiro, pois talvez seja uma expressão antiquada demais para ser entendida por qualquer um que tenha estudado línguas estrangeiras, mas, quando eu era menina, havia mulheres pobres e loucas que vagavam pelo país, pelo menos uma ou duas por distrito. Elas nunca fizeram mal algum a ninguém que eu saiba; podem ter nascido tolas, as pobres criaturas! Ou, talvez, tenham tido uma decepção no amor, quem sabe? Mas vagavam pelo país, e eram bem conhecidas nas fazendas, onde conseguiam comida e abrigo pelo tempo que suas mentes inquietas permitissem que ficassem naquele lugar; e a mulher do fazendeiro arrumava, por exemplo, uma fita, uma pluma ou uma grande peça de seda antiga, para agradar a vaidade inofensiva dessas pobres loucas. Às vezes, ficavam deprimidas. Chamá-las de “prima Betty” tornou-se um tipo de denominação para qualquer mulher com roupas vistosas e exuberantes, e dizíamos que lembravam a “prima Betty”. Então, agora sabem o que quero dizer quanto à aparência da srta. Dorothy.

Seu vestido era branco, como o da srta. Annabella, mas, em vez do chapéu de veludo preto da irmã, ela usava, mesmo dentro de casa, um pequeno gorro preto de seda. Parece que seria menos uma prima Betty por usar esse gorro, mas

espere até eu dizer como ele era forrado – com tiras de seda vermelha, largas perto do rosto, estreitas próximo à aba, pois todos gostam de ver raios de sol nascente como são pintados nos cartazes em uma repartição pública. E seu rosto era como o sol, redondo como uma maçã; e, sem dúvida, pintado com ruge: de fato, ela me disse, certa vez, que uma dama não estaria vestida se não usasse ruge. A sra. Turner nos contou que gostava de ler frases e pensamentos; não que fosse uma mulher inteligente de um modo geral, devo dizer; e esse revestimento radiante era fruto de seu estudo. Prendia os cabelos, para que a testa ficasse totalmente coberta pelo gorro, e não nego que eu preferiria estar em casa do que encará-la na porta. Fingiu não saber quem eu era, e me fez falar tudo sobre mim; e então descobri que ela já sabia tudo a meu respeito, e esperava que eu tivesse me recuperado da fadiga do outro dia.

– Que fadiga? – perguntei, sem me mexer.

Ó, ela entendeu que eu teria ficado muito cansada depois de visitar as irmãs, de outro modo, é claro, eu teria ido até seu quarto. Ela continuou fazendo tantas insinuações, que eu preferiria que ela me desse um tapa na cara para encerrar o assunto, porém eu queria que ela fizesse as pazes com a srta. Cordélia por ter-se ajoelhado e sujado o vestido. Disse a ela o que pude para esclarecer, mas não sei se adiantou. A sra. Turner me disse quanto ela era desconfiada e ciumenta de tudo e de todos, especialmente da srta. Annabella, que fora colocada acima dela na juventude graças à sua beleza, mas, desde que esse atributo minguara, a srta. Morton e a srta. Dorothy não paravam de espezinhá-la, e a srta. Dorothy mais do que a irmã. Se não fosse pelo amor da pequena srta. Cordélia, a srta. Annabella sentia vontade de morrer; muitas vezes, desejava que tivesse contraído varíola quando era bebê. A srta. Morton tratava-a de modo arrogante e frio, como se ela não tivesse cumprido o dever para com sua família e fosse colocada de castigo num canto por mau comportamento. A srta. Dorothy sempre falava com ela (sem prestar atenção), principalmente sobre o fato de ela ser sua irmã mais velha. Ela era apenas dois anos mais velha, e continuava sendo tão bonita e agradável, que eu me esqueceria desse fato, se não fosse pela srta. Dorothy.

E as regras que foram criadas para a srta. Cordélia! Ela tinha que comer de pé, para começo de conversa! Outra era que ela tinha que beber duas xícaras de água gelada antes de comer pudim; e isso apenas a fazia detestar água gelada. Então, havia um monte de palavras que ela não podia usar; cada tia tinha sua lista de palavras indelicadas ou impróprias, por um motivo ou outro. A srta. Dorothy nunca a permitia dizer “vermelho”; ela deveria dizer rosa, carmim ou escarlate. A srta. Cordélia algumas vezes vinha à nossa casa, e dizia que sentia uma “dor no peito” com tanta frequência, que Etelinda e eu começamos a nos preocupar, e perguntamos à sra. Turner se a mãe da menina havia morrido de tuberculose, e dei a ela vários potes de geleia de groselha, o que só piorava a dor no peito, dá para acreditar? A srta. Morton a proibiu de dizer que sentia dor de barriga, por não ser adequado falar assim; eu conhecia uma denominação ainda pior quando eu era jovem, e Etelinda também; e nos perguntamos por que alguns tipos de dor eram gentis de se dizer e outros não. Eu disse que as famílias antigas, como os Morton, em geral, pensavam ser um sinal de sangue bom queixar-se de males num ponto mais alto possível do corpo – febres cerebrais e dores de cabeça soavam melhor, e talvez pertencessem mais à aristocracia. Pensei que eu estava certa ao dizer isso quando Etelinda me assegurou que ouviu muitas vezes dizerem que lorde Toffey tinha gota e mancava, e isso me deixou perplexa. Se há uma coisa que mais detesto é alguém afirmar algo contrário ao que estou tentando dizer – como vou raciocinar, se for perturbada pelos argumentos de outra pessoa?

Mas, embora eu conte todas as peculiaridades das srtas. Morton, elas eram boas senhoras, em geral: até a srta. Dorothy tinha momentos de bondade e realmente amava a sobrinha, embora sempre a espreitasse para pegá-la fazendo algo errado. Tenho que respeitar a srta. Morton, porque nunca gostei dela. Elas nos convidavam para o chá, e usávamos nossos melhores vestidos, e depois de colocar a chave de casa no bolso, caminhávamos devagar pela aldeia, esperando que aqueles que nos conheciam desde a juventude nos vissem agora, sendo convidadas para tomar chá com a família na mansão – não na ala dos empregados, mas com a própria família. Mas, desde que os tecelões começaram

a trabalhar em Morton, todos pareciam estar ocupados demais para reparar em nós, por isso nos contentávamos em comentar que nunca imaginamos, quando jovens, que viveríamos até esse dia. Depois do chá, a srta. Morton nos pedia para falar sobre a verdadeira e antiga família que elas desconheciam e, com certeza, falávamos sobre toda a sua pompa, grandeza e modos imponentes, mas Etelinda e eu nunca mencionamos o que era para nós a memória de um sonho triste e terrível. Então, nos ouviam contar sobre o senhor em seu coche puxado por quatro cavalos como xerife do condado, e a senhora deitada em sua saleta da manhã, com o roupão de veludo de Gênova, cheio de olhos de pavão (era uma peça de veludo que o senhor Morton lhe trouxera da Itália, quando fez o *Grand Tour*) e a srta. Phillis indo a um baile na casa de um nobre e dançando com um duque. As três damas nunca se cansavam de ouvir as histórias do esplendor que houve ali, enquanto elas e a mãe passavam fome devido à pobreza, no norte, em Northumberland, e a srta. Cordélia sentava-se num banquinho na altura dos joelhos da tia Annabella, e segurava a mão da tia e ouvia, boquiaberta, tudo o que dizíamos.

Um dia, a menina chegou chorando em nossa casa. Era a velha história de sempre: tia Dorothy fora muito cruel com tia Annabella! A garotinha disse que iria fugir para a Índia a fim de contar ao tio, o general, e parecia sentir uma mistura tão grande de raiva, tristeza e desespero, que de repente me ocorreu um pensamento. Achei que eu deveria lhe ensinar algo sobre a profunda tristeza que a aguardava em algum momento de sua vida, e como deveria ser suportada, contando-lhe sobre o amor e a resiliência da srta. Phillis por seu tolo e belo sobrinho. Então, contei-lhe sobre ele, desde pequeno, até contar tudo. Seus grandes olhos marejaram, e as lágrimas escorriam e desciam silenciosas por suas bochechas, enquanto eu falava. Nem precisei lhe pedir que não contasse nada disso a ninguém. Ela disse:

– Eu não poderia... Não! Nem mesmo à tia Annabella.

E, até hoje, nunca mencionou o assunto, nem mesmo para mim, mas tentou ser mais paciente e mais útil, de forma silente, na estranha casa onde morava.

Aos poucos, a srta. Morton foi ficando pálida, encanecida e esgotada, além de rija. A sra. Turner sussurrou-nos que ela, por sua aparência enrijecida e imóvel, estava prestes a morrer; que fora secretamente ver um famoso médico em Drumble; e que este lhe dissera que ela deveria se preparar. Nem as irmãs sabiam disso, mas esse fato incomodou a sra. Turner e ela decidiu nos contar. Muito depois disso, continuava tendo sua semana de disciplina com a srta. Cordélia, e andava com seu modo duro, como um soldado, pela aldeia, repreendendo as pessoas por terem famílias muito extensas, queimarem muito carvão e consumirem muita manteiga. Certa manhã, mandou a sra. Turner chamar as irmãs e, antes que ela voltasse, procurou um antigo medalhão que tinha as mechas de cabelo das quatro srtas. Morton quando crianças e, prendendo uma fita marrom pela abertura do medalhão, colocou-o no pescoço de Cordélia e a beijou, dizendo-lhe que ela era uma boa menina, e que já estava curada da lordose, que devia temer a Deus e respeitar o rei, e que agora poderia tirar férias. Enquanto a criança olhava maravilhada para a ternura incomum com que a tia lhe dissera isso, um espasmo tomou conta do rosto da srta. Morton, e Cordélia saiu correndo para chamar a sra. Turner.

Mas quando esta e as irmãs entraram, a srta. Morton já havia se recuperado. Pediu para ficar sozinha com as irmãs no quarto, para se despedir delas; então ninguém sabe o que ela lhes disse, nem como lhes disse (para quem pensar nela ainda com saúde) que eram evidentes os sinais da morte que se aproximava, e que o médico diagnosticara. Uma coisa a respeito da qual ambas concordaram – e era bastante que a srta. Dorothy concordasse com qualquer coisa – era que ela deixava sua sala de estar, no andar mais alto, para a srta. Annabella, por ser a próxima irmã em idade. Então, elas deixaram o quarto chorando e entraram juntas no quarto da srta. Annabella, e ficaram sentadas, de mãos dadas (pela primeira vez desde a infância, eu creio), esperando ouvirem a sineta que seria colocada ao lado da srta. Morton, caso entrasse em agonia e chamasse a sra. Turner. Mas a sineta não tocou. Logo anoiteceu. A srta. Cordélia voltou do jardim, deixando as longas sombras escuras e verdes, e os estranhos uivos dos ventos noturnos passarem pelas árvores, e postou-se junto à

lareira da cozinha. Por fim, a sra. Turner bateu à porta da srta. Morton e, quando não ouviu resposta, entrou e encontrou-a morta e já fria em sua cadeira.

Suponho que em algum momento tenhamos contado a elas sobre o enterro do antigo senhor, quero dizer, do pai da srta. Phillis. Houve uma procissão de arrendatários de quase um quilômetro para acompanhá-lo até o túmulo. A srta. Dorothy me chamou para perguntar que arrendatários do irmão poderiam acompanhar o féretro da srta. Morton, mas, com o povo trabalhando nas fábricas e as terras que deixaram de pertencer à família, conseguiríamos juntar, no máximo, vinte pessoas, entre homens e mulheres; e outros ainda seriam mercenários o suficiente para cobrar pelo seu tempo.

A pobre srta. Annabella não queria ficar com a sala no andar superior, mas não ousava ficar para trás, pois a srta. Dorothy, por despeito por não ter sido legada a ela, repetia que a srta. Annabella tinha a obrigação de ocupá-la; que fora o desejo de morte da srta. Sofrônia, e que ela não se surpreenderia se a srta. Sofrônia não viesse assombrar a srta. Annabella, caso ela não saísse de seu quarto quentinho, confortável e cheiroso, para ficar no quarto sombrio na ala nordeste. Dissemos à sra. Turner que temíamos que a srta. Dorothy acabasse por dominar a srta. Annabella, e ela apenas meneou a cabeça, o que, para uma mulher tão falante, significava muito. Mas, quando a srta. Cordélia começou a se abater, o general voltou à casa sem que ninguém soubesse que ele estava chegando. Assim que retornou, passou a tomar as decisões. Enviou a srta. Cordélia para a escola, mas não antes que ela nos dissesse que amava o tio, apesar de seu comportamento rascante e tempestuoso. Levou as irmãs para Cheltenham, e foi surpreendente como elas rejuvenesceram antes de voltar. Ele sempre ia de um lado para outro: e foi muito educado conosco durante a negociação, deixando-nos com a chave da mansão toda vez que saíam de casa. A srta. Dorothy tinha medo dele, o que era uma bênção, pois isso a mantinha calada e, para falar a verdade, fiquei muito triste quando ela morreu; e, quanto à srta. Annabella, ela se desvelou para cuidar da irmã, até também ficar doente, e a srta. Cordélia precisou deixar a escola para vir fazer companhia à tia. A srta. Cordélia não era bonita; tinha um ar muito triste e grave para ser bela, mas era

empreendedora e um dia herdaria a fortuna do tio, então eu esperava que em breve ela fosse arrebatada. Mas o general disse que o marido deveria usar o sobrenome Morton, e o que fez minha jovem senhora, senão começar a gostar de um dos grandes proprietários de usinas de Drumble, como se não houvesse todos os senhores e comuns a escolher além dele? A sra. Turner morreu, e não havia ninguém para nos avisar sobre isso, mas vi a srta. Cordélia emagrecer e ficar mais pálida cada vez que voltavam à Mansão Morton, e eu queria lhe dizer que se animasse para escolher um marido, acima de um tecelão de algodão. Um dia, menos de seis meses antes da morte do general, ela veio nos visitar e nos disse, corando como uma rosa, que o tio lhe dera o consentimento e, assim, embora “ele” tivesse se recusado a usar o sobrenome Morton, e aceitasse se casar com ela sem nenhum centavo, e sem o consentimento do tio, tudo se acertara afinal, e eles se casariam imediatamente e a casa seria um tipo de lar para tia Annabella, que se cansara das constantes viagens do general.

– Queridas e velhas amigas! – disse nossa jovem senhora. – Ireis gostar dele. Tenho certeza que sim. Ele é tão bonito, corajoso e bom. Sabem, ele disse que um parente de seus antepassados viveu na Mansão Morton na época do Commonwealth. [\[39\]](#)

– Seus antepassados? – exclamou Etelinda. – Ele tem antepassados? Esse é um ponto positivo para ele, de qualquer modo. Não sabia que os tecelões de algodão tinham ancestrais.

– Como ele se chama? – perguntei.

– Sr. Marmaduke Carr – ela respondeu, arrastando cada R com o antigo sotaque de Northumberland, suavizado num belo tom de orgulho e de esforço para dar distinção a cada letra do nome do amado.

– Carr – eu exclamei. – Carr e Morton! Que assim seja! Isso foi profetizado há anos!

Mas ela estava por demais absorta nos pensamentos de sua própria felicidade interior para se dar conta das bobagens que eu estava falando.

Ele era um cavalheiro bom e verdadeiro. Nunca viveram na Mansão Morton. No momento que eu escrevia isto, Etelinda entrou trazendo duas

notícias. Nunca mais diga que eu sou supersticiosa! Não há ninguém vivo em Morton que conheça a história de sir John Morton e Alice Carr, porém, a primeira parte da mansão que o construtor de Drumble demoliu foi o antigo salão de pedra, onde o grande jantar servido para os pastores se decompôs – tudo reduzido a nada! E a rua que vão construir e passará pelos quartos de onde Alice Carr foi arrastada, em desespero e agonia, por ódio e asco ao marido se chamará rua Carr.

E a srta. Cordélia teve um bebê, uma menina, e escreveu duas linhas a lápis no final do bilhete do marido, dizendo que pretendia chamá-la Phillis.

Phillis Carr! Fico feliz que ele tenha rejeitado o sobrenome Morton. Prefiro guardar o nome Phillis Morton em minha memória, em absoluto silêncio.

CAPÍTULO IV

UMA HISTÓRIA DE FANTASMA

Ada Trevanion

1858

Pouco se conhece sobre Ada Trevanion. As fontes genealógicas encontradas *on-line* dizem que ela nasceu em 1829, em Bifrons House, em Kent, e morreu em 1882. Um obituário – no *Parsons Daily News*, de Parsons, Kansas –, diz que ela era “filha de Henry Trevanion e da meia-irmã de Byron, Georgiana Augusta Leigh”, o que está de acordo com a informação dos sites de genealogia. Em 1829, Bifrons House foi a residência da ex-mulher de Byron e sua filha Augusta (Ada), mais conhecida hoje como Ada Lovelace, a mãe da programação informática. ^[40] A *London Gazette*, de 8 de maio de 1866, cita a morte de Georgiana e a passagem de seu espólio para Ada: curiosamente para os leitores americanos, o escritório de advocacia que tratou da

herança chamava-se *Booty & Butts*, localizado em Gray's Inn, em Londres.

Se a mulher propriamente dita é um mistério, ao menos parte de sua obra chegou até nós. Ela publicou uma coletânea considerável de poesia, intitulada *Poemas*, em 1858 – o *Saturday Review*, de 27 de novembro daquele ano, chamou-a de “um bom espécime de poesia realmente medíocre”. Independentemente da opinião desse resenhista, a poesia de Ada continuou a ser publicada em grandes tiragens, em revistas como *The Illustrated Magazine*, *The Ladies' Companion*, *Monthly Magazine*, *The New Monthly Bell Assemblée*, *The Ladies' Cabinet of Fashion*, *Music & Romance* e *The Keepsake*.^[41]

Sua ficção é ainda mais difícil de ser encontrada. “Não julgueis para não serdes julgados”^[42] apareceu em *The Ladies' Companion*, em 1855, e “Uma discussão amorosa”,^[43] no *The Home Circle*, em 1849 – ambos parecem contos convencionais, dirigidos a revistas de mulheres.

“Uma história de fantasma”^[44] também é bem feminino em sua natureza, que trata sobre o relacionamento entre uma professora e uma aluna num internato inglês. Algumas comentaristas feministas viram sinais de uma relação homoerótica, mas esta é uma avaliação delas, o texto propriamente dito sugere uma amizade respeitosa em vez de paixão, e uma confiança que leva o fantasma a colocar a responsabilidade do futuro de sua família nas mãos da protagonista.



elatarei a vocês (disse minha amiga Ruth Irvine) toda a história, do começo ao fim: há alguns anos, meu pai me mandou para Woodford House – uma escola de moças, em Taunton, Somersetshire, onde uma sra. Wheeler era a diretora. O



número de alunas caíra antes de eu ir, de cinquenta para trinta, embora o estabelecimento fosse, em vários aspectos de qualidade, superior, e as mestras fossem muito boas.

O grupo era formado pela sra. Wheeler e uma pensionista, com duas professoras, madame Dubois e srta. Winter, e nós, as trinta meninas. A srta. Winter, professora de inglês, dormia num quatinho junto ao nosso, levava-nos para passear, e nunca saía de perto de nós. Tinha cerca de vinte e sete anos, cabelos castanhos espessos e macios, e seus olhos apresentavam um aspecto que não consigo definir. Eram castanho-esverdeados e, à menor emoção, pareciam se encher de luz, mesmo imóveis, como o luar sobre um lago. Às seis e meia da manhã, vinha nos chamar e, por volta das sete horas, já estávamos no térreo. Fazíamos exercícios de escalas, repassávamos as lições da noite anterior até as oito e meia, quando a sra. Wheeler e a madame Dubois apareciam; então, rezávamos as orações e, depois disso, tomávamos nosso desjejum, com café preto e pão com manteiga cortado em quadrados, que continuavam saborosos até o meio da semana. Depois do café, a sra. Wheeler sentava-se à cabeceira da mesa e começava os trabalhos.

A sra. Wheeler era alta e rotunda, com voz estridente e modo muito autoritário. Prestava uma atenção contínua à nossa conduta, e tinha a séria missão de nos manter acordadas enquanto falava.

Madame Dubois era uma senhora idosa, baixa e encarquilhada, de temperamento irascível. Ostentava um turbante, colocava algodão nos ouvidos e murmurava as palavras que dizia. À uma hora, a sra. Wheeler fechava a mesa e saía da sala, enquanto íamos para o andar de cima nos trocar para fazer a caminhada. O jantar já estava pronto quando voltávamos às três horas. Era uma comida simples que logo acabava e, depois disso, a srta. Winter assumia o lugar da sra. Wheeler na mesa longa, e presidia nossos estudos até a hora do chá, às sete horas. Eu considerava esse intervalo a parte agradável do dia, porque a srta. Winter era inteligente e se esforçava quando via inteligência ou vontade de aprender. Eu passava menos tempo com ela, no entanto, do que a maioria das meninas, porque, sendo uma das mais velhas, a sra. Wheeler esperava que eu

praticasse o piano ao menos três horas por dia. O estúdio era grande, sem tapetes, com vista para um jardim amplo e florido. Parte dos melhores dias da primavera e do verão eram passados nesse jardim. Eu gostava de ficar ali mais do que das caminhadas, porque não éramos obrigadas a ficar juntas. Costumava levar um livro e, quando não fazia muito frio, ficava junto a uma fonte, à sombra de um laburno ^[45] que pendia sobre ela. Fico pensando se a fonte e o laburno ainda estão lá.

Woodford House era famosa por suas ocupantes misteriosas. Havia a sra. Sparkes, uma pensionista, que sempre tomava o desjejum no quarto, e diziam que teria vindo pelo mar de um lugar muito distante, onde ela e o falecido capitão Sparkes (o marido) possuíam muito ouro. Sabia-se que, se ela tivesse recebido seus direitos, valeria 10 mil libras por ano. Temo que ela não os recebesse, pois desconfio que sua renda não passasse de 100 libras. Era muito bem-humorada, e todas nós gostávamos dela, mas associá-la vagamente com o mar, tempestades e recifes de coral, fazia com que surgissem as lendas mais selvagens sobre ela. Havia, então, uma menina pálida, de cabelos louros e cacheados, que, nós descobrimos, ou pensamos ter descoberto, ser filha de um visconde que não gostava dela. Era uma personagem muito curiosa, uma jovem italiana, que tinha, entre seus pertences, uma adaga de verdade, que muitas acreditavam que carregasse sempre com ela. Mas creio que todas eram ofuscadas, em geral, pela srta. Winter, que nunca falava sobre seus relacionamentos, ia até o posto dos correios buscar suas cartas, para não serem trazidas até a escola; e, além disso, tinha um pequeno guarda-roupa de carvalho no quarto, cuja chave ela pendurava no pescoço. Que vida levava com algumas das meninas! E como era solitária também! Pois não acompanhava a sra. Wheeler, nem a nós, e era impossível ser amiga de madame Dubois.

Pobre srta. Winter! Nunca a perturbei com perguntas impertinentes – e talvez ela se sentisse agradecida pela minha paciência, pois minhas companheiras diziam, unanimemente, que ela “favorecia Ruth Irvine”. Eu não era popular entre elas, porque estudava meio período nos feriados, e uma hora antes de dormir, quando tínhamos o tempo livre para nós. Elas tentaram me

dissuadir de fazer isso, mas não conseguiram, então, me odiavam de um modo como só colegas conseguem odiar, e se vingavam dizendo que “meu pai era pobre, e eu estava, por esse motivo, ansiosa para aproveitar o máximo do meu tempo em Woodford House”. Essa provocação pretendia me infligir uma severa mortificação, pois havia um profundo respeito pela riqueza que impregnava a escola, que, claro, vinha da diretora.

Desconfio que eu tenha estudado demais nesse período, pois passei a sofrer dores de cabeça excruciantes, que me impediam de dormir à noite, e eu tinha, além disso, todo tipo de hábitos estranhos e tiques nervosos. Ah, os sérios esforços da sra. Wheeler para me tornar graciosa; seu desespero com meus cotovelos; sua desesperança com meus ombros, e o olhar de indignação com meu modo de entrar na sala!

Passei as férias de verão desse ano em Woodford Home, porque meu pai estava no exterior, e eu não tinha um parente gentil que se condoesse com o fato de eu não ter um lugar para ficar, e fiquei muito abatida por isso. A minha depressão aumentou a febrícula nervosa que eu tinha, de tal forma que fui obrigada a ficar de cama por alguns dias. A srta. Winter cuidou de mim por sua própria conta, e foi como uma irmã para mim. Agora que as outras meninas não estavam ali, ela se tornou bastante comunicativa. Descobri que era órfã, e tinha um “irmão e três irmãs, todos mais novos do que ela, que sempre a procuravam toda vez que precisavam”. Eu gostava de ouvi-la falar sobre eles: imaginava-os como exemplos de talento e gentileza. O irmão era funcionário de uma casa mercantil em Londres; as irmãs estavam sendo educadas numa escola para filhas de militares. A ligação que a unia a esse irmão e às irmãs parecia, para mim, ser mais forte do que a morte ou a vida.

As férias das professoras começavam bem depois das nossas, mas, nas férias de verão, tinham permissão para fazer excursões a pé e, quando a srta. Winter retornava desses passeios, vinha direto para o meu quarto, carregada de musgos e flores silvestres. Eu senti como um grande consolo, diante da negligência e do desprezo das outras, o fato de ela ter-se apegado a mim. Quando chegou o dia da sua partida, deu-me um livro chamado *O conto do velho marinheiro*, [46] de

Samuel Coleridge, que eu deveria sempre guardá-lo, e nunca me esquecer dela, se nunca mais a visse. Não creio que tenha dito isso por pressentir a proximidade de qualquer doença, pois ela me parecia bastante feliz em seu próprio modo silencioso, mas nunca se permitia ter muita esperança em relação ao futuro. Recebi uma carta dela, para dizer que havia chegado em segurança ao endereço do irmão na cidade, e estava indo para Dover, onde estavam as irmãs, e me pediu para eu não me preocupar com ela. Tentei me manter contente, mas o tempo se arrastava sem ela. Toda manhã, no desjejum, ouvia, pela vigésima vez, a srta. Nash, que apreciava a vantagem de passar as férias com uma pessoa como a sra. Wheeler, dizer que ela nem tinha vontade de sair de Woodford House. Ela nunca reclamava que o piano no salão dos fundos tinha várias notas quebradas, ou que *A história antiga*, [47] de Rollin, [48] não era o tipo mais adequado de literatura. Não era uma atitude caridosa, mas eu não podia evitar – eu odiava a srta. Nash. O fim do dia era mais agradável: em geral, eu era convidada para o chá e o jantar pela sra. Sparkes, e me regalava no salão da frente com bolos, pães de gergelim e vinho de groselha. Eu deveria ter aproveitado mais esses entretenimentos, mas eu havia escrito um poema dividido em quatro cantos, em que o falecido capitão Sparkes era um pirata e fora alvejado de forma atroz, e esse segredo pesava como chumbo em minha mente, impedindo-me de me sentir à vontade com a sra. Sparkes. Foi depois de uma noite passada com essa senhora e, na ausência da sra. Wheeler, que fora para Londres tratar da vinda de uma nova aluna, que... que aconteceu pela primeira vez.

Era uma noite silenciosa e abafada. A lua brilhava no alto. Eu estava deitada na minha cama branca e estreita, com os cabelos desalinhados sobre o travesseiro, sem conseguir dormir de jeito nenhum, mas totalmente desperta, e com os sentidos tão aguçados, que conseguia ouvir o barulho da fonte e o tique-taque do relógio na sala lá embaixo. Eu tinha deixado a porta do quarto aberta por causa do calor. De repente, à meia-noite, quando a casa estava em profundo silêncio, senti um vento frio entrar pelo quarto e, quase em seguida, ouvi o som de passos subindo a escada. O sono parecia mais distante do que nunca, ou eu

poderia estar sonhando, pois reconheci os passos da srta. Winter e, no entanto, eu sabia que ela só deveria voltar dentro de quinze dias. O que poderia ser? Enquanto eu prestava atenção e pensava no que seria, os passos se aproximaram e, de repente, pararam. Olhei em volta e vi, no pé da cama, o vulto da minha amiga! Ela estava com o vestido escuro simples que normalmente usava, e pude ver no dedo médio da mão esquerda o brilho de um anel, que também me era familiar. Seu rosto estava muito pálido, e tinha, pensei, uma expressão estranha e melancólica. Notei também que a franja sobre a testa parecia escura e úmida, como se estivesse imersa em água. Sentei-me na cama, estendi os braços e exclamei:

– Estás aqui! Quando chegaste? O que te fez voltar tão cedo?

Mas ela não respondeu, e desapareceu no minuto seguinte. Fiquei estática, aterrorizada com o que vi. Senti um medo indefinível de que algo estivesse errado com minha amiga. Levantei-me e passei pelo seu quarto, que estava vazio, subi e descii, procurando por ela, chamando baixinho seu nome, mas todos os quartos em que entrei estavam vazios e silenciosos. Então, voltei para cama, confusa e decepcionada.

Antes do amanhecer, me senti sonolenta e, um pouco antes da hora de levantar, adormeci. Ao acordar, o sol estava entrando pela janela. Ouvi as empregadas trabalhando lá embaixo, e percebi que já deveria ser muito tarde. Comecei a me vestir às pressas, quando alguém abriu a porta lentamente. Era a sra. Sparkes.

– Eu não quis te perturbar – ela disse –, porque te ouvi caminhando pela casa ontem à noite. Pensei, como estamos de férias, que poderias dormir até mais tarde, se quisesses.

– Agradeço muito – respondi, mal contendo minha impaciência.

– Onde está a srta. Winter, sra. Sparkes?

Ela me olhou surpresa com a pergunta, mas respondeu, sem hesitação:

– Com seus amigos, sem dúvida! Ela não deve estar de volta senão na outra semana, sabes bem disso.

– Estás brincando – eu disse, num tom um pouco ofendido. – Eu sei que ela voltou. Eu a vi ontem à noite.

– Viste a srta. Winter ontem à noite?

– Sim – respondi –, ela veio até meu quarto.

– Impossível!

A sra. Sparkes começou a rir e continuou:

– A menos que ela tenha o poder de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Estavas sonhando, Ruth.

– Eu não podia estar sonhado – repliquei –, pois eu estava bem acordada. Tenho certeza de que vi a srta. Winter. Ela ficou parada ao pé da cama, e olhou para mim, mas não me disse quando chegou, nem por que voltou tão cedo.

A sra. Sparkes continuou rindo. Eu não falei mais sobre o assunto, pois percebi que havia algum mistério, e ela estava tentando me enganar.

O dia passou. Eu não queria dormir, embora me sentisse muito cansada ao anoitecer. Continuei pensando na srta. Winter, e imaginando se ela iria aparecer novamente. Algumas horas depois de ter me deitado, fiquei terrivelmente nervosa – o menor barulho fazia meu coração saltar. Então, ocorreu-me um pensamento de que eu deveria me levantar e descer as escadas. Eu me vesti e saí do quarto devagarzinho. A casa estava tão silenciosa, e tudo parecia tão escuro, que senti medo, e comecei a tremer mais do que antes. Havia um corredor que percorria a extensão da sala de aula e uma porta de vidro no final, que se abria para o jardim. Fiquei parada nessa porta por vários minutos, olhando, como num sonho, a luz prateada da lua sobre as árvores escuras e as flores adormecidas. Enquanto olhava, comecei a me sentir bem e tranquila. Virei-me para voltar para o quarto, quando ouvi, como pensei, alguém tentando abrir a porta atrás de mim. O barulho logo cessou, embora eu acreditasse que a porta estivesse aberta, porque um vento varreu o corredor, fazendo-me estremecer. Parei e olhei rapidamente para trás. A porta estava cerrada, e a tranca fechada, mas, sob o luar, onde eu parei, estava a figura longilínea da srta. Winter! Ela estava branca, imóvel e muda, como na noite anterior; parecia que algo terrível a fez emudecer. Eu queria falar com ela, mas

havia algo em sua expressão que me assombrava; e, além disso, a febre de ansiedade que eu sentia começou a secar meus lábios, impedindo-me de falar. Porém, andei rapidamente em direção a ela, e me inclinei para beijá-la. Para minha surpresa e terror, seu vulto sumiu. Emiti um grito, que deve ter alarmado a sra. Sparkes, pois ela desceu correndo de camisola, pálida e assustada. Contei-lhe o que tinha acontecido, exatamente como descrevi agora. Ela me ouviu com uma expressão de ansiedade. Então falou gentilmente:

– Ruth, não estás bem agora à noite, estás com febre e ansiosa. Volta para a cama, e amanhã de manhã terás se esquecido de tudo.

Voltei para a cama, mas, na manhã seguinte, eu não tinha me esquecido do que vira na noite anterior, ao contrário, eu tinha mais certeza do que nunca. A sra. Sparkes acreditava que eu tinha visto a srta. Winter em sonhos na primeira noite e que, na segunda, estando bem desperta, não conseguira me livrar da ideia da noite anterior. No entanto, depois de pedir insistentemente, prometeu-me que passaria a noite seguinte no quarto de dormir das meninas. Durante o dia, foi muito gentil e atenciosa comigo. Ela não teria sido mais gentil, se eu não parecesse realmente perturbada. Escondeu de mim todos os livros mais emocionantes, e me perguntava, de hora em hora, se minha cabeça doía. À noite, após o jantar, mostrou-me algumas gravuras que haviam pertencido ao seu marido. Eu gostava muito de gravuras. Ficamos vendo as imagens até tarde, e então fomos deitar. Cansada como estava, eu não conseguia dormir. A sra. Sparkes disse que também ficaria acordada, mas logo se calou, e eu sabia, pela sua respiração, que havia adormecido profundamente. Ela não dormiu por muito tempo. À meia-noite, o quarto, que estava bastante quente, de repente, foi atravessado por uma corrente de ar frio, e novamente ouvi os passos conhecidos da srta. Winter subindo as escadas. Segurei o braço da sra. Sparkes, e balancei-o de leve. Ela estava dormindo pesado e começou a acordar devagar, mas sentou-se na cama e ouviu os passos se aproximando. Nunca me esquecerei de sua expressão nesse momento. Ela parecia transtornada de terror, mesmo tentando ocultá-lo, e sem saber o que devia fazer; finalmente segurou minha mão, e apertou-a tanto, que doeu. Os passos chegaram perto e pararam, como

aconteceu antes. A sra. Sparkes olhou para o pé da cama ao mesmo tempo que eu. O vulto da minha amiga estava lá. Nem sei se vão acreditar em mim. Juro pela minha honra o que aconteceu em seguida.

Havia um candeeiro aceso no quarto, pois a sra. Sparkes nunca dormia no escuro. A luz iluminava o rosto pálido e impassível da srta. Winter mais claramente do que eu o vi nas noites anteriores. As feições pareciam de um cadáver. Ela me encarava de modo fixo, com os olhos brilhando, graves e extremamente familiares. Posso vê-los agora – eu os verei até o dia em que eu morrer! Ó, como pareciam tristes e ansiosos! Por um minuto, ou quase isso, ela nos contemplou em silêncio, então disse, num tom baixo e urgente, atravessando-me com o olhar:

– Ruth, o guarda-roupa de carvalho, no quarto que eu ocupava, contém papéis importantes, papéis que serão procurados. Lembre-se disso!

– Prometo que sim! – respondi.

Minha voz estava firme, embora eu suasse frio. A expressão inquieta e nostálgica em seus olhos mudou, quando eu respondi, para uma expressão pacífica e feliz. Então, ela sorriu e sua imagem desapareceu. Assim que o vulto da srta. Winter sumiu, a sra. Sparkes, que estava muda apenas por estar paralisada de terror, começou a gritar bem alto. E ainda fez mais: pulou da cama e correu até a porta de entrada no térreo. Quando as criadas apareceram para acudi-la, disse-lhes que havia alguém na casa; e todas as mulheres – uma cozinheira e duas arrumadeiras – armaram-se com atiçadores e pás, e examinaram todos os quartos, do sótão ao porão. Não encontraram ninguém, nem nas chaminés, nem debaixo das camas, nem em nenhuma despensa ou armário. E quando as criadas voltaram para a cama, ouvi-as dizendo como era cansativo e desgastante aguentar mulheres que tinham excesso de imaginação. A sra. Sparkes queria ir embora no dia seguinte, mas, ao pensar no ridículo a que se exporia se a história vazasse, ela se armou de coragem e ficou onde estava.

Na manhã seguinte, a sra. Wheeler retornou. Ela e a sra. Sparkes conversaram bastante tempo no escritório. Eu não podia deixar de imaginar o

que elas falaram, e fiquei tão ansiosa que não consegui fazer mais nada. Por fim, a porta se abriu, e a sra. Sparkes saiu. Eu a ouvi dizer claramente:

– Esta é a coisa mais chocante que eu já ouvi. Ela era uma jovem muito esforçada, e sentirás muita falta dela.

Ao ouvir a porta se abrir, corri escada abaixo, e estava a poucos passos do escritório, quando a sra. Sparkes saiu.

A sra. Wheeler estava sentada à mesa, com o jornal aberto à sua frente. Estava com uma expressão circunspecta e chocada.

Depois de perguntar sobre minha saúde, ela disse:

– É com pesar que informo que a srta. Winter não voltará. Uma professora muito capaz, e acredito que eras muito ligada a ela.

Ela ia continuar a falar, mas eu a interrompi e exclamei:

– A srta. Winter morreu! – e desmaiei.

Já era meio-dia quando despertei, e vi a sra. Sparkes curvada sobre mim, enquanto eu estava na cama, tentando me acordar. Pedi-lhe que me contasse tudo, e ela assim o fez. Minha querida amiga de fato morrerá. A história de seu falecimento, como todas as histórias tristes que me contaram da vida real, era muito, muito curta. Ela saiu da casa onde as irmãs estavam hospedadas, tarde da noite, e esta fora a última vez em que foi vista. Encontraram-na morta junto às pedras, no fundo de um penhasco. Era tudo o que sabiam dizer. Não havia ninguém com ela quando a encontraram, e nenhuma prova para saber como ela havia chegado ali.

Não consigo me lembrar do que aconteceu por alguns dias depois disso, porque adoeci seriamente e fiquei de cama e, durante as longas noites, eu ficava deitada acordada, pensando em minha pobre amiga, e imaginando se ela surgiria novamente para mim. Mas ela não apareceu mais.

O tempo passou e chegou o último dia de férias. Eu estava sozinha sentada no escritório, a sra. Wheeler e a sra. Sparkes tinham saído, quando a criada entrou acompanhando um cavalheiro desconhecido, que, quando eu lhe disse que a sra. Wheeler não estava, imediatamente perguntou pela srta. Irvine. Ao ouvir que era eu a pessoa que ele estava procurando, pediu-me cinco minutos

para conversar comigo. Levei-o até a sala dos fundos, e esperei, um tanto surpresa e nervosa, para ouvir o que ele tinha a dizer. Era um rapaz de vinte e um ou vinte e dois anos, e tinha um modo muito circunspecto, e embora eu tivesse certeza de que ele fosse um estranho, havia algo em seu rosto que me parecia familiar.

Ele começou dizendo:

– Eras bastante apegada a uma professora que trabalhou aqui, a srta. Winter. Em nome dela, e por ela, agradeço o amor e a gentileza que demonstraste.

– Conhecias a srta. Winter? – perguntei o mais calmamente possível.

– Sou o irmão dela – ele respondeu.

Ficamos em silêncio, porque comecei a chorar, por ter mencionado o nome da minha querida e falecida amiga; e acredito que ele também estivesse chorando por dentro. Por fim, ele se recompôs emocionalmente, e se esforçou para voltar a aparentar tranquilidade.

– Estou há uma semana procurando alguns papéis que minha pobre irmã deve ter deixado aqui, e ainda não consegui encontrá-los – ele disse. – Se puderes me dar qualquer pista de onde possam estar, farias uma grande gentileza às minhas irmãs e a mim.

Sua voz estava tranquila, mas havia uma expressão em seus olhos que demonstrava uma grande ansiedade. Eu me apressei em dizer:

– Acredito que encontrarás os papéis que procuras num pequeno guarda-roupa de carvalho que pertencia à querida srta. Winter. Por favor, vou lhe mostrar onde está.

Seu rosto se iluminou ao se levantar para me acompanhar! Seus lábios se entreabriram num mudo agradecimento.

Subimos as escadas até o quarto que fora de sua irmã, onde apontei para o móvel a que ela se referiu naquela noite terrível. E, depois de forçar a fechadura, a tranca cedeu à sua mão e, ali, escondidos sob um fundo falso, numa das gavetas, estavam os papéis que ele procurava, com todas as outras coisas que a srta. Winter mais prezava – as cartas trocadas por seu pai e sua mãe antes de eles

se casarem; o anel de casamento da mãe; um retrato do irmão; os primeiros cadernos das irmãs quando aprenderam a escrever; e pequenas lembranças que eu lhe dera em diversas ocasiões. Quando o rapaz já havia pegado todas as cartas e papéis do compartimento secreto, virou-se para mim e disse:

– Quanto imaginas que estes papéis valem para mim, srta. Irvine?

– De fato, eu não sei – respondi –, mas agradeço a Deus que tenhas vindo até aqui para buscá-los, pois estou feliz que os tenha encontrado.

– Eu te agradeço – ele disse –, eu te agradeço de todo o meu coração.

Descemos e fomos novamente até o salão, e então ele me contou, como um parente, muito rico, porém, sovina, havia tomado emprestado uma grande quantia de seu falecido pai, e que agora ele se recusava a devolver e, ainda por cima, perverso, negava haver contraído qualquer empréstimo; que cobraram a dívida judicialmente e que se os papéis que acabara de encontrar não fossem apresentados, ele e as irmãs ficariam totalmente sem dinheiro, mas, deste modo, poderiam recuperar a soma à que tinham direito, com juros de cinco anos.

Depois, implorou-me que eu aceitasse um medalhão com um cacho de cabelo da minha querida srta. Winter, onde estava gravado seu nome de batismo e a data de seu falecimento; e pediu-me que eu lembrasse, se alguma vez eu me visse sozinha, sem amigos ou desesperada (e ele pedia a Deus que isso nunca me acontecesse), que ele se considerava como um irmão para mim.

Fiquei muito emocionada, e escondi o rosto na mesa. Quando levantei a cabeça de novo, ele havia partido.

Uma nova surpresa me aguardava. No dia seguinte, encontrei a sra. Wheeler subindo as escadas. Disse que estava indo me chamar para conversar com ela no salão; e falou comigo de modo tão gracioso, que obedeci a ela sem nenhum temor. Meu querido pai estava ali. Ficou tão chocado com minha aparência doentia, que decidiu me levar para o litoral imediatamente. Pedi a ele que me levasse para Dover. Já sabem por quê. Procurei o túmulo da minha amiga e enfeitei-o o máximo que pude com ramos e flores. Não havia uma lápide na época, mas hoje existe uma.

A história que contei pode parecer incomum, mas é, mesmo assim, totalmente verdadeira. Grande parte das pessoas que estiveram em Taunton por mais ou menos tempo, sem dúvida, ouviu a história contada pela sra. Sparkes ou uma de suas amigas.

CAPÍTULO V

A HISTÓRIA DE UM MAQUINISTA

Amelia B. Edwards

1866

Amelia Ann Blandford Edwards nasceu em Londres, em 1831. Filha de um banqueiro e ex-militar do Exército britânico, foi educada em casa, pela mãe, e demonstrou aptidão para a escrita desde cedo: publicou o primeiro poema aos sete anos, e o primeiro conto aos doze. Aos vinte, tornou-se uma romancista popular, conhecida pelo tempo e esforço que gastava para descrever os cenários e as locações de suas histórias. Certa vez, estimou que cada um de seus romances consumia dois anos, entre pesquisa e escrita.

O inverno de 1873-1874 foi um ano determinante em sua vida: na companhia de vários amigos, visitou o Egito, registrando suas viagens no *best-seller* de 1877, *Mil milhas Nilo acima*.^[49] Dedicou grande parte

de seu tempo depois disso promovendo a descoberta e a preservação de monumentos antigos, cofundando o Fundo de Exploração do Egito, e colaborando com a *Encyclopedia Britannica* e o *Standard Dictionary*. Em 1889-1890, iniciou uma turnê de palestras nos Estados Unidos, publicando-as em 1891, como *Faraós, felás e exploradores*.^[50] Sua paixão pelo Egito era tão grande que abandonou a ficção.

Amelia Edwards nunca se casou. Faleceu em 1892, três meses depois de sua companheira, Ellen Drew Braysher. As duas foram enterradas lado a lado – junto com a filha de Ellen Braysher, Sarah, que morreu em 1864 – e, em 2016, a Historic England (Comissão de Prédios e Monumentos Históricos da Inglaterra) incluiu seu túmulo na lista de monumentos históricos, comemorado como marco LGBT na história da Inglaterra.

Amelia Edwards escreveu uma série de contos de fantasma, muitos dos quais, como “A carruagem fantasma” e “O Expresso 415”,^[51] aparecem regularmente em antologias. Como o último, “A história de um maquinista”^[52] é um conto ferroviário: dois rapazes ingleses vão para a Itália em busca de trabalho e emoção, e se veem num imbróglio de amor, assassinato e – anos depois – redenção sobrenatural.



O nome dele, senhor, era Matthew Price; eu me chamo Benjamin Hardy. Nascemos com poucos dias de diferença entre nós, e fomos criados no mesmo vilarejo; estudamos na mesma escola. Não me lembro de nenhuma época em que não fôssemos amigos muito próximos. Mesmo quando éramos meninos, nunca discutimos. Não tínhamos nenhum pensamento, nem nenhum bem que não nos fosse comum. Ficaríamos juntos, lado a lado,

destemidos, diante da morte. Era uma tal amizade, como se lê nos livros: firme e forte, como os grandes Tors, em meio aos charcos em nossa cidade natal, tão verdadeiro quanto o sol que brilha no céu.

Nosso vilarejo era Chadleigh. Localizado acima das pastagens que se estendiam a nossos pés como um imenso lago verde, dissolvendo-se na bruma junto ao horizonte mais além, a pequena aldeia de pedra se aninhava num vale protegido entre a planície e o planalto. Acima, subindo as cordilheiras e descendo a encosta, espalhavam-se os charcos em meio às montanhas, em grande parte, nuas e desoladas, aqui e ali um terreno cultivado, ou uma plantação de subsistência e, no alto, uma cadeia de escarpas cinzentas, imensas, abruptas, isoladas e mais antigas do que o Dilúvio. Essas escarpas eram os Tors – Tor do Druida, Tor do Rei, Tor do Castelo etc.; lugares sagrados, como ouvi dizer, de tempos remotos, onde aconteciam coroações, queimas, sacrifícios humanos e todo tipo de ritual pagão sangrento. Também se encontravam ali ossos, pontas de flecha e ornamentos de ouro e vidro. Eu sentia uma vaga admiração pelos Tors quando menino, e não me aproximaria deles depois do anoitecer nem que me pagassem.

Eu disse que nascemos na mesma aldeia. Ele era filho de um pequeno fazendeiro, chamado William Price, e primogênito de sete irmãos; eu era o filho único de Ephraim Hardy, ferreiro de Chadleigh – bastante conhecido na região, cuja memória existe até hoje. Da mesma forma que se supõe que um fazendeiro seja mais importante do que um ferreiro, o pai de Mat podia ser considerado mais rico do que o meu, mas William Price, com sua pequena renda e sete filhos, era, de fato, tão pobre quanto um operário; enquanto o ferreiro, próspero, agitado, popular e mão aberta, era alguém com alguma importância local. Tudo isso, no entanto, não tinha nada a ver com Mat e eu. Nunca importou a nenhum de nós que o paletó dele tivesse os cotovelos puídos, ou que nossos fundos mútuos viessem apenas do meu bolso. Bastava para nós sentar no mesmo banco escolar, copiar os deveres da mesma cartilha, brigar pelas causas um do outro, conhecer nossos defeitos, pescar, fazer loucuras, brincar, roubar pomares e ninhos de passarinhos juntos, e passar todas as horas,

permitidas ou roubadas, na companhia um do outro. Foi um tempo feliz, mas que não iria durar para sempre. Meu pai, sendo próspero, resolveu investir em mim. Eu deveria saber mais, e fazer melhor do que ele. A forja não era o suficiente, o pequeno mundo de Chadleigh não era grande o bastante para mim. Assim, aconteceu de eu juntar meus pertences, enquanto Mat assobiava no arado, e, finalmente, quando meu futuro se definiu, nós nos separamos, como nos pareceu, para sempre. Porque, para um filho de ferreiro como eu, de forno e forja, de um modo ou de outro, me agradava mais, e decidi me tornar maquinista. Então meu pai acabou por me enviar para trabalhar como aprendiz de um mestre metalúrgico em Birmingham; e, tendo me despedido de Mat e de Chadleigh e dos antigos Tors cinzentos, em cujas sombras eu havia passado todos os dias da minha vida, virei o rosto em direção ao norte e fui para o “País Negro”. [53]

Não vou me deter nessa parte da minha história. Como terminei meu aprendizado; como, depois de trabalhar por tempo integral e me tornar um operário habilitado, tirei Mat do arado e o trouxe para o País Negro, dividindo, com ele, alojamento, salário e experiência – tudo, enfim, que eu tinha a oferecer; como ele, naturalmente rápido para aprender e extravasando energia, galgou, degrau a degrau, e se tornou o “primeiro empregado” de seu próprio departamento; como, durante todos esses anos de mudanças, provações e esforços, a antiga amizade da adolescência jamais titubeou nem fraquejou, mas continuou crescendo com nosso amadurecimento, fortalecendo-se com a nossa força – são fatos que não preciso mencionar agora.

Nessa época – devo lembrar que falo dos dias em que Mat e eu estávamos mais ou menos com trinta anos –, aconteceu de nossa empresa ter sido contratada para fornecer seis locomotivas de primeira classe para uma nova linha, em fase de construção, entre Turim e Gênova. Foi a primeira encomenda italiana que recebemos. Negociamos com a França, Holanda, Bélgica e Alemanha, mas nunca com a Itália. A conexão, portanto, era nova e valiosa – ainda mais valiosa, pois nossos vizinhos transalpinos tinham começado a assentar as estradas de ferro havia pouco tempo, e seria mais seguro se valerem

do nosso bom trabalho inglês à medida que progredissem. Assim, a empresa de Birmingham fechou um contrato com eles, estendeu o horário de trabalho, aumentou os salários, contratou novos funcionários, e determinou, se a energia e a pontualidade ajudassem, colocar-se à frente do mercado de trabalho italiano e se estabelecer por lá. Eles mereceram e tiveram sucesso. As seis locomotivas não foram apenas entregues dentro do prazo, mas embarcadas, despachadas e recebidas com uma pontualidade que surpreendeu muito nosso destinatário piemontês. Eu me senti bastante orgulhoso quando fui indicado como supervisor do transporte de trens. Como eu tinha o direito de levar dois assistentes comigo, consegui que Mat fosse escolhido como um deles, e assim desfrutamos das primeiras grandes férias de nossas vidas.

Foi uma mudança maravilhosa para dois operários de Birmingham recém-chegados do País Negro. A cidade encantada, com os Alpes ao fundo; o porto cheio de navios estrangeiros; o magnífico céu azul, e o mar de um azul ainda mais profundo; as casas pintadas junto ao cais; a exótica catedral, com a frente de mármore matizado; a rua das joalherias, como um bazar saído das Mil e uma noites; a rua dos palácios, com seus jardins mouriscos, suas fontes e laranjeiras; as mulheres envoltas em véus, como noivas; os escravos das galés acorrentados dois a dois; as procissões de padres e freis; o tinir incansável dos sinos; o som de uma língua estranha; a leveza e a claridade singular do clima – eram, todas ao mesmo tempo, tal combinação de encantos, que, no primeiro dia, vagamos a esmo, como se estivéssemos sonhando, como crianças num parque de diversões. Antes que a semana terminasse, tentados pela beleza do lugar e o salário, aceitamos trabalhar na Companhia de Estrada de Ferro Turim-Gênova, e deixamos Birmingham para sempre.

Então, iniciou-se uma nova vida – uma vida tão ativa e saudável, tão impregnada de ar puro e sol, que por vezes nos perguntamos como havíamos sobrevivido na escuridão no País Negro. Subíamos e descíamos a linha de trem o tempo todo: hoje em Gênova, amanhã em Turim, fazendo testes de viagens com as locomotivas, e colocando nossa experiência a serviço de nossos novos empregadores.

Enquanto isso, estabelecemos uma base em Gênova, e alugamos dois quartos em cima de uma lojinha, numa transversal íngreme que desembocava no cais. Uma ruazinha tão trafegada – tão inclinada e cheia de curvas, que nenhum veículo conseguia passar, e tão estreita que o céu parecia uma fita azul acima de nossa cabeça! Todas as casas dessa rua, no entanto, eram lojas, onde as mercadorias ficavam expostas nas calçadas, empilhadas na porta, ou penduradas como tapetes em cima dos balcões; e durante todo o dia, do nascer ao pôr do sol, um fluxo incessante de indivíduos subia e descia, entre o porto e o bairro alto da cidade.

Nossa senhoria era viúva de um artesão de prata, e vivia da venda de ornamentos de filigranas, bijuterias, pentes, leques e brinquedos de marfim. Tinha uma filha única, Gianetta, que trabalhava na loja e era a mulher mais bela que eu já vi. Olhando para trás após todos esses anos, e trazendo aquela imagem à minha frente (como sempre faço) com toda a vivacidade possível, não sou capaz, mesmo hoje, de detectar qualquer falha em sua beleza. Eu nem tentarei descrevê-la. Duvido que exista um poeta vivo que encontre as palavras para isso, mas, certa vez, vi uma pintura que se parecia com ela (nem tão adorável, mas, mesmo assim, muito parecida com ela), e que eu saiba esse quadro continua no lugar onde eu o vi pela última vez – na parede do Louvre. É a representação de uma mulher de olhos castanhos e cabelos dourados, olhando, sobre o ombro, um espelho redondo, nas mãos de um homem de barba ao fundo. Nesse homem, como então entendi, o artista pintou a si mesmo; nela, o retrato da mulher que ele amava. Nunca vi outra pintura tão bela e, ainda assim, esta não chegava à altura de Gianetta Coneglia.

Com certeza, a loja da viúva vivia abarrotada de fregueses. Toda a Gênova conhecia o belo rosto atrás do balcão daquela lojinha. E Gianetta, fútil como era, tinha mais enamorados do que poderia se lembrar, quem dirá, de seus nomes. Cavalheiro ou plebeu, rico ou pobre, do marinheiro de gorro vermelho comprando brincos ou amuletos ao nobre arrematando a metade das filigranas na vitrine, ela tratava todos da mesma forma – encorajava-os, ria-se deles,

manipulava-os como queria. Tinha o coração de uma estátua de mármore, como Mat e eu descobrimos aos poucos, do modo mais amargo.

Até hoje não sei como aconteceu, ou o que me chamou a atenção, pela primeira vez, de como tudo andava entre nós, mas, muito antes do fim do outono, surgiu uma frieza entre mim e meu amigo. Não havia nada que pudesse ser dito. Não havia nada que nenhum de nós pudesse ter explicado ou justificado para poupar a própria vida. Morávamos no mesmo dormitório, comíamos juntos, trabalhávamos juntos, exatamente como antes; até fazíamos juntos nossas longas caminhadas, à noite, após o dia de trabalho; e exceto, talvez, estarmos mais silenciosos do que antes, ninguém poderia detectar nenhuma sombra de mudança. No entanto, havia, silente e sutil, algo abrindo uma grande distância entre nós, a cada dia.

Não foi culpa dele. Mat era muito sincero e bom demais para fazer a situação chegar ao ponto que chegou entre nós. Nem acredito – impetuosa como é minha natureza – que fosse minha culpa também. Ela foi a culpada – do começo ao fim – do pecado, da vergonha e do sofrimento.

Se ela tivesse demonstrado a preferência abertamente entre nós, não teria nos acontecido nenhum mal. Eu teria me contido – e Deus sabe como! –, e aguentaria qualquer sofrimento para ver Mat feliz. Sei que ele teria feito o mesmo, e mais ainda, se pudesse, por mim. Mas Gianetta não dava nem um vintém por nenhum de nós. Nunca pretendeu escolher entre nós. Sua vaidade se gratificava em nos separar; ela se divertia em brincar conosco. Está acima das minhas forças dizer como, por mil imperceptíveis sombras de *coquetterie* – ao esticar um olhar, trocar uma palavra, entreabrir rápidos sorrisos – ela planejou virar nossa cabeça e torturar nosso coração, e fazer nos apaixonarmos por ela. Ela ludibriou os dois. Deu-nos esperança; enlouqueceu-nos de ciúmes; esmagou-nos em nosso desespero. Da minha parte, ao perceber a ruína que estava para atravessar nosso caminho, e como a mais verdadeira amizade que uniu duas vidas estava se desfazendo, eu me perguntei se alguma mulher no mundo valeria o que Mat e eu significávamos um para o outro. Mas eu não estava enxergando com clareza. Estava mais propenso a fechar os olhos diante

da verdade do que a encará-la, e continuei, voluntariamente, vivendo num sonho.

Assim o outono passou e chegou o inverno – o estranho, traiçoeiro inverno genovês, verde com oliveiras e ílexes, com o sol brilhando e terríveis tempestades. Rivais no amor e amigos aparentes, Mat e eu continuamos vivendo no mesmo alojamento em Vicolo Balba. Gianetta continuava com seus ardis mortais e sua beleza fatal. Por fim, chegou um dia em que não suportava mais sofrer, mantido naquele suspense. Jurei que o sol não iria se pôr naquele dia antes que eu soubesse a minha sentença. Ela deveria escolher um de nós. Ela iria me escolher ou me deixar. Eu me sentia um farrapo. Estava desesperado, determinado a aceitar o pior ou o melhor. Se fosse o pior, eu sairia imediatamente de Gênova, deixando-a para trás, com todas as metas e propósitos anteriores, e recomeçaria a vida. Eu disse isso a ela, num tom apaixonado e sério, postado de pé diante dela, na pequena sala no fundo da loja, numa fria manhã de dezembro.

– Se gostas mais de Mat – eu falei –, dize-me, numa só palavra, e nunca mais te perturbarei. Ele vale mais o teu amor. Sou ciumento e exigente; ele é tão confiante e altruísta como uma mulher. Dize, Gianetta; devo dizer-te adeus para sempre, ou devo escrever para minha mãe, em casa, na Inglaterra, pedindo-lhe que reze a Deus para abençoar a mulher que jurou ser minha esposa?

– Defendes bem a causa de teu amigo – ela replicou com arrogância. – Matteo deveria se sentir grato. Isso é mais do que ele jamais fez por ti.

– Dá-me uma resposta, pelo amor de Deus – exclamei –, e deixa-me ir!

– És livre para ir ou ficar, *Signor Inglese* – ela respondeu. – Não sou tua carcereira.

– Pedes que eu te deixe?

– Beata Madre! Eu não!

– Casas comigo, se eu ficar?

Ela gargalhou, uma risada divertida, sarcástica, musical, como o chacoalhar de pequenos sinos de prata!